

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Escola Superior de Desenho Industrial - ESDI

Psilocybe projectus: *Projetando Cogumelos Mágicos.*

Miguel Sarzeda



DEMO
LAB. DE DESIGN-FICÇÃO

ESDI

Rio de Janeiro - RJ, 2022



Miguel Sarzeda

Psilocybe projectus:
Projetando Cogumelos Mágicos.



Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Design apresentado à Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Daniel Portugal
Co-Orientadora: Barbara Szaniecki

Rio de Janeiro - RJ, 2022

Dedico este projeto e a conclusão deste ciclo aos meus mentores, Daniel e Barbara, pela paciência, por acolherem este trabalho inusitado e por terem me ensinado tanto. À João, Luana e Diana, por terem me ajudado a colar meus caquinhos quando eu rachei. À Thaís e minha família também. À Guilherme, nos encontros, desencontros e reencontros. Ao Balu. E claro, ao cogu.

Mil vezes obrigado. Esse projeto não seria possível sem cada um de vocês.

Sumário.

1. Introdução.....	[5]
--------------------	-----

Parte I: Pesquisa

2. A fatichização do cogumelo.....	[7]
3. O (anti)projeto.....	[10]
4. Cogumelo Mágico.....	[12]
5. Psicotrópico.....	[30]
6. Experiência-Rede.....	[49]

Parte II: Projeto Audiovisual

7. Proposta. Contando cogumelos.....	[54]
8. Referências Projetuais. Desestrutura Narrativa.....	[57]
9. Roteiro.....	[65]
10. Acervo Audiovisual.....	[68]
11. Montagem.....	[77]
12. Psicodélico Fatiche. Análise e conclusão do projeto.....	[82]
13. Referências.....	[84]
14. Anexo.....	[95]

1. Introdução.

O trabalho a seguir é um projeto em duas partes que pretende *reimaginar o cogumelo alucinógeno*, dissecando-o em múltiplas identidades coexistentes, reconfigurando-o numa indefinição que desafia a oposição entre o *natural e o artificial*. Como resultado deste exercício de reconfiguração, será possível redimensionar o estigmatizado debate drogas-crime-moralidade. Este trabalho o fará a partir da integração de uma etapa de pesquisa a um *projeto audiovisual* que objetiva imaginar formas disruptivas de aprofundar a representação e a leitura dos resultados igualmente disruptivos do estudo.

Na *Parte I*, portanto, evidenciaremos, a partir de uma investigação baseada na *Teoria ator-rede*, como esse cogumelo é na realidade uma identidade contextual e fluida, ao invés de uma identidade dada e eterna. É apenas e simultaneamente a partir de todos os particulares encontros entre ele e todos os elementos *humanos e não-humanos* com os quais interage, que os *cogumelos* passam a ter forma. Esta relação, ainda, é uma via de mão dupla, na qual estes mesmos elementos também são condicionados pela agência do cogumelo. Dessa forma, na medida em que os *cogumelos* e os demais elementos com os quais se relaciona atuam ambivalentemente — como criaturas de determinadas relações, das quais, ao mesmo tempo, são criadoras — as barreiras sólidas que segregam uma suposta natureza (das coisas *em si*, verdadeiras, estáticas, atribuidoras de sentido) de uma suposta cultura (das coisas *criadas*, falsas, instáveis, de sentido atribuído) começam a se diluir. Com a perda desta prévia categorização binária do mundo, pode-se deduzir o cogumelo como um agente natural e artificial ao mesmo tempo, ou antes, como algo que não é nem um nem o outro, mas sim uma rede de relações não-catóricas.

Na *Parte II*, com a organização dos resultados da pesquisa, partirei da incoerência conceitual que surge entre a “indefinização” dos cogumelos e as limitações inerentes à mídia acadêmica escrita. Em outras palavras, observamos que a noção de uma rede de inúmeras relações de agências espelhadas e simultâneas é comprometida pela linearidade inerente à gramática. Neste panorama de incoerências teóricas, a simultaneidade se perde numa cronologia inevitável e mesmo no próprio sentido fixo de leitura. A duplicidade das agências também é prejudicada, uma vez que a ação ocorre sempre no sentido sujeito-predicado. Além disso, a macroestrutura narrativa de um texto também é limitante e acaba segregando muitas interações e hierarquizando outras. Assim, o projeto irá propor um embaralhamento desta estrutura elaborada na etapa anterior a fim de enriquecê-la. Farei isto a partir de uma releitura dessa investigação numa mídia menos rígida e com regras linguísticas bem mais flexíveis: o *audiovisual*.

Com isso, teremos ao final deste projeto uma *pesquisa sobre a cogumelo-rede* que se desdobrará na *elaboração de um curta metragem*, que irá propor novas reflexões sobre o tema e sobre a própria prática de pesquisa na Teoria ator-rede.

Parte I

Pesquisa

2. A fatichização do cogumelo.

À primeira vista, nada é tão natural para nosso olhar moderno quanto assumir a natureza em sua inerente naturalidade. Isolada de nossa realidade de técnicas e tecnologias, de artefatos e artifícios, máquinas, sistemas, políticas etc., a natureza parece habitar seu próprio e idílico domínio. Seria absolutamente incoerente, nesta lógica, imaginar, mesmo que por um segundo, que o que tomamos como natural — um cogumelo, por exemplo — seja de alguma maneira construído. Entretanto, se levarmos em consideração certas provocações de Bruno Latour, subitamente tal lógica pode ser virada de ponta cabeça.

Nos perguntamos: o que diferenciaria um cogumelo de um computador (o primeiro sendo algo imerso em nossa rotina há séculos, que nos permite realizar uma série de relações e ações como rituais, marketing, transcendências, cultivos, curas, jurisprudências; e o segundo sendo um outro artefato que permite realizar outras tantas relações e ações como cálculos, chamadas de vídeo, amizades à distância, compras, refeições de grau, estudos, etc)? Para Latour (2010), a resposta é que, além dos aspectos particulares que os cercam, nada os diferencia categoricamente. Este é um embate-chave que movimenta a crítica do filósofo à lógica moderna.

Aqui não existe, como no projeto moderno, do qual ainda hoje somos herdeiros, uma repartição do mundo em duas metades: a natureza (da imanência, onde habita tudo que é “em si”: o *fato*, a ciência, a física, a biologia, o *cogumelo*) e a cultura (da transcendência, onde habita tudo que é construído pelo humano: o *fetich*¹, a sociologia, a percepção, o *computador*). O autor então propõe uma nova forma de organizar o mundo, que se distancia da divisão moderna do mundo em duas metades e leva em conta de forma igualmente fundamental o fato e o fetiche, num *fatich*.

A palavra ‘fetiche’ e a palavra ‘fato’ possuem a mesma etimologia ambígua [...]. A palavra ‘fato’ parece remeter à realidade exterior; a palavra ‘fetiche’, às crenças absurdas do sujeito. Ambas dissimulam, nas profundezas de suas raízes latinas, o trabalho intenso de construção que permite tanto a verdade dos fatos como a do espírito. É essa verdade que devemos desvelar, sem acreditar, nem nas elucubrações de um sujeito psicológico impregnado de devaneios, tampouco na existência exterior de objetos frios e a-históricos que cairiam nos laboratórios vindos do céu. E também sem acreditar na crença ingênua. Juntando as duas fontes etimológicas, chamaremos de *fatich* a robusta certeza que permite à prática passar à ação, sem jamais acreditar na diferença entre construção e compilação, imanência e transcendência. (LATOUR, 2021, p.45)

¹ Latour localiza no termo *fetich* uma alegoria muito significativa para retratar as controvérsias modernas. *Fetich* origina-se de *feitico* e de *feito*, o que o liga tanto ao artificial, quanto ao encantado, tornando-se um objeto que exerce uma força sobrenatural sobre o usuário e que foi, primeiramente, fabricado. Tal ambiguidade é incabível para os modernos. Ora, como algo construído pode influenciar como algo “em si” o faz? Ou se é um, ou se é outro. “Desde o princípio, a etimologia [...] recusa-se a escolher entre o que toma forma por meio do trabalho e o artifício fabricado no decorrer deste mesmo trabalho; essa recusa, essa hesitação acarretam fascinação, induzem sortilégios.” (LATOUR, 2021, p.23).

Assim, mesmo o nosso (a princípio) simples cogumelo, antes uma espécie dada no mundo — estável, estéril, intocada, natural — passa a se dissolver em artificialidade nas *redes sociotécnicas*. O cogumelo é na mesma medida fato e fetiche, natural e artificial — e, ao mesmo tempo, nem um nem outro, pois não há por que separar o mundo previamente nesses domínios. Em vez de ser previamente encaixado em um domínio, ele passa a ser verificado a partir dos elementos, artefatos, práticas, técnicas, tecnologias, formas de cultivo, consumo ou de nomenclatura, seus esporos e moléculas, em suma, de *evidências* que o localizem no mundo e na história do mundo. Dessa forma, entende-se que o cogumelo surge e toma forma a partir de tais evidências, deixando de ser dado eternamente em um suposto “em si” ou arbitrariamente em uma suposta “cultura”.

Entretanto, tais evidências nos falam mais claramente sobre a identidade desses fatices por meio das linhas que as ligam e as relacionam (LATOURET, 2010, p.33). A partir delas, podemos compreender mais profundamente como as evidências se movimentaram e se desviaram de maneira extremamente particular, sempre se chocando, encontrando e agregando mais e mais novas evidências, acabando, dessa forma, por descrever um fetiche específico. Por exemplo: o que um sistema de correios, a revista *Life*, neurônios, uma pediatra russa apaixonada por fungos, Jesus Cristo, a retórica do ex-presidente estadunidense Nixon, micélio, a transcendência em pacientes com câncer terminal submetidos à psilocibina, uma máquina de fazer cápsulas de plástico e o esterco de vacas têm em comum? A resposta é um “objeto” bastante ambíguo que pouco a pouco se apresenta como o cogumelo alucinógeno que estamos estudando através das narrativas que atravessam esses múltiplos pontos de observação.

Mergulhando mais a fundo nas investigações, veremos, ainda, que este mesmo cogumelo que toma forma, na verdade, nem mesmo se limita a uma única identidade cristalina. Se fizermos um simples estudo terminológico, poderemos traçar, sem muito esforço, no mínimo algumas linhas identitárias sobre o cogumelo e evidenciaremos sua volatilidade: mágico, psicodélico, Ndi-xi-tjo, recreativo, droga, *Psilocybe cubensis*, fungo, planta, sagrado, cura, fármaco etc. Notamos, portanto, que o cogumelo, ou melhor, que os *cogumelos*, são indefinidos e instáveis. Isso se deve às disputas em torno das relações entre as evidências, onde, num panorama de *incerteza coletiva*, múltiplos interesses e personagens (outros fatices-atores deste cenário) competem num cabo de guerra pela definição do objeto em questão (VENTURINI, 2010, p. 259-262).

Como exemplo deste cabo de guerra, tomemos o caso do julgamento de uma universitária da UFMG, acusada de tráfico de drogas. Ao ser abordada por policiais que a monitoravam, a mulher teve sua residência investigada. Lá, além de uma variedade e quantidade de substâncias ilegais, foram encontradas duas estufas com “cogumelos da espécie *Psilocybe cubensis*, a qual contém alucinógenos” de acordo com a Ação Penal nº 0024.19.121.939-3, do Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

Durante o julgamento, sua defesa alega que os “cogumelos eram somente para seu uso pessoal. Dessa forma, [...] consumia diariamente, no mínimo, 100g, como tratamento para sua depressão”. Na tentativa de desvincular o cogumelo da narrativa “droga”, portanto, a defesa o vincula a uma outra, a do “medicamento”. Esta abordagem, entretanto, não é suficiente para livrar a universitária da condenação,

mediante todo o resto deste contexto e a aparente desproporção na quantidade de substância indicada no tratamento.

Entretanto, neste mesmo ambiente legislativo ocorre algo interessante. Enquanto o *Psilocybe cubensis* corroborou para a condenação da universitária, o mesmo não ocorre com as diversas lojas/empresas que o comercializam muito abertamente em diversas plataformas digitais. No caso destas lojas, é de praxe um *disclaimer* que notifique que tais cogumelos são vendidos (com notas fiscais, diga-se de passagem) para exclusivos “FINS DE PESQUISA, COLEÇÃO E AMOSTRA BOTÂNICA” (NATUREZA DIVINA, [s.d.], caixa alta no original). Muitas vezes ainda o associam ao contexto religioso das práticas ligadas a este fetiche. Em qualquer um dos casos, estas empresas apoiam suas atividades numa ambiguidade legal muito conhecida: embora a psilocibina esteja vedada pela Anvisa, as espécies de cogumelos que contém este princípio ativo não estão, e portanto não são explicitamente ilegais (o oposto do que ocorre, analogamente, com espécies de maconha).

Nesta breve análise, portanto, vemos nitidamente uma disputa, que ao tomar forma, delimita as próprias formas do *cogumelo*, o qual é cada uma das identidades que assume, e ao mesmo tempo todas elas. É uma existência fragmentada e inteira. Ele é simultaneamente os “100g” de antidepressivo diário da universitária e a substância ilícita que põe em “risco vital” dezenas de outros universitários. É interessante ver que para este trabalho investigativo, é nestas *controvérsias* (VENTURINI, 2010, p.264), nestes cenários de cabo de guerra, que encontraremos as evidências se apresentando com maior vigor, e portanto elas serão uma importante abordagem metodológica.

A partir daqui, desvendaremos alguns destes cogumelos distintos, pontos num longo e interminável projeto de relações e fetiche humanos e não-humanos — como formas de uso, matéria em decomposição, comunidades, ONGs, atividade neurológica, pesquisas científicas, identidades visuais, mutualismos, metodologias científicas, legislações, umidade, reprodução, códigos coloniais, vacas, festivais de música, experiências pessoais, instagram, sons, ícones religiosos, tecnologia de cultivo, cores, padrões fractais, esterco, algoritmos etc.

Enfim, esta estratégia de observação acabará evidenciando uma série de lacunas e relações inusitadas entre elementos que podem ser igualmente inusitados, conferindo a este trabalho um ambiente projetual bastante rico, no qual poderíamos nos perguntar de uma centena de maneiras como contribuir, através deste trabalho, para o design/projeto do cogumelo. Veremos também que a própria relação da metodologia de investigação com sua forma de representação produzem lacunas muito importantes que identificaremos ao longo da pesquisa, e na passagem entre a *Parte I* e a *II*, nos indagaremos se a riqueza do resultado está evidente em seu máximo. Neste sentido, portanto, a própria *Teoria ator-rede* — como Latour nomeia nossa prática cartográfica (LATOURE, 2005) — traz seus próprios desafios e oportunidades projetuais que podem, harmonicamente, ser abordadas por práticas, técnicas, pensamentos e ferramentas do design, que serão debatidos na etapa projetual deste trabalho.

3. (Anti)projeto.

No início, pouco a pouco comecei a perceber que me encaminhava em direção a uma série de sessões de quebra-cabeças. A *cartografia de controvérsias* e das redes de fatiches é, afinal, indefinível. É sobre não aderir a atalhos, fórmulas, roteiros, suposições conceituais ou metodologias prévias no intuito de que alguma delas possa, sozinha — ou mesmo com algumas poucas parceiras — dar conta de explicar todo um mundo de fatiches que floresce infinitamente e das mais diversas formas a partir das observações feitas (VENTURINI, 2010).

Diante desta rigorosidade metodológica, esta cartografia poderia começar, portanto, de um anteprojetado, ou melhor, de um (anti)projeto², para compreender as próprias formas de pesquisa que eu deveria tomar. O desafio inicial, então, se apresentava: compreender como reconhecer evidências — sem, contudo, criar vícios de suposição — em alinhamento com uma maneira de organizar um conteúdo muito pulverizado de forma compreensível — estável o suficiente para estudá-lo e ao mesmo tempo, instável o suficiente para editá-lo e expandí-lo.

Para ambos os trabalhos, tanto de *reconhecimento* quanto de *esquematisação* (os dois, inclusive, misturando-se), tratou-se, principalmente, de um esforço conceitual de alinhamento com minha base teórica. Isto era, e ainda é, um exercício prático constante e em crescente refinamento, no qual pouco a pouco, apenas conforme a pesquisa toma corpo, vou materializando os conceitos, antes abstratos, da *Teoria ator-rede*. Aqui, um grande desafio deste proceder é também uma curiosidade chave: como algo que a princípio é tão profundamente amplo (a ponto de afetar a existência desde o princípio dos tempos) se apresenta de maneira tão simples (LATOURE, 2010, p.11-12)?

A cartografia das controvérsias repousa numa única instrução: “apenas olhe para as controvérsias e diga o que vê” (VENTURINI, 2010, p.259, tradução minha). Embora a instrução seja, a princípio, singela, este simples direcionamento é pego por todo o emaranhado de questionamentos até aqui relatado e, portanto, deveria começar, sim, de uma “mera” coletânea de observações, porém de forma absolutamente não-categorica do conteúdo, costurando-o numa malha de relacionamentos profundos de evidências, sem buscá-las a partir de suposições prévias e, após encontradas, não conferindo-lhes significados que não tenham partido imediatamente de sua relação com todas as outras evidências encontradas.

Dessa forma, então, meu *diário de bordo* (LATOURE, 2002, p.10) começava a ganhar corpo e a enriquecer-se, aumentando a complexidade dos cogumelos e planificando-a numa rede de encontros. Neste ponto, o cogumelo podia ser visto numa crescente totalidade a partir da sobreposição de subseqüentes interações, porém a perda das nuances rizomáticas da simultaneidade e da dupla-agência de um ator-rede

² Como dito, nossa estratégia investigativa não pretende criar técnicas de resolução universal dos conflitos de evidências que surgem. Desta forma, ela resiste a assumir uma forma definitiva de metodologias facilitadoras, tal qual, opostamente, supõe-se muitas vezes que deve ser o objetivo de um projeto. Assim, abraçando as oposições propostas pelo universo das controvérsias, apelidei este projeto preparatório, que antecede o projeto definitivo, de (anti)projeto.

mencionada na introdução começou a ser percebida. Ainda assim, decidi seguir com uma estruturação mais tradicional para esta primeira etapa, de pesquisa. No desenrolar da escrita fragmentei o mapeamento da rede em algumas linhas narrativas nomeadas a partir das identidades mais pregnantes em termos de interações e associações com outros elementos; linhas narrativas estas, nas quais se evidenciarão os principais pontos de encontro/colisão que surgiram com a gradual descoberta de evidências. Aqui, a estratégia foi, portanto, organizar primeiro uma estrutura sólida e mais imediatamente reconhecível, a partir da qual poderia traçar conclusões de maneira mais organizada, para então, na subsequente etapa projetual, reelaborá-la de forma mais maleável e a-linear para um aprofundamento conceitual a partir do desenvolvimento de uma curta metragem como produto final deste projeto multidisciplinar.

•••

A partir daí, início o projeto de pesquisa. O que está retratado a seguir é uma organização de um mapeamento dinâmico realizado anteriormente de forma mais livre no Figma. Esta ordenação através de um texto linear irá expandi-lo e enriquecê-lo de forma que não seria possível na plataforma mencionada. Para construir esta linearidade, as linhas narrativas citadas no último capítulo partiram de um agrupamento visual-temático e serão divididas nos seguintes subcapítulos: 1) *Cogumelo Mágico*, que parte das evidências iniciais e foca nos primeiros choques entre a modernidade e o cogumelo; 2) *Psicotrópico*, que foca na marginalização do cogumelo e nas disputas legais em torno dele no Brasil; 3) *Experiência-rede*, que narra o encontro pessoal entre ele, minhas sensações, subjetividades e alguns outros elementos num experimento de consumo. Você pode acessar o mapa na íntegra com resolução (ampliável) através deste link <[figma.com](https://www.figma.com)>.

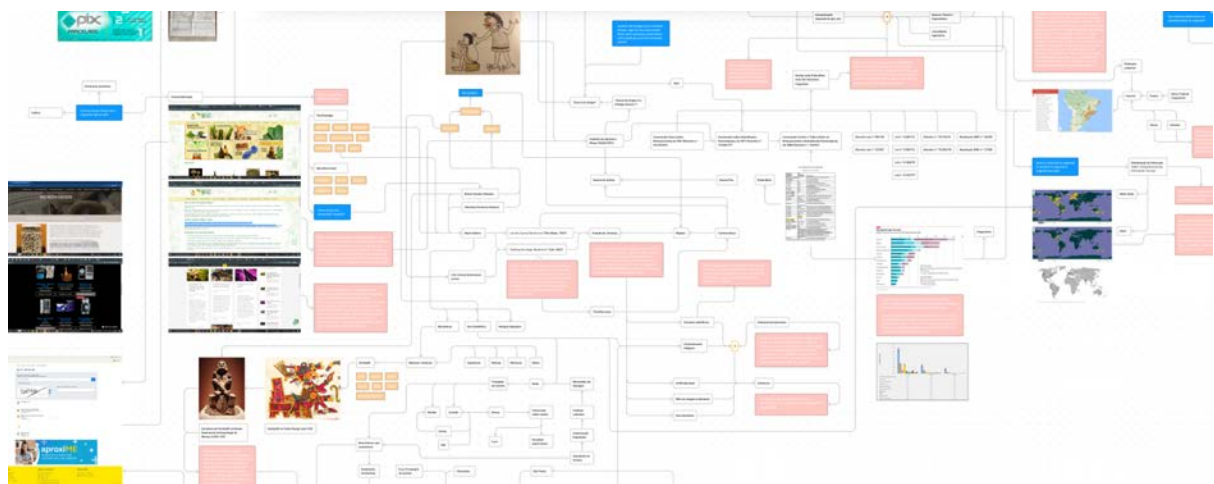


Figura 1: Recorte do mapeamento no Figma. Fonte: Print autoral. Como não é possível exportar o projeto de forma legível em alta definição, a visualização em imagem fica comprometida.

4. Cogumelo Mágico.

Por onde anda o cogumelo hoje em dia? Para mim não foi preciso muito esforço para que certos acasos — ou melhor, fatalidades — me informassem as coordenadas de seu habitat artificial no início desta investigação. Pelo contrário, parece que o cogumelo quase que autonomamente me buscou. Bastou um ex-namorado de uma amiga, uma ida à praia, uma longa conversa num trânsito interminável, uma vocal paixão pela descoberta da *mágica* do *coqu*, um invasivo e pouco discreto algoritmo do instagram e *voilà!* Alguns perfis/lojas de cogumelos mágicos e *afins* (*afins* estes que destrincharemos melhor em sequência) espontaneamente começaram a seguir meu perfil na rede social citada.

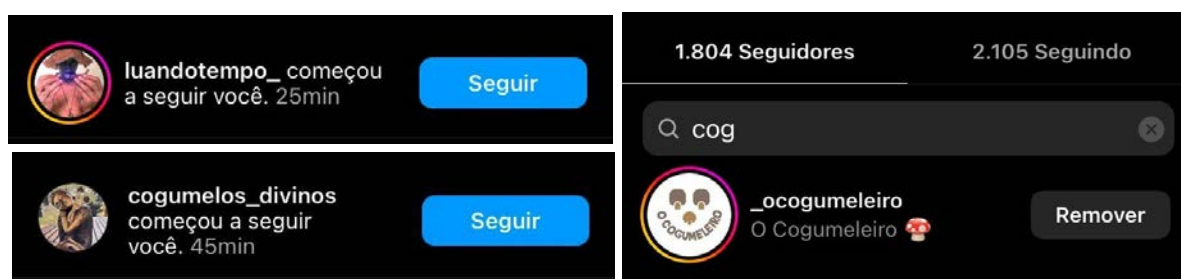


Figura 2, 3, 4: Algumas das lojas de cogumelo que me seguiram no instagram. Fonte: Prints autorais.

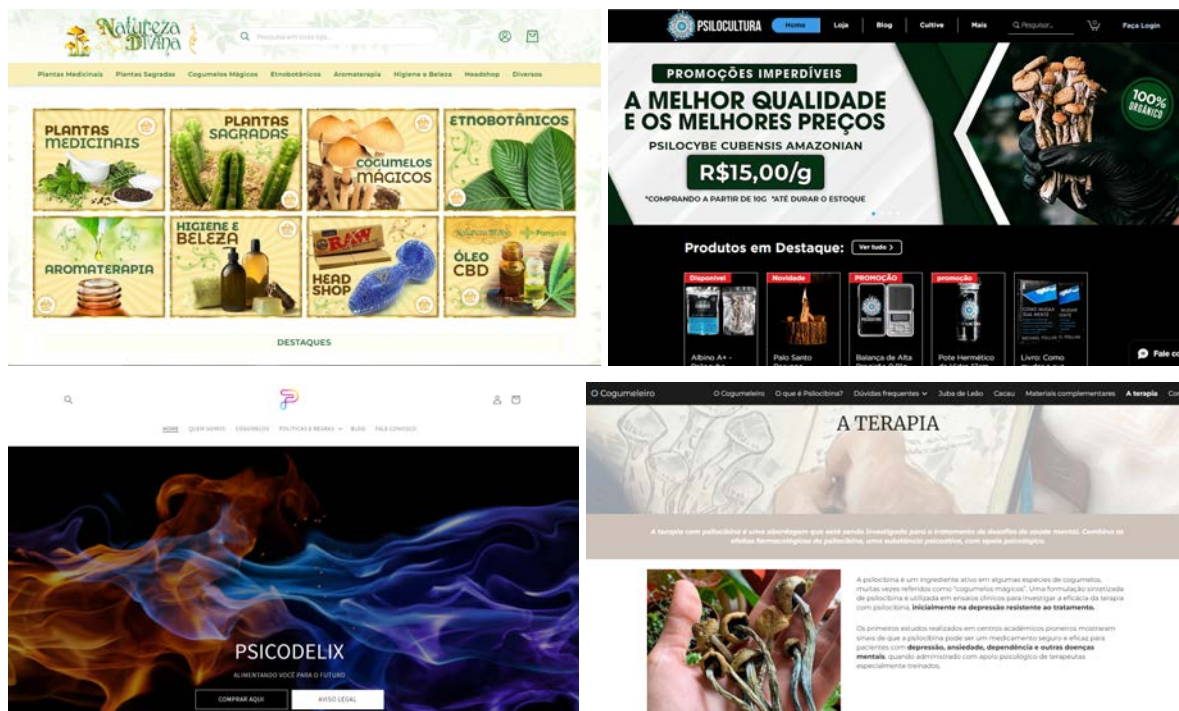
Este me parecia um bom ponto de largada. As lojas online de cogumelo, atualmente, são as interfaces que permitem com mais facilidade que o cogumelo chegue em minhas mãos. Além disso, por tratar-se de um *sistema de mercado*, o cogumelo é introduzido numa estratégia de *marketing*, que pretende muito explicitamente construir um imaginário de seu *produto* de forma a conectá-lo com um determinado público. Em outras palavras, há um trabalho de construção de identidade que pode ser muito rico para minha pesquisa.

Ao esmiuçar tais narrativas, percebo que o cogumelo se liga a uma série de elementos terminológicos que se repetem de novo e de novo, em loja após loja: sagrado, espiritual, tradicional, milenar, transcendental, natural, tratamento, cura, psicodélico, *mágico*. Alguns sites o associam mais a um tom científico e moderno (como a *Psilocultura* e *O Cogumeleiro*) e outros mais a um tom etéreo e tradicional (como a *Natureza Divina* e o *Cogumelos Divinos*)³. Em qualquer caso, entretanto, sempre parece haver um apego à dimensão mágica recorrente em todos os relatos de uso⁴, algo que parece refletir-se na

³ Há outros, ainda, que encontram-se numa interseção quase simétrica, como o *Psicodelix*, que se descreve como uma organização de pesquisa médica e ao mesmo tempo uma comunidade religiosa.

⁴ Estes relatos psicodélicos curiosamente semelhantes se estendem desde renomados escritores como Aldous Huxley (1954), a jornalistas como Michael Pollan (2022) e a uma senhora católica com câncer terminal (entrevistada no episódio 2 do documentário *Como mudar sua mente*, de 2022) por exemplo. Todos relatam em suas transcendências, de maneira poética e encantada, sensações extra- dimensionais (espaço-tempo), citando o contato com uma dimensão de conexão por trás da experiência da vida.

identidade destes sites. Observando destes pontos, o público consumidor, ao redor do qual gira esta narrativa, parece estar bastante conectado a este imaginário singular, dada tamanha difusão do mesmo.



Figuras 5, 6, 7, 8: Lojas de cogumelo online. Fontes [sentido de leitura]: <naturezadivina.com.br>, <psilocultura.com.br>, <loja.psicodelix.com>, <ocogumeleiro.com>.

O retrato do cogumelo, entretanto, não é apenas falado. Os termos se refletem também em imagens. Novamente, o cogumelo parece pairar entre dois *ethos*, o tradicional e o científico. De um lado, identidades visuais ligadas ao artesanato (formas imprecisas, abstratas, “à mão”, espontâneas), ao natural (folhas, cogumelos, raios de luz), ao fantasioso e ao druídico (representando motivos naturais num tom um tanto místico). Do outro, identidades visuais mais rígidas, modernistas (geométricas, precisas), estéreis (“neutras”) e laboratoriais. Entretanto, mesmo neste último caso, sempre há um espaço reservado para alguma indicação da dita *magia* (uma mandala aqui, um padrão fractal lá, um gradiente de cores acolá, e, claro, o nome *cogumelo mágico*).

Mesmo se nos voltarmos para os produtos vendidos⁵, perceberemos que este é também um campo repleto de indefinição. O cogumelo sempre trata-se do carro chefe do marketing, mesmo que a experiência psicodélica se distribua entre outros fe(i)tiches (Palo Santo, Argyreia Nervosa, cactos sagrados, Jurema etc). O *cogumelo mágico* sequer é apenas uma espécie de cogumelo. Os mais comuns nestas lojas brasileiras são o *Psilocybe cubensis* e o *Amanita muscaria* (mais tarde retomaremos este aspecto de recorte de pesquisa), mas quase sempre que se fala em *cogumelo mágico*,

⁵ Além das próprias espécies comercializadas, mais uma faceta da disputa ambígua entre científico e tradicional são os próprios apetrechos também vendidos nas lojas. Do lado laboratorial, vendem-se vasos herméticos, balanças de alta precisão, seringas com esporos, potes desseccantes, sílica, Cloreto de Cálcio etc. Do lado artesanal, vendem-se pipes, cases, bongos, produtos de higiene e beleza naturais, artefatos de aromaterapia, cotonetes com esporos etc.

representa-se o *Psilocybe*, por si só um gênero psicodélico com ao menos 116 espécies (GUZMÁN, 2005).

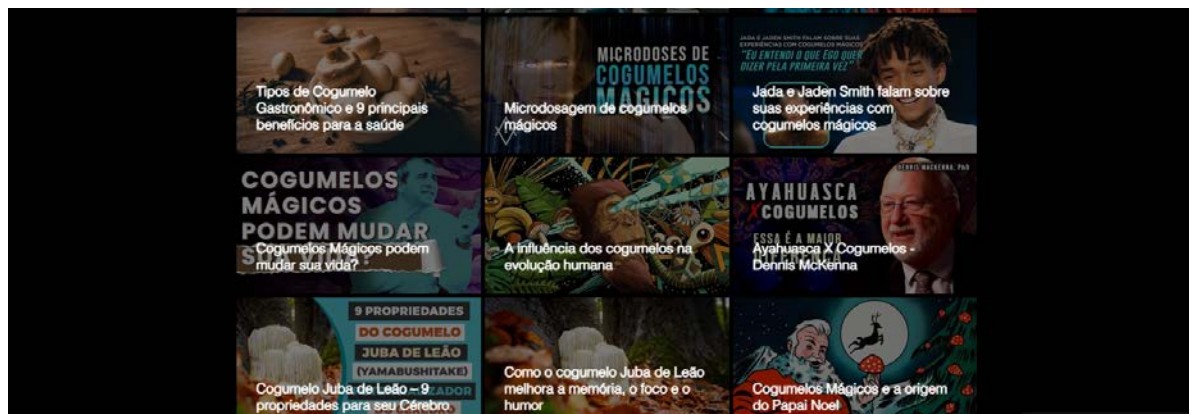


Figura 9: Matérias acerca do cogumelo mágico. Fonte: <psilocultura.com.br>.

Em todo caso, aliando estes elementos aos textos, notícias, disclaimers etc presentes em tais sites, tudo indica um esforço por validar o espaço do cogumelo na realidade contemporânea, um esforço por seu resgate mediante nosso novo contexto sociotécnico ocidental (internet, novas políticas, pesquisas científicas, novos insights sobre doenças, indústria etc), seja evocando o cogumelo do retorno ao orgânico e saudável ou o cogumelo terapêutico e psiquiátrico (seja, talvez, os dois ao mesmo tempo). De toda forma, vale notar que se algo deve ser reintroduzido, este algo já esteve introduzido em algum momento e foi retirado de seu espaço por algum, ou alguns, motivos que operam ainda hoje. Aqui, então, me deparei com a necessidade de olhar para o passado e investigar como o cogumelo se chocou com a modernidade de forma a vir primeiramente a ser *mágico* e posteriormente ser marginalizado.

...

Se projetarmos uma trilha investigativa a partir do protagonismo do gênero *Psilocybe* no nosso cenário, podemos partir de sua distribuição demográfica para rastrear seu paradeiro. Das mencionadas mais de 110 espécies, é notável que grande parte delas, cerca de 20 distintas, tenham sua origem num único território: o México (RAMÍREZ-CRUZ et al., 2021). Esta grande variedade de opções concentrada numa região bastante específica pode ter sido um fator decisivo para o encontro de diversos povos originários da região da América-Central com o que viriam a ser os *hongos sagrados*. Em seus códices coloniais, por exemplo, o frade Bernardino de Sahagún descreve de sua perspectiva cristã alguns aspectos das práticas desenvolvidas a partir destes encontros:

Primeiramente, os cogumelos foram servidos. Eles os comeram na hora em que, eles disseram, os *trompetes de concha* foram tocados. Não comeram mais nenhuma comida; apenas *beberam chocolate* ao longo da *noite*. E eles comeram os cogumelos com *mel*. Quando os cogumelos surtiram efeito neles, então *dançaram*, então *choraram*. Porém alguns, enquanto ainda no comando de seus sentidos, entraram e sentaram-se lá, próximos à casa, em seus assentos; eles não

dançaram mais, mas apenas sentaram-se lá, acenando com a cabeça... E quando os efeitos dos cogumelos os deixaram, eles *consultaram entre si* e contaram uns aos outros o que haviam visto em visão. (SAHAGÚN, 1959, p.38-39, tradução e grifo meus)

Além de relatos estrangeiros escritos como este, muitos destes povos originários possuem ao menos alguma forma de registros em relação a essas espécies⁶, seja, por exemplo, pelos próprios nomes conferidos a elas, por poemas, murais, artesanato ou esculturas. Uma dessas esculturas (em exposição no Museu Nacional de Antropologia do México), por exemplo, ilustra a divindade *Xochipilli*, associada ao amor, à beleza, ao prazer, aos jogos, à dança, ao milho e à *ebriedade sagrada*. Confeccionada no período pós-clássico mesoamericano, ela foi analisada pelo etnobotânico Gordon Wasson, que indicou que por toda a escultura espalhavam-se motivos *enteógenos* como o tabaco, a *Ololiuqui* (glória da manhã) e o *Teonanácatl* (carne de deus, os *hongos sagrados*). Além disso, a própria expressão facial da estátua foi associada ao estado de êxtase (comunicando com o divino).

Species	Habitat, location, and endemism	Conservation status	Indigenous groups documented using psychoactive mushrooms
<i>Psilocybe aztecorum</i> apipiltzin or niño de las aguas in Spanish ("rain water child")	Grows on decomposing woody debris and in Mexico is found along the ravines in mountainous areas at elevations of 2,000–4,000m in open conifer forests. Country occurrence: Mexico and Canada.	IUCN: Vulnerable NOM-059: A	Nahuatls
<i>P. caerulescens</i> teotlaquilnánacatl, "sacred mushroom that paints or describes," derrumbe or "landslide" mushrooms. Other names: cañadas, derrumbe de agua, derrumbe negro, hongo de desbarrancadero	Grows on disturbed ground, on muddy soils with wooden debris, has a wide distribution range and low specificity in vegetation type. Country occurrence: Mexico, USA, Panama, Costa Rica, Venezuela, Ecuador, and Brazil.	IUCN: Least concern NOM-059: A	Mazatecs Mixes Nahuatls Totonacs Zapotecs Purepechs (?)
<i>P. cordispora</i> chamaquillo, atkad "judge"	Found in mountain cloud forest. Endemic to Mexico	IUCN: Endangered NOM-059: Pr	Mazatecs Mixes Totonacs
<i>P. cubensis</i> San Isidro, gold cap	Pan-tropical, the most common mushroom in cultivation. Found on cow (and occasionally horse) dung, sugar cane mulch or rich pasture soil. Found in multiple countries across the world, both in the wild and in cultivation.	Not listed	Chatins Mazatecs Mixes Nahuatls Zapotecs
<i>P. fagicola</i> señores principales	Grows in broadleaf forests, e.g., beech. Endemic to Mexico.	IUCN: Endangered NOM-059: A	Nahuatls (?) Totonacs (?)
<i>P. hoogshagenii</i> los niños or los chamaquitos ("the little boys"); in Mazatec as pajaritos de monte ("little birds of the woods")	Found in humus or clayey soils in subtropical coffee plantations. Country occurrence: Mexico, Argentina, Colombia, and Brazil.	NOM-059: A	Mixes Zapotecs

Figura 10: Trechos de tabela produzida por Anya Ermakova (2022) baseada em diversas pesquisas realizadas por Gúzman et al. Fonte: <chacrana.net>. Aqui podemos evidenciar múltiplas espécies que se encontram ainda hoje difundidas entre uma variedade de povos, cada um trazendo suas próprias relações com o cogumelo.

⁶ Pode-se dizer que, embora o relacionamento com cogumelos psicoativos não seja uma exclusividade mesoamericana, é nessa região que se dá um dos mais longos relacionamentos entre humanos e "plantas" psicoativas que se tem registro (LÓPEZ-MUÑOZ et al., 2007). Aqui é interessante se questionar em que medida o volume de registros se relaciona com o esforço e interesse da busca — dada a vulgarização e popularização do mito dos cultos mazatecas e da introdução dos *hongos sagrados* no ocidente — e em que medida se relaciona a abundância de evidências.



Figura 11: Escultura de *Xochipilli* no Museu Nacional de Antropologia do México. Fonte: <[flickr.com](https://www.flickr.com/photos/antropologia_mexico/)>. Ao lado esquerdo, a escultura por inteiro. Ao lado direito, um corte focando na representação dos *Teonanácatl* no pedestal. Pode-se perceber o chapéu, o himênio e a junção de múltiplos corpos em uma espécie de mandala.

Quando cruzamos elementos de clara reverência como estes com os relatos das práticas que se davam em torno do *Teonanácatl*, percebemos a profundidade do impacto deste último para os mexicas (astecas), por exemplo. Aqui percebemos como o cogumelo é um elemento-interface essencial para a movimentação de diversos outros aspectos da rede sociotécnica mexicana, desde cultos, festivais e rituais de cura, até visões que norteariam o futuro da comunidade, afetando mesmo a relação deles com outros elementos, como o cacau e o mel, e por consequência técnicas e tecnologias de coleta e cultivo. É um elemento tão influente que, portanto, é tornado divindade.

Entretanto, desde o choque com o com o cristianismo a partir da invasão colonial espanhola, as práticas ligadas aos cogumelos — “idolatria” de ícones-fetiches inimiga dos modernos (LATOURET, 2002, p.15) — foram sendo marginalizadas, perseguidas, proibidas, absorvidas e transformadas em um curto espaço de tempo, sendo relegadas a formas de existência mais discretas e reclusas (VARELLA, 2013, p.47-50). Aqui já vemos os efeitos do primeiro choque do nosso objeto de análise com o ocidente, que repercutiu numa transformação e retração da complexidade das redes-cogumelo a partir do surgimento do cogumelo *pagão*. Ainda assim, isto não pode ser traduzido no desaparecimento dos cultos. Atualmente alguns povos como os Zapotecas, os Náuatles, os Mixtecos, os Mixes, os Mazatecas, entre outros, seguem se relacionando com os *hongos* (GÚZMAN, 2008). Uma das chaves para a sobrevivência destas práticas é um curioso sincretismo (STAMETS, 1996, p.13; VARELLA, 2013, p. 48).



Figura 12: Asteca consome cogumelo e se transforma. Fonte: <famsi.org>. Acima, uma das ilustrações do *Codex Magliabechiano* (15-- , p.90) representando (muito parcialmente) a prática do uso do cogumelo. Ele corrobora na articulação de um imaginário cristão em torno do *Teonanácatl*, tornando-o um objeto de adoração pagã, endiabrado, que põe em risco a humanidade em uma pessoa. Desta forma, o usuário do cogumelo torna-se um inimigo da fé, a ser purificado pelos católicos colonialistas.

Se pensarmos na noção de *controvérsias* como apresentada por Latour, é muito intrigante como este caso exemplifica nitidamente o sentido da instabilidade vs. estabilidade. Controvérsias “se iniciam quando os atores descobrem que não podem ignorar um ao outro e controvérsias terminam quando os atores arranjam uma maneira de desenvolver um compromisso sólido de viver juntos.” (VENTURINI, 2010, p.261, tradução minha). O movimento de uma controvérsia, portanto, vai sempre em direção a uma resolução, à estabilização dos conflitos, que são instáveis por conta da indefinição do significado dos atores envolvidos (neste caso, o cogumelo). No caso dos Mazatecos, por exemplo, os cultos dos *hongos*, sem espaço num mundo colonizado moderno, se transformam a partir do contato com o Catolicismo, que os permeia trazendo diversos novos elementos — como o Deus católico, imagens da Virgem Maria, altares de Cristo, canções, orações cristãs em línguas indígenas, vocábulos, o imaginário de santidade cristã, com véus e genuflexões etc (WASSON, 1957) — ao significado religioso anterior conferido ao *Teonanácatl*⁷, produzindo um acordo de uma nova forma de existência, dessa vez mútua (com cessões e concessões de ambos os lados), transformando-o num novo fetiche, os *hongos sagrados*.

⁷ A tradução do termo (náuatle) *Teonanácatl* seria algo como Carne de deus. Algo curioso aqui é pensar no sutil sincretismo inesperado do termo em relação às práticas cristãs. Muitos elementos das narrativas encontradas nos registros destas cerimônias indígenas sugerem um aspecto de *comunhão* com o divino a partir da ingestão do *Teonanácatl* (Carne de deus). De forma extremamente simétrica, na tradição cristã, há também a prática da *comunhão* com o divino a partir da hóstia (carne de Deus). Em uma cerimônia registrada por Nicolás Echevarría (1979), María Sabina chega a se referir ao *Dishitoó* (o *hongo sagrado* em mazateco) como carne de Cristo. Uma diferença marcante, entretanto, é que a hóstia não possui um princípio ativo alucinógeno.

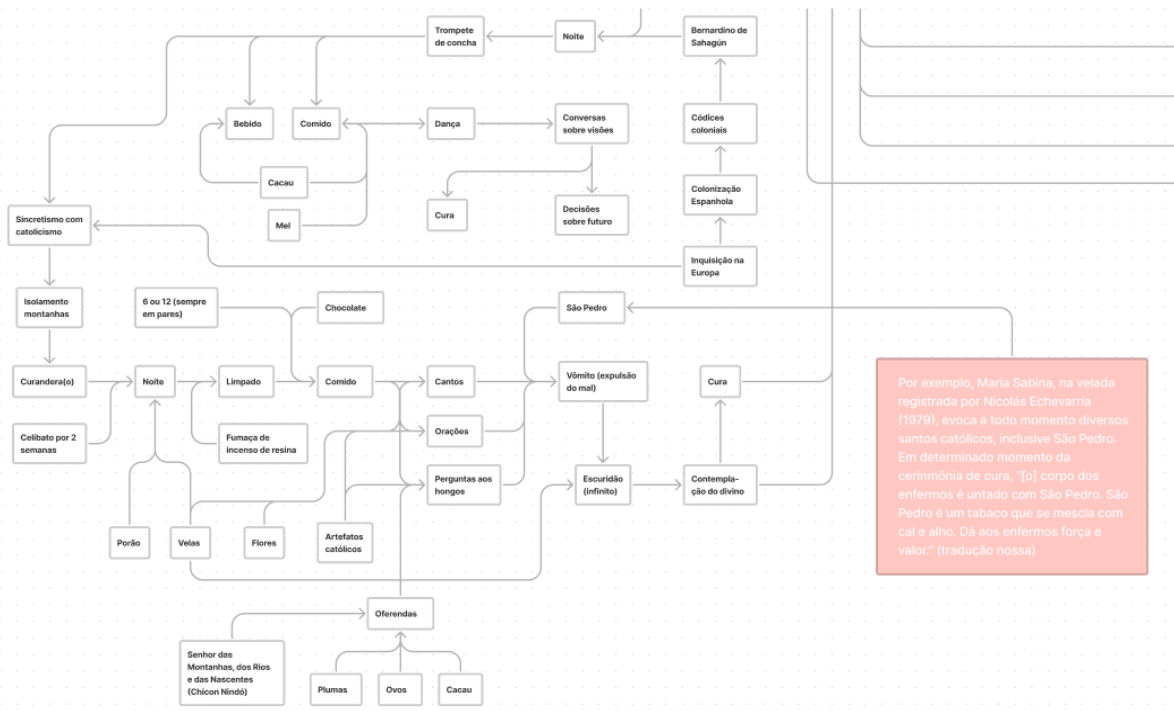


Figura 13: Trecho do mapeamento (Figma). Fonte: Print autoral. O esquema sintetiza os elementos presentes nos rituais indígenas e os relaciona. O trecho superior representa as práticas pré-colombinas e o inferior, as novas formas e elementos surgidos do sincretismo.



Figura 14, 15, 16, 17, 18: Trechos de cerimônias com os hongos sagrados apontando sincretismo. Fonte 14, 15, 16 [sentido de leitura]: (ECHEVARRÍA, N. 1972, 35:18 min; ibidem, 30:34 min; ibidem, 22:07 min). Fonte 17, 18: (RICHARDSON, A. 1955). Nestes registros, notam-se diversos elementos do encontro sincrético mencionado. Abaixo, uma fala de Maria Sabina, curandeira mazateca, descrevendo sua primeira destas cerimônias (as veladas).

Fiz a velada em que curei minha irmã Maria Ana como os antigos mazatecos. Usei velas de cera pura, flores, açucenas e gladiolos... Queimei o copal num braseiro e com a fumaça defumei os meninos santos que tinha nas mãos. Antes de comê-los, falei com eles, pedi-lhes favor. Que nos abençoasse, que nos indicasse o caminho

da verdade, a cura. Que nos desse o poder de rastrear as pegadas do mal, para acabar com ele! Eu disse aos cogumelos: 'Tomarei seu sangue. Tomarei seu coração. Porque minha consciência é pura e limpa como a sua. Dêem-me a verdade. Que me acompanhem São Pedro e São Paulo...' (SABINA, 1984, p.52)

Pode-se dizer, pelo volume de referências e estudos feitos sobre os Mazatecas em contraste com outros povos que também se relacionam com os *hongos*, que os primeiros são a comunidade sincrética atual com maior visibilidade no contexto dos *cogumelos mágicos*. Olhando em retrospecto, isso parece se iniciar a partir de um encontro fundamental entre este grupo e um influente casal de etnobotânicos autodidatas ocidentais no fim dos anos 1950.

•••

Em 1955, após mais de 30 anos de micologia nas horas vagas, o casal Robert Gordon Wasson (vice-presidente de banco) e Valentina Pavlovna (pediatra), finalmente localiza a porta de entrada para o mitológico mundo secreto dos *cogumelos divinos* (pelo menos para o ocidente esquecido de seu próprio passado colonial). No povoado de Huautla de Jiménez, no México, a curandeira María Sabina concedeu uma receptiva abertura que culminou na documentação dos conhecimentos de sua comunidade⁸, encontro que viria a escancarar a porta gentilmente aberta e deixar derramar o *cogumelo mágico* sobre o mundo todo (e também do contrário, deixar o mundo todo derramar sobre o *hongo sagrado*).



Figura 19, 20: Artigos sobre “descoberta” dos cogumelos. Fontes [sentido de leitura]: <psychedelicalpha.com>, <static.squarespace.com>. Da esquerda para a direita, *Seeking the Magic Mushroom* (1957), de Wasson, com fotos de Allan Richardson. À direita, *I Ate the Sacred Mushroom* (1957), de Pavlovna. Ambas as matérias narram a experiência e as motivações do casal no encontro com María Sabina (identificada até então pelo pseudônimo Eva Mendez).

⁸ Não existia, aparentemente, um acordo bem definido sobre essas práticas. Wasson (1957) resolveu um tanto arbitrariamente validar as práticas de Maria Sabina como verdadeiras enquanto descartava variações de outros curandeiros que encontrou na região. Sob nossa ótica, registros que ao moderno parecem apontar para uma disputa entre real e falso, apontam apenas para um contexto de indefinição, de uma prática religiosa pouco sedimentada quanto às suas formas de expressão e condução.

Dois anos mais tarde, a experiência foi publicada na revista *Life* como o terceiro capítulo de uma série de reportagens intitulada *Grandes Aventuras* (WASSON, 1957). *Buscando o cogumelo mágico* (tradução minha) foi um elemento primordial na redescoberta do cogumelo pelo Ocidente. Aliando a grande difusão da revista e todo o tom romântico e pop já conotado desde a leitura do título e da categorização temática (aventura) proposta pela revista, a matéria foi um grande sucesso de repercussão, sendo uma interface entre o cogumelo e o público geral (POLLAN, 2018). Foi nela, inclusive, que o termo *mágico* foi utilizado pela primeira vez para se referir ao *hongo sagrado*.

Todo o relato é feito com um tom desbravador, como um romance vivido por uma espécie de herói dos cogumelos, em primeira pessoa, nos lembrando constantemente da conquista pessoal que era esta “descoberta”. Como consequência, após este artigo (aliado a outros lançamentos subsequentes relacionados) Wasson, Pavlovna e um crescente volume de pesquisadores dos EUA e do Norte político foram postos na figura de pioneiros quando o assunto é *cogumelo mágico*, apagando em grande parte o papel ativo de comunidades indígenas na *construção* do que era e viria a ser o cogumelo⁹. Na perspectiva moderna, o vínculo entre povos indígenas e o cogumelo era equivocado, completamente diferente do vínculo entre o mesmo e a ciência. Retomando, então, tal perspectiva e replicando a lógica colonial da descoberta, a ciência dos fatos “em si” discrimina todo conhecimento e prática tradicional indígena como uma ilusão pré-moderna e pré-científica (LATOUR, 2002, p.19) vinculada a um passado desde sempre extinto. Mesmo que a matéria de Wasson e por muitas vezes a cultura ocidental que se forma em torno do cogumelo evoquem este passado místico com um certo vislumbre nos olhos (ignorando que na realidade trata-se de um presente compartilhado), o faz como se o *cogumelo mágico* fosse uma lenda destinada ao homem branco, secreta, esperando para ser encontrada e trazida à luz das promessas científicas, apenas aí validando-se em seu local de utilidade. Já daí percebemos uma ruptura drástica e descontextualizante entre o *Psilocybe/cogumelo mágico* e os *hongos sagrados*.

Neste momento, assim como outras substâncias que mais tarde viriam a ser estigmatizadas como *drogas* de forma mais próxima ao que temos hoje, o *Psilocybe* foi levado aos laboratórios com grande interesse em seu potencial agregador à farmacopeia ocidental. Lá, foram esterilizados e dissociados de suas relações anteriores. O *hongo sagrado* foi sintetizado na molécula de *psilocibina* (Indocybin®), empacotada em pequenas pílulas (POLLAN, 2018, p.83) armazenadas em ambientes de temperatura e umidade muito bem controlados por tecnologia. Na perspectiva da ciência, os rituais, os cânticos, o cacau, o mel, a comunhão, a congregação, as imagens católicas, nada disso era mais necessário para a agência do êxtase psicodélico; nem mesmo a forma física do cogumelo era mais necessária, e este passou se relacionar às pesquisas apenas em uma

⁹ Desde essa matéria, raramente pesquisas científicas ou outras mídias se referem aos povos originários envolvidos com os cogumelos alucinógenos, enxugando o alcance de suas tradições e técnicas na rede sociotécnica do cogumelo. Muito embora, por exemplo, Maria Sabina tenha sido tão fundamental para a introdução do cogumelo nessa nova rede quanto Wasson, ela mesma é pouco referenciada numa relevância simétrica. Entretanto, alguns pesquisadores como Salvador Roquet (psiquiatra mexicano também apagado da cena científica) viam na troca com tais comunidades um elemento de extrema importância na compreensão do *Psilocybe* e outras substâncias alucinógenas. Roquet menciona que o “conhecimento fora do ambiente clínico era crítico para liberar o potencial destas drogas” (DAWSON, 2018, p.81, tradução minha).

abstração cada vez menos material. Entretanto, o *hongo* não é por inteiro redesenhado e desintegrado. Além de retornar à reclusão de suas práticas isoladas do Ocidente, ele pôde também vazar para outras redes onde havia a oportunidade de infiltração, onde novamente seria reconfigurado em algo novo: o *cogumelo mágico*.

Com a popularização da experiência alucinógena — através não apenas da *Life* e outras revistas de circulação de massa, como a *This Week* e a *True: The Man's Magazine*, mas também de programas televisivos, como o *Person to Person*, da CBS, e mesmo de uma exposição sobre cogumelos mágicos no Museu Americano de História Natural em Nova York¹⁰ (POLLAN, 2018) — muitos olhos vanguardistas de influentes pesquisadores do início dos anos 1960 voltaram sua atenção para Huautla de Jiménez. Em seguida, foi a vez de celebridades e posteriormente da classe-média romântica estadunidense e mesmo da mexicana (LATTIN, 2010), interessados no potencial revelador da experiência alucinógena, que agiria como uma espécie de interface para a libertação moral da consciência (NEW YORK TIMES, 1966). O efeito desta peregrinação, entretanto, foi bastante destrutivo para a comunidade mazateca local:

Para María Sabina e sua vila, a atenção foi ruínosa. [...] Huautla se tornou primeiro um beatnik, então uma mecca hippie, e os cogumelos sagrados, uma vez um segredo bem guardado, agora estava sendo vendido abertamente nas ruas. A vizinha de María Sabina a culpou pelo que estava acontecendo na sua vila. [...] Próximo ao final de sua vida, ela não tinha nada senão arrependimento por ter compartilhado o cogumelo sagrado [...]. (POLLAN, 2018, p.98).

Muita gente veio em busca de Deus; vieram pessoas de todas as cores e de todas as idades. Os jovens foram os mais desrespeitosos; sabe, eles comem a qualquer hora os *meninos* [*hongos sagrados*] e em qualquer lugar. Não fazem isso durante a noite, nem segundo as indicações dos sábios, e tampouco utilizam-nos para curar doenças. Mas, desde o momento em que os estrangeiros chegam para procurar Deus, os *meninos santos* perderam a pureza. Perderam a força, se estragaram. De agora em diante, não servirão mais. Não tem remédio. (SABINA, 1984, p.110)

A indicação da curandeira é precisa. O *hongo sagrado* perde sua força, seu significado dado a partir de uma série de relações cerimonialísticas muito específicas que agora competem por espaço num contexto de recontextualização e vulgarização do cogumelo, que passa, simultaneamente, a intermediar práticas nunca antes vistas pelos mazatecos. Antes, ele sempre era utilizado mais propriamente como uma ferramenta para resolução de questões específicas e cura de doenças (informação verbal)¹¹. O *hongo sagrado* em si não efetua nada e, da mesma forma, o curandeiro ou o enfermo. É preciso

¹⁰ *Quest for the Divine Mushroom: An Ancient Rite Rediscovered* foi uma exibição temporária realizada no *American Museum of Natural History* entre 30 jan. 1959 e 29 mar. 1959. Ela retratava uma coleção de fotografias, textos e gravações de som sobre o tópicó do cogumelo.

¹¹ O documentário em questão, *María Sabina, mujer espíritu* [diálogo com María Sabina, Huautla de Jiménez, 1979] do qual a informação foi retirada, foi financiado pelo governo mexicano, mesmo governo que anos antes a encarcerou associando-a ao tráfico (ESTRADA, A.; SABINA, M., 2003) — termo que vinha tomando cada vez mais espaço nas políticas públicas do Ocidente, cunhado por um discurso *médico-jurídico* que fomentava uma atitude proibicionista que viria a se desenrolar na *Guerra às Drogas* (CARVALHO, 2015). Pela participação como elemento central do documentário (uma biografia) María Sabina foi paga com uma singela vendinha construída em sua própria casa (SABINA, 1984). A vendinha pouco durou e o governo mexicano então construiu uma casa de madeira sem eletrecidade ou encanamento.

um intermédio entre os três, ou melhor, entre os 4, incluindo também a enfermidade ou problema a ser resolvido, para que este último possa ser solucionado, seja para encontrar objetos, divinar um futuro incerto, se comunicar com um parente distante ou curar um doente. Agora, o cogumelo era consumido por sua própria experiência (*trip* ou o encontro com Deus), se tornando parte de um ato de afirmação antimaterialista hippie (num momento em que ele era, ironicamente, comodificado), numa narrativa de nascimento da contracultura¹² nos EUA (POLLAN, 2018) — movimento que atravessava, de forma simultânea e disruptiva, diversos elementos que costuravam a sociedade estadunidense na época, questionando as instituições vigentes (como o racionalismo) e se opondo ao autoritarismo (DELMANTO, 2018, p.23).

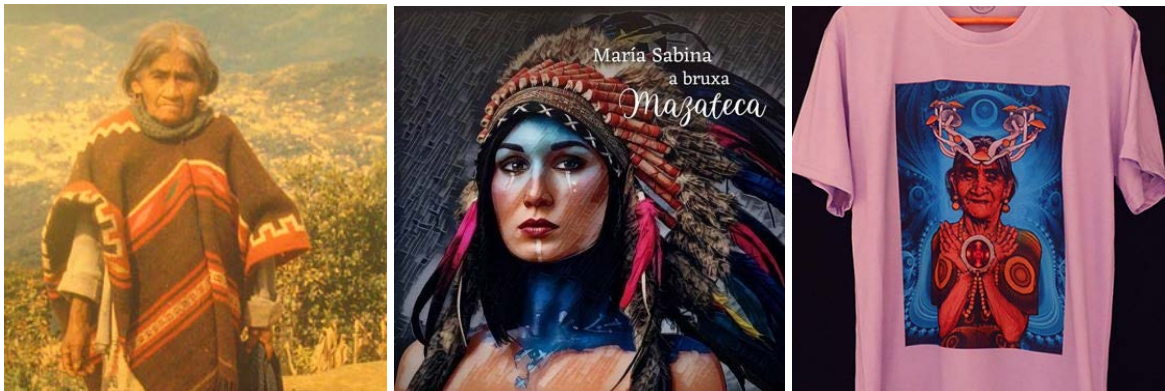


Figura 21, 22, 23: Algumas representações de María Sabina. Fontes [sentido de leitura]: <[flickr.com](https://www.flickr.com/photos/14911170@N00/10248111111/)>, <[instagram.com](https://www.instagram.com/p/1234567890/)>, <piratasart.com>. Um notável exemplo da recontextualização sofrida pela rede dos *hongos* é a própria María Sabina, que, juntamente com o cogumelo, foi também comodificada, transformando-se num ícone que movimentava uma forma de vida que desprezava (SABINA, 1984, p.110). À esquerda, uma fotografia sua (severa) em Huautla; no meio, uma representação num post de instagram que a associa visualmente ao imaginário de um povo indígena norte-americano ao qual não pertence (este também sendo representado numa perspectiva romântica e ocidentalizada, como uma fantasia) e a uma denominação (bruxa) com a qual ela mesma não se identificava; à direita, uma camiseta com uma imagem estilizada de María Sabina (que neste ponto tornou-se literalmente um produto), transformando-a num personagem psicodélico colorido, simpático e convidativo, “a mãe da contracultura”.



Figura 24, 25: Atual Huautla de Jiménez. Fontes [sentido de leitura]: <[cityexpress.com](https://www.cityexpress.com/)>, (COMO..., ep.2, 2022, 20:35 min). Nas fotos, observamos como uma cidade isolada que mal falava espanhol transformou-se a partir do seu encontro com o ocidente. A imagem à esquerda foi retirada de um site de hotelaria local e a da direita evidencia a venda de coca cola ao lado de uma pintura retratando os *cogumelos mágicos* (não os *hongos sagrados*).

¹² A contracultura do meio do século XX é uma rede bastante múltipla de elementos e formas de atuação e defini-la, especialmente em seu sentido genealógico, é uma tarefa árdua (STEPHENS, 1998 apud DELMANTO, 2018, p.77). Como esta rede pode render um longo estudo por si só, iremos simplificá-la — assim como, inevitavelmente, algumas outras — para o fim da conclusão deste trabalho.

Conforme o *cogumelo mágico* ganhava espaço nas ruas de uma Huautla cada vez mais internacionalizada, mais ele esbarrava em diversos aspectos de sua rede sociotécnica em progressiva complexificação, e cada vez mais ele se tornava um fator de disputa e instabilidade entre os mais variados atores. Entre os Mazatecas, por exemplo, o clima era de ruptura e ruína iminente. Cercados de todos os lados por novas realidades, seus costumes e formas de configuração de sua rede dissolviam-se diante de seus olhos. María Sabina, por exemplo, foi responsabilizada pelos próprios membros de sua comunidade pela dissolução de sua cultura, teve sua casa incendiada, foi acusada de tráfico (ESTRADA, A; SABINA, M., 2003) e terminou sua vida ostracizada e em pobreza (SABINA, 1984), embora, ironicamente, o cogumelo do qual era indissociável tenha gerado um grande volume de capital, seja por pesquisas, venda de artigos cosméticos com sua própria imagem, ou pelo que pouco a pouco vinha sendo definido como tráfico. Vê-se, portanto, que sua agência autônoma nas redes do cogumelo, no fim, se tornou bastante limitada e condicionada pela agência de outros elementos de uma rede que confrontava sua cultura pela resolução das crescentes controvérsias que tratamos aqui.

•••

Aqui, faz-se oportuno retornarmos ao surgimento da *psilocibina* e dos projetos laboratoriais em torno do cogumelo para seguirmos os rastros de um outro nó de sua rede que culmina em seu encontro com a comercialização de cogumelos no Brasil atual.

Rapidamente difundido pela ampla espetacularização de sua “descoberta” e pela rápida criação e difusão de sua forma industrialmente sintetizada por Albert Hoffman (também criador do LSD) pela empresa *Sandoz* (HOFFMANN et al., 1959), o cogumelo logo penetrou em diversos laboratórios, onde sua notoriedade foi catapultada (COMO..., ep.2, 2022). Aqui, entretanto, é válido ressaltar que a presença de substâncias alteradoras da consciência nos laboratórios psiquiátricos internacionais remonta ao menos à década anterior à *psilocibina* — com muitos estudos e experimentos focados no LSD, por exemplo — configurando um preparo de terreno fundamental para sua rápida absorção pela ciência moderna (POLLAN, 2018).



NUMBER OF SCIENTIFIC ARTICLES PUBLISHED ABOUT PSILOCYBIN

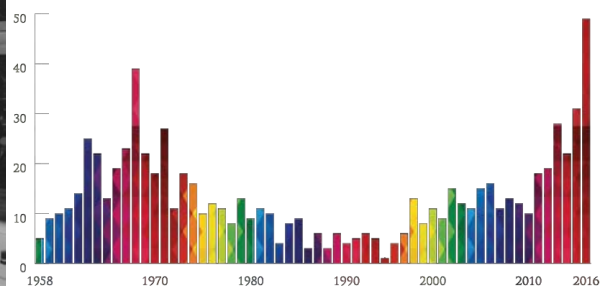


Figura 26: Albert Hoffman no laboratório da Sandoz. Fonte: <blog.nationalmuseum.ch>. Figura 27: Gráfico de número de artigos sobre psilocibina publicados. Fonte: <beckleyfoundation.org>.

Em sua obra jornalística *How to Change Your Mind*, Michael Pollan (2018) faz um relevante apontamento sobre a história dos psicodélicos no séc. XX, indicando como toda uma extensa produção moderna de conhecimento acerca do uso dessas substâncias

como instrumentos na saúde foi soterrado por seu próprio vínculo posterior com a contracultura e com figuras solares como Timothy Leary¹³. Como veremos no capítulo seguinte, o barulho gerado por esse vínculo seria fundamental para uma estigmatização extremamente negativa deste campo, que culminou em sua marginalização de forma que viesse a ser apagado da memória da ciência moderna, só sendo resgatado décadas mais tarde, atualmente.

Com este histórico estabelecido, retornando à *psilocibina*, veremos que um dos centros de pesquisa nos quais adentra é o da influente Universidade de Harvard. Lá, no início dos anos 1960, se tornou alvo de interesse de Timothy Leary — renomado psicólogo clínico e professor nessa universidade — que, a partir da leitura de *Seeking the Magic Mushroom* e da recomendação de uso dos *hongos* por um colega professor, foi totalmente impactado pela experiência alucinógena, alegando ter aprendido mais sobre a mente humana em 6h [desta experiência] do que em 16 anos de estudos formais, o que o levou a criar o Projeto Psilocybe de Harvard (*Harvard Psilocybin Project*) (ESCOHOTADO, 1998, p.636).

É interessante notar que desde seu reencontro com a modernidade em 1955, o cogumelo articulou disrupções nas noções e nos fazeres científicos. O projeto em Harvard, por exemplo, desde antes de seu início estava marcado por um tom místico a partir da experiência pessoal de Leary com os *hongos*, que alinhava suas noções modernas sobre a consciência humana à uma espécie de metafísica¹⁴ (POLLAN, 2018). Nos próprios experimentos, a rigidez das metodologias modernas e da avaliação dos dados gerados pelas pesquisas era frequentemente substituída por sessões de experimentos muito descontraídas — com música, conversas coloquiais, e os próprios pesquisadores sob efeito da *psilocibina* — e pelo entusiasmo do discurso do psicólogo sobre sua impressão acerca dos resultados divisores de água na vida dos participantes.

Com o passar dos experimentos, Leary se viu cercado dos mais diversos entusiastas, desde membros da comunidade científica, à artistas, escritores e magnatas (como Henry Luce (fundador da *Life*, que publicou Wasson em 1957) (ESCOHOTADO, 1998). A partir destas interações, em especial com Allen Ginsberg, da continuidade de sua pesquisa e de seu relacionamento cada vez mais íntimo com o *cogumelo mágico*, cada

¹³ Pollan (2018, p.121) conta como a tendência de pesquisas psicodélicas foi profundamente movimentada pela empresa farmacêutica suíça *Sandoz* (atual Novartis). Após a descoberta do composto LSD (Dietilamida do Ácido Lisérgico) por um de seus pesquisadores empregados, Hoffman, em 1943 — que experimentou a substância sem saber de seus efeitos no corpo humano — a empresa, dona da patente *Delysid*® (nome comercial do LSD) se interessou em promover um esforço científico global a fim de explorar as utilidades comerciais da nova substância, confiantes de seu potencial profundo para a psiquiatria. Para tal, a *Sandoz* distribuiu um suprimento gratuito da substância para quaisquer pesquisadores que se propusessem a registrar seus experimentos. A partir daí, pesquisas como as de Humphry Osmond e Abram Hoffer, experimentando, por exemplo, com o tratamento de alcoolismo e estudando uma área ainda em formação na psiquiatria, a da química cerebral. Entretanto, conforme o LSD começa a se tornar indissociável da má publicidade gerada pelo discurso contracultural de Timothy Leary e contemporâneos, a *Sandoz* tira a substância de circulação.

¹⁴ É interessante refletirmos, em retrospecto, sobre o impacto do resto da rede do cogumelo sobre sua trajetória científica. Ele normalmente é visto, aqui, de forma análoga ao LSD. Entretanto, diferente do último, o cogumelo era composto/atravessado por uma série de elementos que sempre produziram nele um aspecto religioso, transcendental e etéreo. A continuidade dada a estes elementos a partir do tom das primeiras narrativas ocidentais em torno do cogumelo garantiu que resquícios de imaginários destas relações superassem a esterilização sofrida nos laboratórios e pautassem as sensações vivenciadas, por exemplo, por Leary.

vez mais Leary se submergia na dimensão mística-social da interação humano-cogumelo.

Escutem! Acordem! Vocês são Deus! Vocês têm o plano Divino gravado em seus roteiros celulares. Escutem! Tomem este sacramento! Vocês verão! Vocês terão a revelação! Isso mudará suas vidas! (LEARY, 1968 apud POLLAN, 2018, p.158, tradução minha)

Se em algum momento a *psilocibina* se viu em cima de um muro entre a esterilidade moderna ou a disrupção desta esterilidade, o grupo vanguardista que se formou em torno do Projeto Psilocybe de Harvard definiu para que lado a substância penderia, superando, através de sua crescente vocalidade e alcance, outras *psilocibinas* ou cogumelos possíveis, mais ligados à tradição de pesquisas psicodélicas desenvolvidas na década anterior — que, com o advento gradual da vertente de Leary, vinha desaparecendo. O *cogumelo mágico*, junto ao LSD e a maconha, passaria a se tornar o elemento de uma missão político-profética pela libertação e renovação social do ser, esclarecendo-o dos grilhões institucionais que o aprisionam (a moral, a razão, o governo etc) (DELMANTO, 2018). Este objetivo, portanto, deveria ser atingido através da democratização da experiência existencial transcendental possível apenas por intermédio dos *psicodélicos*. Neste sentido, o LSD assumiu a principal face desta democratização por sua facilidade reprodutiva através das tecnologias que agenciavam uma rápida produção e distribuição (POLLAN, 2018). Dessa forma, o ativismo e o uso dessas drogas se tornavam indissociáveis para os *profetas* de ego inflado deste movimento, como Leary, Ginsberg e Herbert Marcuse, outro pesquisador expoente dessa cena (ESCOHOTADO, 1998).

[As] drogas, sobretudo as psicodélicas, são vistas aqui como instrumentos potencializadores – ou ‘combustíveis’ (Goffman e Joy, 2004, p.248) — da transformação da natureza humana buscada pelos integrantes da contracultura, como possíveis aportes para o exercício da liberdade e da expansão do conhecimento interior, componentes vistos como fundamentais para a construção de outra sociedade (Leary, 1998, p.64-66, p.142 e p.159). (DELMANTO, 2018, p.24)



Figura 28: Jovens vendem LSD a U\$1,00. Fonte: <[reddit.com](https://www.reddit.com)>. Figura 29: Cartelas de LSD. Fonte: <[bbc.com](https://www.bbc.com)>. A democratização da contracultura dependia de fatores de distribuição de drogas, por exemplo, baixo custo, forma de armazenamento do LSD (pequenas cartelas de papel irrigadas com o ácido), e a própria intensidade por dosagem (baixa) da substância. É interessante ver que as cartelas, que se tornaram uma tradição, indicam também, através de suas ilustrações, todo um imaginário que passa a se construir atravessando a psicodelia-rede. Veremos mais à frente que isto também chega ao cogumelo de determinadas formas.

Neste momento também concretizou-se explicitamente uma richa com a própria plataforma científica que patrocinava o desenvolvimento das pesquisas com a *psilocibina*. Com esse afastamento do padrão moderno, com a protagonização da própria experiência em detrimento da produção de achados científicos, o *Projeto Psilocybe de Harvard* logo caiu em descrédito, chegando a ser cancelado pela universidade, uma vez que não era mais tido como ciência, sendo comparado a um culto. Nesta época e a partir de eventos controversos como este e similares, as pesquisas com a *psilocibina* foram, num efeito dominó, sendo engavetadas como charlatanismo pelas instituições. É curioso que a publicidade e a imprensa negativa que muito tenha influenciado a conduta de Harvard tenha partido justamente de si mesma. A primeira peça no que em seguida se tornaria um escândalo midiático nacional — dada a profundidade das afrontas disruptivas proferidas por Leary — foi um jornal estudantil interno (POLLAN, 2018, p.163-166).

Esta controvérsia se mantém até hoje, inclusive no Brasil, que como veremos adiante, importou este movimento. Os limites enevoados do que são ou não são práticas de pesquisa científica ainda pautam o cogumelo de hoje, por exemplo, na legislação proibicionista da Anvisa (BRASIL, 1994), nas lojas de cogumelo (PSILOCULTURA, [s.d.]) e nas instituições de pesquisa (INSTITUTO PHANEROS, 2021) ou religiosas (PSICODELIX, 2022) relacionadas à psicodelia. Hoje, embora o entrelaço entre a transcendência, a libertação e o científico perdurem (mesmo que de formas variadas), há um esforço pela retomada de uma re-esterilização da *psilocibina*, no sentido de resgatar sua credibilidade moderna e permitir uma ampliação de sua pregnância nas redes contemporâneas.

De volta aos EUA, após o episódio em Harvard, Leary e seus contemporâneos profetas continuaram a irrigar de discurso e psicodélicos a corrente crescentemente influente no país (e no mundo) que se tornava o que posteriormente viria a se denominar contracultura (POLLAN, 2018). A movimentação de jovens visionários na luta pela reconfiguração de uma nova sociedade estadunidense se expandia, se distanciando da movimentação associada à esquerda em seus elementos de atuação e no elencamento de seus objetos de oposição.

A mudança passa a ser buscada e almejada não só nos planos político e econômico, como defendido pela esquerda tradicional, principalmente em suas vertentes marxistas, mas também no âmbito das relações pessoais e da própria consciência individual. 'Para além da tática da resistência, mas moldando-a sempre, tem de haver uma atitude de vida que procure não simplesmente mobilizar forças contra os desatinos da sociedade, mas transformar o próprio sentido que os homens têm da realidade', assinala Roszak (1971, p.302). (DELMANTO, 2018, p.23)

Aqui, o mais interessante para nós, além da ampliação das esferas e elementos de atuação, é que, a partir da protagonização do indivíduo — em detrimento da generalização de um povo, do *proletário* — de forma radicalmente disruptiva, passamos a compreender que personagens específicos estavam/estão intimamente ligados à cena contracultural psicodélica nos EUA, movimentando-a. A partir do abandono da instituição *american way of life* num sentido anti-materialista, surgem os *hippies*,

figuras errantes que se construíam a partir de um abraço à marginalização, pautando-se numa inversão de valores tradicionais e expressando-se fortemente através da música, das artes plásticas, da filosofia, de relacionamentos, e de ativismo através de protestos etc (DELMANTO, 2018).

Paralelamente, neste momento, o mundo pós-Grandes Guerras encaminhava-se para uma crescente internacionalização e complexificação de suas redes (CERVO, 2007). Ali, qualquer ação, desde um nível individual (como comprar um vinil, comprar pão, escolher uma roupa ou começar um relacionamento amoroso) até um nível federal (como construir obras públicas, criar um ato institucional ou implementar um regime ditatorial num país) passava a ser intermediada por uma malha cada vez mais densa de elementos-rede cada vez mais distantes num mundo moderno que se construiu a partir de um elemento que se tornou muito central nesta rede e que se desenrolou em inúmeros outros: o relacionamento imperialista entre metrópoles e suas colônias. Aqui não me iludo com a perspectiva de simplificar uma bola de neve desta magnitude, resumindo em poucos parágrafos ou resumindo em apenas um elemento toda a trajetória do mundo moderno, algo que em na metodologia que empregamos seria incoerente e contraproducente. Ainda assim, em virtude do tempo e foco deste trabalho, este será um recorte no qual não nos aprofundaremos, assumindo, sim, um postura momentaneamente incoerente e convencional, porém conscientes da complexidade extremamente profunda e ampla destes elementos agenciadores da internacionalização das redes.

Seguindo, então, é nesse embaralhamento internacional de elementos-rede que a contracultura e os psicodélicos escorrem em direção ao Brasil por entre as feridas geradas na juventude nacional pelo advento da extrema direita, reacionária, surgida no país no intuito de conter um avanço socialista (mais um elemento simplificado) no contexto da guerra entre EUA e União Soviética. Ali, da mesma forma que as forças armadas foram influenciadas pelo projeto estadunidense, de forma a implementar uma ditadura militar no Brasil (CARVALHO, 2015, p.82), a oposição libertária que surgia em resposta a este engessamento de liberdades civis e morais era alimentada pelo movimento disruptivo de revolução individual-social que se dava entre os *hippies* norte-americanos (DELMANTO, 2018). Entretanto, embora como tenhamos visto, nos EUA o movimento contracultural tenha se diluído na rede da política institucional, tornando-se indissociável dela, no Brasil, estudiosos da chegada deste movimento no país entre as décadas de 1960 e 1970 indicam que ele se relacionou de uma forma diferente com seus personagens-elementos:

Na verdade, foi uma geração, como eu gosto de dizer, que se trifurcou, no Brasil. Uma parte dela, após o *AI-5*, quando a ditadura se transformou em ditadura total, foi para a luta armada, para a clandestinidade; outra parte resolveu ir fundo na questão da *contracultura*, procurando criar um universo à parte, em que fosse possível viver: foram as *comunidades rurais*, o uso de drogas, sobretudo as *alucinógenas*, como o LSD. As pessoas passaram a viver juntas em *comunidade*, em pequenas famílias, tentando não ler jornal, *sair daquela realidade*, sair daquele bode, como se dizia na época. Foram as pessoas que se tornaram *hippies*. E houve um terceiro segmento daquela geração, que acabou rapidamente se integrando àquilo que o sistema oferecia. Porque ao mesmo tempo que vivíamos sob uma ditadura sanguínea, paradoxalmente, para a classe média intelectualizada,

preparada profissionalmente, havia alternativas fantásticas de emprego e ascensão social. (SIRKIS, 1999, p.112, grifo meu)

A entrada e circulação dos *psicotrópicos* nos hábitos da contracultura brasileira é fruto de uma interpolação de diversos elementos-rede que se encontram no deslumbramento com a transcendência psicodélica, passando pela introdução do LSD entre a elite cultural *hippie* paulista por Antonio Peticov por intermédio de Oscar Ludovico, ou pelas “pregações” de Fauzi Arap, ou por artistas se voluntariando em experimentos médicos como os de Murilo Pereira Gomes, no Rio de Janeiro (DELMANTO, 2018, p.144-150). Em todo caso, percebemos, através da observação de produções artísticas subsequentes aos anos 1960 — por exemplo, da música de Raul Seixas, *Sociedade Alternativa* (1974), de *Avôhai* de Zé Ramalho (1976), de *Ando Jururu* de Rita Lee (1974), de *Hippie on The Groove* de Júpiter Maçã (1997) de poemas como o de Roberto Piva (2008) — que o uso de *psicodélicos* começou a se diluir nas práticas contraculturais e é bem identificável como a tendência da imersão no indivíduo e do afastamento do institucional articulava-se com o uso de artefatos como o *cogumelo mágico*, que agenciava disrupção, libertação e revolução.

Um aspecto importante que surgiu neste momento da pesquisa é que embora exista um esforço atual pela ampliação das pesquisas sobre drogas no Brasil e no mundo (POLLAN, 2018; FUNGOS..., 2019; RABIN, 2015; INSTITUTO PHANEROS, 2021; PSILOCULTURA, [s.d.]), estudos nacionais sobre a trajetória do cogumelo neste país são no mínimo escassos. Centros acadêmicos como o LEHDA (Laboratório de Estudos Históricos sobre Drogas e Alimentação), da USP, possuem um acervo em estágio inicial, sem trabalhos específicos sobre nosso objeto de estudo. Dessa forma, até o presente momento, não foram encontradas fontes acadêmicas que explorem profundamente esta movimentação específica neste momento crucial que liga um cogumelo que veio do México, deu a volta ao mundo e chegou ao Brasil de forma a ocasionar o relacionamento que certos grupos têm com ele hoje (sem mencionar que até mesmo pesquisas que indiquem o paradeiro nativo do cogumelo no Brasil são raras). Neste sentido, percebo a extrema pertinência de, a partir daqui, em direção a finalização da etapa de pesquisa, buscar fontes primárias, de preferência relatos de pessoas envolvidas com a venda e pesquisa atuais, a fim de identificar um vislumbre das relações de boca-a-boca que costumam, ainda hoje, o nosso cogumelo-rede — como, por exemplo, foi o meu caso a partir de trocas com colegas em determinados contextos e estes a partir de suas próprias trocas com seus próprios intermediadores.

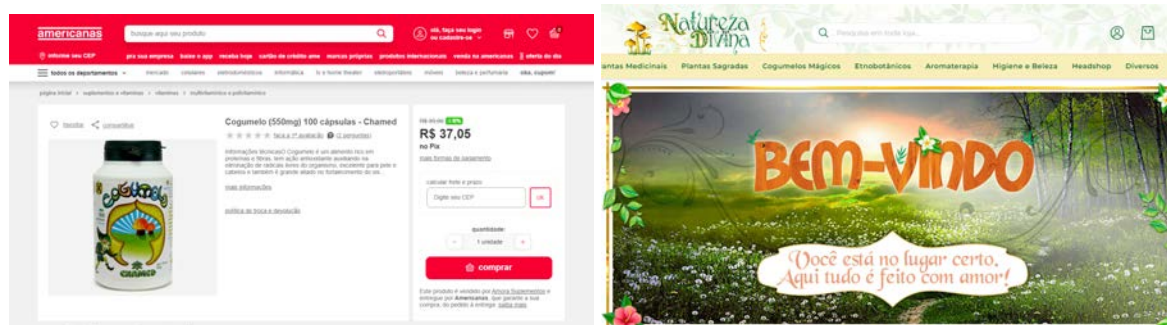


Figura 30: Suplemento com referências ao imaginário psicodélico. Fonte: Print em <americanas.com.br>. Figura 31: Identidade bucólico-artesanal da empresa de cogumelos Natureza Divina. Fonte: <naturezadivina.com.br>.

Ainda assim, como o cogumelo já vinha se desespecificando e sendo diluído num conjunto de experiências que chamariam de *psicodélicas*, é possível analisar seus elos com a atualidade justamente através desta generalização. O imaginário visual, por exemplo, presente nos sites como *Natureza Divina*, *Pislocultura*, *Psicodelix*, não é exclusivo da identidade do *cogumelo mágico* ou mesmo do *cogumelo mágico* no Brasil, sendo aplicável a toda a variedade de substâncias vendidas. Se é possível fazer uma distinção, talvez seja a potencial associação entre a identidade *hippie* do abandono da urbanidade pelo abraço do bucólico (SIRKIS, 1999) e substâncias cultivadas, gerando um imaginário mais ligado à vegetação e formas orgânicas, versus a associação entre a experiência colorida e fractal do LSD e seu status de substância sintetizada em laboratórios¹⁵. Os apelos dessas substâncias são diferentes entre si, embora todas se liguem ao comportamento contracultural, que mesmo hoje perdura, diluído, no mínimo, nesta dimensão estética e, a nível de experiência pessoal e de trocas com alguns usuários, no sentido do interesse no mergulho na exploração da consciência e das sensações.

¹⁵ Aqui, notamos que esta associação entre o consumo de fungos e o imaginário psicodélico-druídico nem mesmo se reserva a produtos alucinógenos, como é o caso deste suplemento focado no fortalecimento de cabelos e do sistema imunológico vendido nas Lojas Americanas.

5. Psicotrópico.

Retornando ao ponto de partida de nossa investigação, agora conscientes de um quadro mais amplo de certos aspectos marcantes na *rede-cogumelo*, podemos compreender melhor alguns elementos-rede a partir dos quais ele se sustenta hoje. Vimos como ao longo de sua trajetória, o nosso cogumelo (assim como grande parte de outros fungos no mundo) beneficiou-se muito de seu relacionamento com práticas humanas articuladas a técnicas e tecnologias, expandido seus limites territoriais¹⁶ e seu nível de influência sobre diversas camadas dos ambientes em que habita. Hoje esta relação se mantém. No Brasil, por exemplo, sua contínua dispersão e ampliação — em oposição à retração de seus ambientes nativos, sujeitos ao desmatamento mediante o expansionismo das populações humanas — está intimamente ligada às plataformas de comércio que estudamos no início da análise, que, por sua vez, encontram-se indissociáveis de uma série de outros fatores até aqui destacados, como a internet, mídias sociais, design, marketing, imaginário *hippie* internacional e nacional, a psiquiatria, María Sabina, os mazatecas, mídias de circulação de massa, laboratórios químicos etc.

Dessa forma, vamos notando que o *cogumelo-rede* que estudamos só nasce desta forma específica, ou melhor, só é produzido (neste caso cultivado), quando em contato com todos estes outros elementos-rede simultaneamente, que por sua vez também só se organizam imediatamente a partir da existência deste cogumelo que se forma. Em outras palavras, a reprodução de uma espécie dita autônoma depende tanto da ação de pequenas seringas, recipientes de plástico, de um mercado psicodélico, de um sistema bancário, de entusiastas humanos, de um histórico de uso etc, quanto de seus próprios cromossomos e esporos (e vice e versa).



Figura 32, 33: Nascimento do cogumelo. Fontes [sentido de leitura]: <reducaodedanos.com>, <[instagram.com](https://www.instagram.com)>.

¹⁶ O *Psilocybe cubensis*, atualmente o mais difundido dos cogumelos mágicos no Brasil — e provavelmente o cogumelo de esterco mais comumente encontrado nos trópicos (ERMAKOVA, 2021) — por exemplo, possui uma trajetória expansionista interessante. Ao contrário do que seu nome indica, ele não é nativo de Cuba, mas sim da costa Oeste da África, embora tenha sido identificado a princípio pela ciência moderna na ilha caribenha. O *P. cubensis* se associou à atividade colonial ao embarcar em navios transatlânticos junto ao gado destinado à pecuária, ou melhor, junto às fezes deste gado, recurso chave para sua reprodução (ibidem). Aliado à expansão massiva dos pastos e da população humana e de gado, seu próprio crescimento populacional foi um sucesso.



Figura 34, 35: Nascimento do cogumelo. Fontes [sentido de leitura]: <[instagram.com](https://www.instagram.com)>, <[facebook.com](https://www.facebook.com)>.

Neste sentido, a complexidade desta rede parece ser sólida o bastante para sustentar ao menos uma expressiva e evidenciável diversidade de lojas, atividades recreativas, religiosas, terapêuticas e de pesquisa. Ainda assim, se olharmos mais a fundo para tais práticas, veremos que as mesmas (exceto, talvez, as de pesquisa) parecem estar sempre envoltas por uma espécie de discrição que colide com o notável entusiasmo em torno do *cogumelo mágico*, ou *Psilocybe* — talvez estas redes não sejam tão sólidas quanto a princípio pareçam ser. Como exemplo, podemos refletir que embora exista uma relativamente ampla difusão mercadológica formal do cogumelo, isto não se reflete no comportamento de uso. Se sairmos numa sexta à noite pelo polo cultural de uma cidade como o Rio de Janeiro, por exemplo, dificilmente encontraremos usuários abertamente consumindo o *cogumelo mágico* de forma recreativa (e muito menos para fins de pesquisa), como ocorre com o álcool e o tabaco (permitidos pela Anvisa).

Observando de outra perspectiva dessa relação, as empresas por trás da venda desses cogumelos no geral recusam-se a associar-se com qualquer prática que não a científica, muito embora uma parte de sua atividade comercial seja movimentada pelo interesse num uso recreativo do cogumelo — sem mencionar que uma fração relevante da própria atividade de marketing destas empresas dialoga diretamente com esse público alvo através de, no mínimo, o design de suas identidades visuais. Evidenciamos este posicionamento através de uma sessão dedicada ao esclarecimento de suas operações, existente em todos os sites, deixando claro que qualquer *mau* uso além de um uso restrito para pesquisa científica é responsabilidade do consumidor¹⁷.

Nossos produtos são vendidos exclusivamente para fins de pesquisa, estudo e coleções etnobotânicas, sendo de inteira responsabilidade do usuário qualquer outro fim que der aos mesmos. [...]

3. Os produtos que comercializamos estão de acordo com a legislação brasileira, NÃO sendo proibida sua comercialização em território nacional;

4. A psilocibina e a psilocina, substâncias de caráter alucinógeno presentes nos tipos mais comuns de cogumelos mágicos, como o *Psilocybe Cubensis*, são substâncias proscritas pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária)

¹⁷ Sua venda como tratamento para a saúde mental (as cápsulas de microdose, que diferente do uso ritualístico ou recreativo, têm uso continuado), entretanto, é tratada de forma variada: certas empresas, como a Psilocultura, reforçam que o cogumelo não é indicado por eles para tratamento de qualquer quadro mental, enquanto outras, como O Cogumeleiro, incluem estes tratamentos em seus cardápios, junto a trechos de recomendações de uso.

desde 1998. Portanto, essas substâncias, quando isoladas, são consideradas ilegais;

5. Nenhum dos nossos produtos se enquadra no rol das substâncias entorpecentes contidas na Portaria 344 de 1998 da ANVISA, nem mesmo da Resolução RDC 48 de 2014, por NÃO serem enquadrados como medicamentos fitoterápicos. (PSILOCULTURA, [s.d.], [n.p.]

Em todo caso, todos os disclaimers, termos de compra e atividade financeira giram em torno da situação legislativa referente ao cogumelo no Brasil, sempre referenciando seu alinhamento com as regulamentações da Anvisa, buscando garantir a legalidade das operações das lojas. O mercado do cogumelo paira sobre um limite nebuloso do proibicionismo, onde, aos olhos da atividade regulamentadora de tóxicos nacional, distingue-se por algum motivo de um tráfico ilegal, embora, mesmo assim, pareça se equilibrar numa sensível corda bamba. Quais, portanto, são as noções que definem o que é considerado uma substância ilícita? E além disso, como o Estado brasileiro veio a estabelecer estas definições?

•••

Na Portaria n.344 de 1998 da Secretaria de Vigilância em Saúde referida pela Psilocultura, observamos que existe um esforço para mapear substâncias psicoativas e entorpecentes como uma questão de saúde pública, estabelecendo categorizações que dividem-as em *Agendas*. Desde o início do documento forma-se uma oposição entre *Droga*, uma “substância ou matéria-prima que tenha finalidade medicamentosa ou sanitária” (BRASIL, 1998), e *Precursores*, “substâncias utilizadas para a obtenção de entorpecentes ou psicotrópicos e constantes das listas aprovadas pela Convenção Contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e de Substâncias Psicotrópicas” (ibidem). As *drogas* serão convertidas em *Medicamento*, um “produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico” (ibidem), enquanto seu oposto, o *precursor* resultará na produção de *Entorpecentes* ou *Psicotrópicos*, substâncias que podem “determinar dependência física ou psíquica e relacionada, como tal, nas listas aprovadas pela Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas” (ibidem).

A partir desta divisão, o próprio fim destas substâncias, isto é, seus usos, também acabam enquadrados na mesma categorização. O documento explicita que o único fim legal e justificável de uma das substâncias tratadas é o medicinal (desde que não prejudique a saúde pública) e todo o resto é criminalizado, como é instituído no Art. 4º da Portaria em análise:

Ficam proibidas a produção, fabricação, importação, exportação, comércio e uso de substâncias e medicamentos proscritos [uso proibido no Brasil].

Parágrafo único. Excetua-se da proibição de que trata o caput deste artigo, as atividades exercidas por Órgãos e Instituições autorizados pela Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde com a *estrita finalidade de desenvolver pesquisas e trabalhos médicos e científicos*. (BRASIL, 1998, grifo meu)

Seguindo o documento, veremos que grande parte dele trata da regularização destas atividades voltadas para pesquisas *médicas e científicas*¹⁸, elencando dezenas de autorizações, registros, receitas, cadastros etc, que pretendem restringir a circulação e atividade em torno das substâncias. As *drogas*, por sua já “anteriormente esclarecida” utilidade médica, terão uma circulação mais facilitada em relação aos *precursores*, como, por exemplo, nos indica o Art. 14 § 1, que isenta as primeiras de uma Autorização Especial para importação (enquanto a mesma é necessária para *precursores* e afins). Uma vez que estas valorações diferentes implicam em tratamentos diferentes, surge, aqui, um questionamento: embora a Portaria 344/98 defina *que* substâncias se enquadram em quais listas e quais valores são atribuídos a elas (droga, precursores, medicamentos, entorpecentes e psicotrópicos), ela não define o *porquê* desta categorização, algo no mínimo arbitrário quando tratamos de elementos tão complexos quanto o cogumelo, por exemplo, um produto de grande indefinição e disputa como viemos observando. O único fator que tenta justificar a discriminação dos elementos controlados é a constante citação ao alinhamento com a agenda antidrogas elaborada pelas Nações Unidas na Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971.

Esta Convenção — segundo ato numa narrativa em três partes: as Convenções da ONU sobre Estupefacientes de 1961, 1971 e 1988 — foi um importante marco legislativo nas condutas contemporâneas de controle de substâncias, não apenas no Brasil, mas no mundo ocidentalizado, em especial nos países que presenciaram essas conferências (ESCOHOTADO, 1998; ONU, 1971). Tomando o caso da legislação brasileira como exemplo, podemos notar como a repressão às drogas é uma prática bastante internacionalizada, na qual as decisões tomadas nestas convenções são a base fundamental sobre a qual as políticas e percepções públicas das Nações Unidas se formulam sobre a questão das drogas (como investigaremos mais profundamente mais tarde).

As partes, Preocupadas com a saúde física e moral da humanidade; [...] Reconhecendo que a toxicomania é um flagelo para o indivíduo e constitui um perigo econômico e social para a humanidade; Conscientes do dever que lhes incumbe de prevenir e de combater esse flagelo; [...] Desejando concluir uma convenção internacional que seja geralmente aceita, em substituição aos tratados existentes sobre estupefacientes, pelos quais o uso de estupefacientes é limitado aos fins médicos e científicos e estabelecer uma constante cooperação e controle internacional para a consecução de tais metas e objetivos. (ONU, 1961, p.1, tradução minha).

Lá, reforçaram-se as *Schedules* (Agendas) de Psicotrópicos e Entorpecentes às quais a legislação brasileira se refere (ONU, 1971). Embora mesmo que esses documentos também tratem de forma pouco clara e fundamentada as definições de suas Agendas, podemos compreender seus critérios através, por exemplo, de suas aplicações

¹⁸ Curiosamente, embora as ditas ciência e medicina sejam pilares fundamentais tanto para o surgimento de exceções ao proibicionismo — que sustentam em grande parte o argumento de um mercado legal de cogumelos — quanto para o próprio proibicionismo, notamos que nos diversos momentos em que há menções às práticas de saúde e às formas que esta ciência pode tomar em torno destas substâncias, estas nunca são definidas. Do contrário, espera-se que o leitor, de praxe, vincule estas noções a uma agenda de valores e concepções prévias, dadas, *em si*. A ciência aqui, não há dúvida, é a moderna (LATOURE, 2002), a ciência *verdadeira*; a cura, a profilaxia e o paliativo são também igualmente modernos e ocidentais, excluindo diversas formas e tradições medicinais, como as mazatecas por exemplo.

na legislação de outros países, como a dos EUA (Estado central na elaboração das políticas globais antidrogas da ONU).

Segundo a Administração de Repressão a Drogas (DEA, *Drug Enforcement Administration*) desse país, as Agendas dividem as drogas, precursores, medicamentos, entorpecentes e psicotrópicos em 5 níveis que relacionam seu grau de dano à saúde com seu grau de utilidade médica e sanitária. A Agenda 1, na qual se encontra a *psilocibina* (junto a outras drogas como a maconha, a heroína, o ecstasy e a ritalina), é considerada a mais restrita em termos de fiscalização, contendo “drogas atualmente sem uso médico aceito e um alto potencial para abuso” (DEA, 2018, [n.p.], tradução minha). As listas seguintes seguem relacionando estes dois fatores num sentido progressivamente menos restritivo, isto é, enquanto a lista 1 é a mais restrita e regulada, a 5 é a mais flexível. Além disso, dentro de uma mesma lista, substâncias podem ter mais permissividades que outras. Entretanto, aqui, mesmo que as discriminações tornem-se mais claras, vale notar que este panorama de definições continua a suscitar questionamentos e paradoxos¹⁹.

List of Substances in the Schedules			Substances in Schedule II			Substances in Schedule III			Substances in Schedule IV		
International non-proprietary name (INN)	Other non-proprietary or trivial name	Chemical name	International non-proprietary name (INN)	Other non-proprietary or trivial name	Chemical name	International non-proprietary name (INN)	Other non-proprietary or trivial name	Chemical name	International non-proprietary name (INN)	Other non-proprietary or trivial name	Chemical name
BROLAMFETAMINE	DOB	(1)-(4)-bromo-2,5-dimethoxy-alpha-methylphenethylamine	AMFETAMINE		(1)-alpha-methylphenethylamine	ALL OBARBITAL		5-(5-methylbarbituric acid	ALPRAZOLAM		8-chloro-1-methyl-6-phenyl-4H-1,2,4-triazolo[4,3-a]1,2,4-benzodiazepine
CATHINONE		(1)-(5)-2-amino-propionophenone	DEXAMFETAMINE		(1)-alpha-methylphenethylamine	AMFEPRAMONE	diethylpropion	2-(2-dimethylamino-propionophenone	AMINOREX		2-amino-3-phenyl-2-oxazoline
DET		3-(2-(diethylamino)ethyl)indole	FENETYLIN		(1)-(10)-alpha-methylphenethylamine	BARBITAL		5,5-diallylbarbituric acid	BENZFETAMINE		1-(benzyl-N)-alpha-dimethylphenethylamine
DMA		(1)-(2,5)-dimethoxy-alpha-methylphenethylamine	LEVAMFETAMINE		(1)-(10)-alpha-dimethylphenethylamine	BENZFETAMINE		1-(benzyl-N)-alpha-dimethylphenethylamine	BROMAZEPAM		7-bromo-1,3-dihydro-5-(2-pyrindyl)-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
DMHP		3-(1,2-dimethylbutyl)-7,8,10-trimethyl-6,8-dimethoxy-alpha-methylphenethylamine	LEVAMFETAMINE		(1)-(10)-alpha-dimethylphenethylamine	BROTIZOLAM		5-buty-5-ethylbarbituric acid	BUTOBARBITAL		5-buty-5-ethylbarbituric acid
DMT		3-(2-(diethylamino)ethyl)indole	METAMFETAMINE		(1)-(10)-alpha-dimethylphenethylamine	CAMAZEPAM		7-chloro-1-methyl-5-phenyl-1H-1,5-benzodiazepin-2-ylidene-2,4,3H-imidazole	CHLORDIAZEPOXIDE		7-chloro-2-(methylamino)-5-phenyl-1H-1,4-benzodiazepin-4-one
DOET		(1)-(4)-ethyl-2,5-dimethoxy-alpha-phenethylamine	METAMFETAMINE RACEMATE		(1)-(10)-alpha-dimethylphenethylamine	CLOBAZAM		7-chloro-1-methyl-5-phenyl-1H-1,5-benzodiazepin-2-ylidene-2,4,3H-imidazole	CLOBAZAM		7-chloro-1-methyl-5-phenyl-1H-1,5-benzodiazepin-2-ylidene-2,4,3H-imidazole
ETICVCLIDINE		5-methyl-1-phenylpyrrolidine	METHADOLONE		(1)-(10)-alpha-dimethylphenethylamine	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
ETRYPTAMINE		3-(2-aminoethyl)indole	METHAMPHETAMINE		(1)-(10)-alpha-dimethylphenethylamine	CLOAZEPATE		7-chloro-2-dihydro-2-one-5-phenyl-1H-1,4-benzodiazepin-3-carboxylic acid	CLOTIAZOLAM		7-chloro-1-methyl-5-phenyl-1H-1,5-benzodiazepin-2-ylidene-2,4,3H-imidazole
(H)ALSYERGOIDE	LSD, LSD-25	8-allyloxytryptamine	METHAMPHETAMINE RACEMATE		(1)-(10)-alpha-dimethylphenethylamine	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
MMA		(1)-(4)-alpha-dimethyl-3,4-methylenedioxyphenethylamine	PHENMETRAZINE		3-methyl-2-phenylpropidine	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
mescaline		3,4,5-trimethoxyphenethylamine	SECobarBITAL		delta-9-tetrahydrocannabinol and its stereoisomeric variants	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
methcathinone		2-(methylamino)-1-phenylpropan-1-one	SECOBARBITAL		delta-9-tetrahydrocannabinol and its stereoisomeric variants	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	CLOAZEPAM		5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
4-methylaminorex		(1)-(5)-2-amino-4-methyl-5-phenyl-2-oxazoline	ZPEPROL		alpha-(alpha-methylpropyl)-4-(beta-methoxyphenethyl)-5-pyridone	DELORAZEPAM		7-chloro-5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	DELORAZEPAM		7-chloro-5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
MMDA		2-methoxy-alpha-methyl-4,5-(methylenedioxy)phenethylamine				DIAZEPAM		7-chloro-1-methyl-5-phenyl-1H-1,5-benzodiazepin-2-ylidene-2,4,3H-imidazole	DIAZEPAM		7-chloro-1-methyl-5-phenyl-1H-1,5-benzodiazepin-2-ylidene-2,4,3H-imidazole
N-ethyl MDA		(1)-(4)-ethyl-alpha-methyl-3,4-(methylenedioxy)phenethylamine				ESTAZOLAM		8-chloro-6-phenyl-4H-1,2,4-triazolo[4,3-a]1,2,4-benzodiazepine	ESTAZOLAM		8-chloro-6-phenyl-4H-1,2,4-triazolo[4,3-a]1,2,4-benzodiazepine
paraldehyde		3-merp-7,8,10-trimethyl-6,8-dimethoxy-alpha-methylphenethylamine				ETHCHLORVYNOL		1-chloro-3-methyl-1-piperidin-4-yl-propan-1-ol	ETHNAMATE		1-ethynylcyclohexanecarboxylate
PIAA		alpha-methyl-3,4-(methylenedioxy)phenethylamine				ETHYL LOFLAZEPATE		ethyl 7-chloro-5-(5-chlorophenyl)-2,3-dihydro-2-one-1H-1,4-benzodiazepin-3-carboxylate	ETIL AMFETAMINE	N-ethylamphetamine	
psilocine, psilocin		3-(2-(diethylamino)ethyl)indol-4-ol				FENCAMFAMINE		(1)-(4)-methyl-2-norbornamine	FENCAMFAMINE		(1)-(4)-methyl-2-norbornamine
PSILOCYBINE		3-(2-(diethylamino)ethyl)indol-4-yl dihydrogen phosphate				FENPROPorex		(1)-(3)-[alpha-methylphenethylamino]propionate	FENPROPorex		(1)-(3)-[alpha-methylphenethylamino]propionate
ROLICVCLIDINE	PHP, PCPY	1-(1-phenylpyrrolidinyl)pyrrolidine				FLURAZEPAM		7-chloro-5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-1-methyl-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	FLURAZEPAM		7-chloro-5-(5-chlorophenyl)-1,3-dihydro-1-methyl-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
MDA		3-(2-(diethylamino)ethyl)indol-4-yl dihydrogen phosphate				HALAZEPAM		7-chloro-1,3-dihydro-5-phenyl-1,2,2,3-tetrahydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one	HALAZEPAM		7-chloro-1,3-dihydro-5-phenyl-1,2,2,3-tetrahydro-2H-1,4-benzodiazepin-2-one
TCP		1-(1-(2-ethylpyrrolidinyl)pyrrolidinyl)pyrrolidine				HALOXAZOLAM		10-bromo-1-(10-oxo-1,2,3,4-tetrahydro-1H-1,2,4-triazolo[4,3-a]1,2,4-benzodiazepin-2-ylidene)-2,4,3H-imidazole	HALOXAZOLAM		10-bromo-1-(10-oxo-1,2,3,4-tetrahydro-1H-1,2,4-triazolo[4,3-a]1,2,4-benzodiazepin-2-ylidene)-2,4,3H-imidazole
TMA		(1)-(3,4,5)-trimethoxy-alpha-methylphenethylamine				KETAZOLAM		1-(1-chloro-3,12b-dihydro-2,5-dimethyl-2-thiazolyl)pyridin-4-yl)-1,2,4-triazolo[4,3-a]1,2,4-benzodiazepin-4-ylidene-2,4,3H-imidazole	KETAZOLAM		1-(1-chloro-3,12b-dihydro-2,5-dimethyl-2-thiazolyl)pyridin-4-yl)-1,2,4-triazolo[4,3-a]1,2,4-benzodiazepin-4-ylidene-2,4,3H-imidazole

Figura 36, 37, 38: Algumas das Schedules (Agendas) de substâncias da ONU. Fontes: (ONU, 1971).

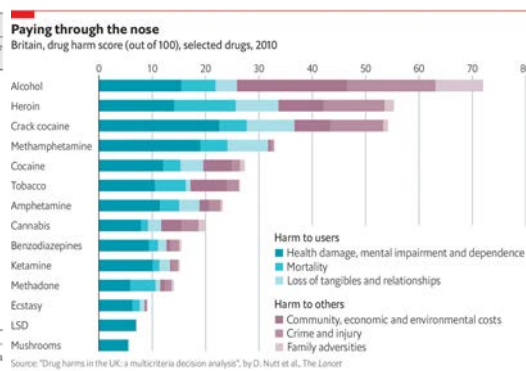
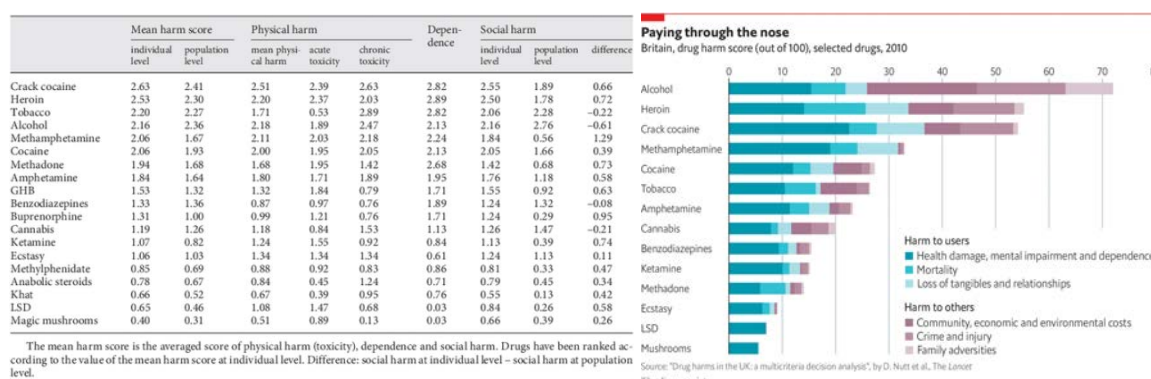
Por exemplo, é de se causar um certo estranhamento que a *psilocibina* compartilhe um status de ameaça à saúde pública similar à cocaína/crack — substância altamente impactante para o usuário (FIOCRUZ, 2017) — , também listadas nas Agendas de alto risco. Mesmo antes das definições instituídas nas convenções, já havia indicativos de que a *psilocibina* não só não possui efeito cumulativo no corpo humano

¹⁹ É interessante pensar, por exemplo, que, embora *utilidade medicinal* seja um critério chave para a flexibilização da pesquisa e uso de uma substância, esta *utilidade medicinal* só poderá ser desenvolvida a partir de uma flexibilização da pesquisa e uso de uma substância. Em outras palavras, é uma situação cíclica e rígida que paralisa determinadas substâncias num cenário de estigma eterno. Como *precursores* poderiam vir a ser *drogas* se a própria disposição para ampliação das pesquisas está minada (LOPEZ, 2014)?

(WASSON, 1957), como poderia trazer benefícios para desenvolvimento de tratamentos psiquiátricos²⁰ (POLLAN, 2018).

O simples exercício da observação da vida de um *curandeiro*, como o fez Wasson com María Sabina, nos indica o não desenvolvimento de uma dependência física ou química. Em sua autobiografia, ela nos conta que em diversos momentos de sua vida, quando casada, parou de comer os *hongos sagrados*, sem relatar nenhum episódio de abstinência, pelo contrário, descrevendo um autocontrole muito consciente sobre seu consumo (SABINA, 1984). Além disso, por toda sua trajetória, os *hongos* (ou sua ausência) não prejudicaram a capacidade de manter sua vida autonomamente, nem sua sociabilidade, pelo contrário, foram uma interface que a aproximava de sua comunidade, ao menos até o momento em que se tornou um *psicotrópico*, substância simultaneamente indesejável e desejável pelo ocidente. É neste cabo de guerra de novos elementos que Sabina se vê finalmente prejudicada por sua relação com os *hongos*, agora os *cogumelos mágicos*, chegando a ser associada ao tráfico de drogas²¹.

Se formos mais a fundo num contexto ocidental contemporâneo, podemos observar os padrões de uso recreativo atuais e traçar relações similares. Na Holanda, por exemplo, um estudo sobre os efeitos negativos do uso de drogas foi conduzido por um comitê de toxicologistas, farmacêuticos, policiais, antropólogos, psiquiatras, médicos etc, comparando álcool, tabaco e outras 17 substâncias ilícitas consumidas no país (KOETER et al., 2010). Os indicativos utilizados para a medição do dano foram toxicidade crônica e aguda, potência do vício, prevalência de uso e dano social. Como resultado do cruzamento destes dados coletados em pesquisas e a partir do debate entre os membros do comitê, o *cogumelo mágico* aparece como a substância menos danosa comparada às outras 18 (numa colocação muito menor que, por exemplo, o álcool, lícito, ocupa).



²⁰ Desde a divulgação do artigo de Wasson, *Seeking the Magic Mushroom*, o *Psilocybe* atraiu a atenção da ciência moderna (ESCOHOTADO, 1998, p.636). A partir da primeira onda de pesquisas psicodélicas (POLLAN, 2018) pesquisadores como Timothy Leary (psiquiatra), Roland Griffiths (psicofarmacólogo), Bill Richards (psicólogo) rapidamente notaram na psilocibina um potencial para psicoterapia, tratamento de vícios e aumento da criatividade, conduzindo pesquisas em instituições como a Universidade de Harvard, a John Hopkins e o Hospital Estadual Spring Grove que indicavam resultados promissores. Desde os anos 1960, uma nova onda de pesquisas surgiu (ibidem) e diversas observações químico-biológico- -comportamentais sobre a interação do cogumelo com o ser humano foram produzidas, reforçando algumas suposições antigas, por exemplo a de que o cogumelo não produz dependência (PASSIE, et al., 2002, p.361) e indicando novas possibilidades seguras de atuação como em tratamentos psiquiátricos em caso de desmoralização em pacientes homens com SIDA (ANDERSON, B. et al., 2020) e pacientes com câncer terminal ou TOC (COMO..., 2022, cap. 2), ou mesmo apontando uma utilidade no tratamento de dependências químicas (MACHADO, 2020).

²¹ Ainda nos primórdios do interesse moderno por substâncias alucinógenas, há o caso de um outro enteógeno análogo também listado na Agenda 1, o peiote, um cacto que tem como princípio ativo a mescalina, cujos efeitos são muito similares aos da psilocibina. O antropólogo J. S. Slotkin (1952, apud HUXLEY, 2015) sugere a partir da observação de usuários de longa data (de 40 a 50 anos) que estes não sofrem de dependência ou aumento da tolerância permanente.

Figura 39, 40: Tabelas de nível de dano de substâncias lícitas e ilícitas. Fontes [sentido de leitura]: (KOETER et al., 2010), (NUTT et al., 2010).

Diversas outras pesquisas similares têm tomado um espaço crescente nos campos de estudos das substâncias alvo da Guerra às Drogas. Em outras pesquisas conduzidas no Reino Unido (NUTT et al., 2010) e nos EUA (CHEN, Y.; STORR, C.; ANTHONY, J.; 2009), por exemplo, o ranqueamento apresenta uma certa consistência, em especial quando se trata do *cogumelo mágico* (e mesmo outros alucinógenos), sempre entre as substâncias menos danosas e geradoras de risco, seja por suas formas de uso, por sua relação com diferentes faixas etárias humanas, por suas interações moleculares com o corpo humano, por suas interações entre indivíduos, por suas relações com a atividade reguladora e fiscalizadora etc. No III Levantamento Anual Sobre o Uso de Drogas no Brasil (2017), notamos que a psilocibina ou o cogumelo mágico não são nem ao menos mencionados, não sendo associado nem à generalização *alucinógenos*, que contém apenas o LSD e o Chá de Ayahuasca. Neste caso, a ausência de dados por si só já é um indicativo da permeabilidade do cogumelo no país e, por consequência, de seu grau de prejuízo (no mínimo inexpressivo) à vida pública, se seguirmos a categorização da ONU, o padrão internacionalizado que enquadra universalmente a psilocibina no rol mais perigoso possível de substâncias, independente do contexto de cada região.

Algo interessante, aqui, é que todas essas pesquisas adotam uma visão abrangente sobre o assunto em questão. Para estes pesquisadores, a compreensão de que estas substâncias permeiam nosso cotidiano das mais variadas e complexas formas, inclusive se entrecruzando, gerando constantemente novas formas de nos relacionarmos com os elementos-rede que as cercam, é fundamental para que se movimente um outro leque de elementos-rede, neste caso, políticas e condutas de saúde, econômicas, judiciais, carcerárias etc, todas intimamente relacionadas e codependentes. Assim, fica cada vez mais evidente para nós que o que define os elementos destas agendas não é algo *em si*, estático, definitivo ou neutro.

Este movimento de revisão da identidade das drogas surge questionando as bases que fundamentaram a categorização e estigmatização destas substâncias a partir da segunda metade do séc. XX. Como mencionado anteriormente no texto, é uma tarefa densa e complexa encontrar qualquer material científico que se vincule ao surgimento e reforço das Agendas da ONU de forma justificativa, seja ele biológico, geográfico, estatístico, psiquiátrico, ou qualquer outro (do contrário, sendo mais fácil encontrar pesquisas que contrariem estas estigmatizações). No geral o discurso das Nações Unidas soa arbitrário, com diversas alegações que, nem ao menos em sua própria lógica moderna, preocupam-se em comprovar-se, algo que motiva novas gerações de pesquisadores (NUTT et al., 2007).

Uma vez que a categorização da ONU baseia-se num discurso científico, a ausência destes próprios fundamentos científicos cria suspeitas de que existam outros elementos mais fortes e relevantes por trás da articulação das políticas anti-droga globais. Esta campanha anti-drogas, por mais estável e simplista que se queira fazer ser (apenas uma campanha de saúde pública global), é também algo tão mutante quanto, como veremos a seguir, uma complexa rede de políticas, índices econômicos, práticas industriais, noções morais, produções agrícolas, realidades urbanas, tecnologias, subjetividades, biologia, religiões etc.

•••

Embora tenhamos identificado um marco do proibicionismo global contemporâneo nas Convenções da ONU sobre Estupefacientes (1961, 1971, 1988), ao

nos debruçarmos um pouco mais profundamente sobre o histórico dessas reuniões, logo veremos que o interesse pela regulamentação mundial de drogas vinha ocorrendo ao longo de todo o séc. XX (UNODC, 2022, [n.p.]), interesse este mediado pelos mais diversos elementos — cuja compreensão é fundamental para que possamos mapear a noção de droga que configura possibilidades ao cogumelo na atualidade. Desde 1909, com a Comissão Internacional do Ópio, em Xangai, (CARVALHO, 2015) a internacionalização da repressão às drogas é empreendida.

Esta convenção surge a partir de insatisfações econômicas estadunidenses, reverses de uma política xenofóbica que impedia que imigrantes chineses trabalhassem nos EUA, o que culminou no prejuízo do mercado dos industriais norte-americanos a partir do surgimento de uma tensão entre este país e a China (ESCOHOTADO, 1998, p.461). Quando então o governo estadunidense recebeu uma carta humanitária de um missionário católico nas Filipinas sugerindo uma conferência internacional para o auxílio da China no controle da crise de ópio que vivenciava — ocasionada pela economia imperialista inglesa, que irrigava o mercado chinês com a substância já tradicionalmente utilizada na região, mesmo após a proibição do ópio pelo imperador chinês (PIETSCHMANN, T.; TULLIS, M.; LEGGETT, T., 2008, p.173-174) — os EUA enxergaram nisso uma oportunidade de melhorar sua relação diplomática com o país oriental e trabalhar na recuperação de um importante mercado de 400 milhões de chineses.

A conferência convocada pelos estadunidenses, que objetivava a proibição geral do ópio exceto para uso médico a partir de um discurso justificativo moral cristão (dois dos três emissários enviados pelos EUA eram missionários), não foi muito bem aderida pelos demais 13 Estados representados na reunião, um “fórum onde a maioria dos presentes falava de uma perspectiva laica, com noções de farmacologia em vez de morais ou fundamentalmente teológicas” (ESCOHOTADO, 1998, p.463, tradução minha), além de alguns, como Inglaterra e Holanda lucrarem de alguma forma com a comercialização do ópio. Por mais que a Comissão tenha resultado num fracasso geral, é importante observar que ali começa a se materializar o discurso estadunidense da internacionalização, defendendo que não era possível conter o problema do ópio — já associado aos imigrantes chineses do país — apenas através de medidas domésticas e que os EUA só estariam seguros a partir de um controle mundial da droga (ibidem).

Mais tarde, em 1912, novamente este país convoca uma reunião, agora em Haia, no intuito de estabelecer sua agenda: a Primeira Convenção do Ópio (CARVALHO, 2015), que novamente é cenário de desinteresse pela maior parte dos membros.

[A] Inglaterra só queria falar de morfina e cocaína, e a Alemanha protestava em nome de seus poderosos laboratórios, alegando que a Suíça não estava presente e aproveitaria as restrições em seu privado benefício. Portugal defendia sua indústria de ópio em Macau, e a Pérsia seus cultivos ancestrais. A Holanda estava implicada no tráfico de ópio e morfina, e produzia milhares de toneladas de coca em Java. A França se encontrava dividida entre os ingressos provenientes do consumo de opiáceos na Indochina e o temor a ver-se inundada pelos produtos de suas colônias. O Japão foi acusado de introduzir massivamente morfina, heroína e hipodérmicas no território chinês como parte de seus propósitos invasores, embora tenha negado qualquer vínculo com coisa semelhante. A Rússia tinha uma considerável produção de ópio, mas inferior a de Siam [Tailândia]. A Itália, que só compareceu no primeiro dia, pôs como condição para participar que se

incluísse o tema do cânhamo, condição rechaçada pela maioria; já então (como segue acontecendo hoje) tinha os índices de cocainismo mais altos da Europa. (ESCOHOTADO, p.469, tradução e grifos meus).

A partir destes dois exemplos, fica evidente que, primeiro, para além dos discursos diplomáticos proferidos pelas delegações estadunidenses, que focavam principalmente na desmoralização do ópio e de seu uso através de uma perspectiva cristã, é evidente que seus interesses são alinhados por uma diversidade de elementos-rede (como índices mercadológicos, interesses políticos e dinâmicas inter-étnicas). Em segundo lugar, notamos que naquele ponto, o interesse global estava mergulhado numa controvérsia que impedia um alinhamento geral na regulamentação de substâncias, uma vez que a influência das redes de cada país (indústrias locais, tendências de consumo regionais, tradições milenares, pequenas extensões geográficas que levam a políticas expansionistas etc) era maior sobre si mesma do que a influência dos elementos que movimentavam os EUA podia, naquele momento, exercer sobre eles. Aqui, nos perguntamos o que, com o passar das décadas, mudou nesta dinâmica e permitiu a institucionalização de uma concepção universal acerca das drogas. Que novos elementos passaram a constituir o discurso estadunidense para que as drogas assumissem uma identidade concreta e finalmente se tornassem um nítido inimigo público global?

Em primeiro lugar, podemos localizar uma campanha publicitária sensacionalista doméstica que começava (desde antes dessas conferências) a fortalecer, refinar e difundir o discurso desmoralizante sobre a droga, associando o ópio, assim como as emergentes cocaína e maconha, a determinados consumidores, e estes consumidores a determinados comportamentos abomináveis para a sociedade branca e puritana americana (CARVALHO, 2015). Em diversos jornais, notícias vinculavam estas substâncias a uma série de violências e “problemas urbanos”, como por exemplo, o ópio ao “perigo chinês”, que ameaçava a integridade moral dos EUA branco e cristão (ST. LOUIS, 1880) assim como os empregos locais dos caucasianos (SATURDAY VOX POPULI, 1870 apud CHEN, 2003). Da mesma forma, populações mexicanas foram vinculadas ao uso da maconha e a atrocidades (LOC, 2020, [n.p.]). Assim, pouco a pouco, a droga se tornou, desde a gênese do discurso anti-tóxicos, um elemento/instrumento articulador de perseguições contra determinados grupos étnicos ou inimigos públicos — que por sua vez articulavam uma campanha de elementos da economia e política — ao mesmo tempo em que a droga tinha sua própria definição articulada por estas perseguições e estigmas.



Figura 41, 42, 43, 44, 45, 46: Elementos de campanha midiática de associações de drogas a determinadas redes de elementos geradores de controvérsias da imigração. Fontes [sentido de leitura]: <cameronblevins.org>, <loc.gov>, <amazon.com>, <boweryboyshistory.com>, <chroniclingamerica.loc.gov> <chroniclingamerica.loc.gov>.

Com o tempo e com a criação da Organização Mundial da Saúde em 1948 — e de outras convenções mundiais desde 1909 (CARVALHO, 2015) — houve um progressivo fortalecimento de uma cientifização do discurso antidrogas, com o surgimento de termos como *dependência* através de uma narrativa médico-sanitário-ético-jurídica (DEL OLMO, 1990), vinculando as drogas a uma questão de saúde pública, alterando o cerne da autoridade do combate às drogas, aos poucos não mais contida no léxico moral, embora ainda intimamente ligada a ele. Neste momento, a entrada de Nixon na presidência dos EUA foi um elemento-chave para alinhar todos estes elementos numa definição da droga como o que ele viria a chamar de “*inimigo número um*” da América (EUA..., 1971) (e, portanto, como vimos, do mundo), uma vez que inúmeras pesquisas (Bill Richards, Roland Griffiths etc) contrariavam as sugestões da OMS, antagonizando o movimento desmoralizante das drogas. Em outras palavras, embora uma medicina indicasse os perigos das drogas, uma outra indicava suas potencialidades e esclarecia desinformações (como conferimos anteriormente ao analisarmos algumas pesquisas desenvolvidas). Neste cenário, o discurso e a retórica de Nixon, trazendo os elementos da moralidade estadunidense, foram essenciais para cristalizar rígida e definitivamente qual narrativa era a *verdadeira*.

Neste contexto, é finalmente na década de 1960, que o cogumelo surge na cena da Guerra às Drogas, sendo um dos pontapé que introduziu os psicodélicos nas práticas da contracultura a partir do encontro entre Sabina e Wasson e todos os elementos que o sucederam (POLLAN, 2018). Neste momento, a contracultura dos EUA se tornou um

obstáculo às condutas políticas da presidência, gerando uma conscientização — diretamente ligada a atuação dos psicodélicos sobre a mente (NEW YORK TIMES, 1966) — que se propunha a romper com o apoio populacional incondicional que nutria o Estado norte-americano (ESCOHOTADO, 1998, p.642). Diante deste contexto, no mesmo esquema midiático que vinculava chineses ao ópio e à oposição do bem estar estadunidense, Nixon produz um vínculo moral e ao mesmo tempo sanitário e judicial entre os *hippies*, os psicodélicos, o vício, a depravação dos bons valores e o comprometimento da *soberania americana*²².

Tem havido uma tendência, neste país, de associar a violência e os tumultos do verão passado unicamente à profunda divisão racial entre Negros e Brancos. Certamente, animosidades raciais — e agonias — eram as causas mais visíveis. Mas os tumultos também foram, até hoje, o mais virulento dos sintomas de outra desordem nacional e de certas formas mais grave — o declínio do respeito pela autoridade pública e o governo da Lei na América. Longe de estar sendo uma grande sociedade, a nossa está se tornando uma sociedade sem lei. [...] Os sintomas estão por todo lado se manifestando: na atitude pública em relação à polícia, no crescente tráfico de drogas ilícitas, no volume de prisões adolescentes, na desordem nos campi, e no crescimento de crimes de colarinho-branco. (NIXON, 1967 apud PERLSTEIN, 2008, p.122-123, tradução e grifo meus.)

É após um discurso público de Nixon em 17 de Junho de 1971, no qual declara guerra às drogas, que a Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971 é convocada pela ONU e o alinhamento global (inclusive do Brasil) desejado pelos EUA finalmente toma sua forma mais concreta (embora o proibicionismo já viesse caminhando em cada país²³). Neste momento, reforça-se o ranqueamento das drogas nas *Schedules* criadas em 1961, fundamentadas principalmente no discurso da OMS, que se alinhava com a percepção e expectativa pública já há décadas produzida e exportada pelos EUA para todo o mundo sob sua crescente esfera de influência no mundo pós-guerras. Este, junto à Convenção de 1961, é um marco fundamental para que as drogas tenham suas identidades rigidamente simplificadas de forma a alinhá-las convenientemente com a, agora jurídica e sanitariamente legítima, intenção de enquadramento e encarceramento de determinados grupos de inimigos públicos (CARVALHO, 2015).

²² Ilustrando a noção de *entorpecente/psicodélico* como instrumento de manobra política, há um caso que exemplifica com clareza a relação perigosa entre *hippies* e as drogas. Em 1966, Timothy Leary, expoente e voz fundamental do movimento contracultural como vimos anteriormente, foi condenado à 30 anos de prisão por carregar uma quantidade pequena de maconha para uso pessoal (POLLAN, 2018; DOUGLAS, 2002).

²³ “Salo de Carvalho (2013, p.60) avalia que ‘a formação do sistema repressivo’ sobre drogas no Brasil ‘ocorre quando da autonomização das leis criminalizadoras (Decretos 780/36 e 2.953/38) e o ingresso do país no modelo internacional de controle (Decreto-lei 891/38)’. A partir de 1940, a temática das drogas ilícitas passou a ser regulada no Brasil pelo Código Penal aprovado neste ano (e ainda vigente, evidentemente com modificações), dentro do capítulo de crimes contra a saúde pública. Em 27 de agosto de 1964, já sob a vigência da ditadura militar [...], um decreto aderiu à *Convenção Única sobre Entorpecentes da ONU de 1961*, incorporando este acordo proibicionista ao ordenamento interno brasileiro. Em dezembro de 1968, logo após a instauração do AI-5, é lançado novo decreto, estabelecendo sanção penal igual para traficantes e usuários ao modificar o artigo 281 do Código Penal. Para ambos passa a ser prevista pena de encarceramento, situação que só foi alterada em 1976, com a lei posteriormente conhecida como Lei de Tóxicos.” (DELMANTO, 2018, p. 197-198)



Figura 47: Coletiva de imprensa em que Nixon declara o abuso de drogas como o inimigo número um. Fonte: (EUA... , 1971).

A campanha de Nixon em 1968 e a Casa Branca de Nixon depois disso tinha dois inimigos: a esquerda antiguerra e pessoas negras. Você entende o que eu digo? Nós sabíamos que não podíamos fazer ser ilegal ser contra a guerra [do Vietnã] ou ser negro, mas ao fazer o público associar os hippies com a maconha e os negros com a heroína, e então criminalizando ambos pesadamente, nós podíamos romper essas comunidades. Nós podíamos prender seus líderes, invadir suas casas, acabar com suas reuniões e vilanizá-los noite após noite no jornal das 20h. Sabíamos que estávamos mentindo sobre as drogas? É claro que sabíamos. (EHRlichman, John²⁴. *Legalize It All: How to win the war on drugs* [Entrevista concedida a] Dan Baum. *Harper's Magazine*, 2016, [n.p.] grifo nosso.)

É interessante notar aqui que mesmo que o cogumelo tenha sido um precursor na revisão profunda do relacionamento entre o ocidente contemporâneo e as drogas, como temos visto desde o capítulo anterior, ele próprio raramente está no cerne do debate anti-drogas, não sendo simples encontrar trabalhos analíticos ou fontes primárias que o ponham nos holofotes destas políticas, principalmente (no caso deste nosso projeto) no Brasil. Em outras palavras, o *cogumelo mágico* acaba tendo a estigmatização de sua identidade muito atrelada à estigmatização de outras drogas, como o LSD, se tornando apenas mais um *psicotrópico*. Se revisitarmos o momento em que sua identidade é sintetizada na *psilocibina* pelos laboratórios na década de 1960, ambientes nos quais se dissocia completamente de grande parte dos elementos que o definiam anteriormente a este encontro, veremos que com a generalização, de certa forma, a própria *psilocibina* sofre um novo nível de dissociação, desta vez sendo esvaziada de seus significados específicos e desvinculada de seus elementos-rede específicos (como efeitos, formas de obtenção, formas de uso etc). Na Agenda 1 (e na própria agenda contracultural) ele passa a ser definido por seu parentesco com outras substâncias que ocupam um espaço mais fundamental no imaginário da Guerra às Drogas.

De maneira complementar ao comentário anterior, é válido também observar que ao finalmente alcançarmos a elusiva estigmatização que define a marginalização do

²⁴ John Ehrlichman (1925-1999) foi um advogado e o Assessor para Assuntos Domésticos do presidente Richard Nixon.

cogumelo mágico, percebemos o quanto acabamos nos distanciando do objeto, a princípio, central da pesquisa. Nisso, podemos conferir que quanto mais nos aprofundamos no estudo de um artefato, mais complexificamos suas relações, descobrindo que são cada vez menos óbvias, numa fragmentação da identidade do cogumelo cada vez maior. Em outras palavras, fica cada vez mais claro que o cogumelo não é definível apenas por elementos tidos a princípio com uma qualidade *cogumelesca*, mas também por uma série de elementos mais distantes que não esperaríamos que o moldassem também, sem, contudo, deixar de ser o cogumelo-rede.

...

Nos voltando finalmente para o Brasil — cujo representante na Convenção de 1971 era um dos vice-presidentes do evento — veremos que os primeiros processos judiciais em torno dos recém chegados *psicodélicos* no país se dão em torno da época do ápice da tensão da Guerra às Drogas. Aqui, mesmo que os *inimigos públicos* protagonistas da época sejam tidos como outros por pesquisadores da contracultura no Brasil (DEL OLMO, 1990; SIRKIS, 1999), os expoentes deste movimento não saíram ilesos por sua relação com a difusão de drogas no país. Delmanto (2018), num mapeamento da entrada dessas substâncias (em especial do LSD) no território nacional a partir da contracultura brasileira, indica que o primeiro julgamento por tráfico deste sintético se deu a partir de um encontro muito curioso e diverso de elementos em controvérsia, que nos indica com riqueza algumas das linhas por onde os *psicotrópicos* se movimentaram culminando em sua marginalização — num país altamente punitivista, onde, naquele momento, traficantes e usuários eram vistos como a mesma categoria e enfrentavam as mesmas penas (DELMANTO, 2018, p.198):

Das páginas do processo e dos jornais da época, e dos relatos de alguns dos envolvidos, vemos uma série de personagens surgirem: o delegado que começou a investigação porque leu nos jornais que o FBI estava no Brasil procurando LSD; o investigador psicopata que se vendeu para mudar de depoimento e que era membro de um grupo de extermínio controlador do mercado de cocaína da cidade; o juiz que se preocupa com “a mocidade” e defende os valores familiares e a virgindade feminina nos autos; o artista traficante e hippie que na prisão não larga sua bíblia [...]; os testemunhos que o defendem, os testemunhos que o entregam; o misterioso inglês financiador da operação que nunca foi visto muito menos pego; os traficantes internacionais hippies que se convertem na cadeia e mudam pra sempre de vida; a discussão sobre o ácido lisérgico causar ou não dependência, ser ou não proibido; a tortura como principal e talvez único método de investigação, acareação e construção de provas; a mídia e suas informações absolutamente conflitantes, estereotipadas e muitas vezes aleatórias. (DELMANTO, 2018, p.15)

É curioso notar, no entanto, que, se num esforço similar, nos voltarmos para a busca dos primeiros processos judiciais em relação aos *cogumelos mágicos* — ao contrário do caso acima, que ganhou uma grande visibilidade, chegando a ser publicado num livro no qual o próprio juiz do julgamento narra o evento (GOMES, 1972) — não encontraremos marcos como este no proibicionismo dos psicodélicos referentes ao *Psilocybe*. É de se causar um estranhamento que nem se buscarmos jurisprudências

discretas, encontraremos uma grande variedade de casos e muito menos de casos centrados no cogumelo. Se visitarmos uma série de discussões online sobre o assunto e falas de advogados espalhadas em artigos sobre a situação legal do cogumelo no Brasil, muitos deles indicam a escassez destes casos, e até a ausência deles sobre o punitivismo do uso (RABIN, 2015; [Rialz], 2020; [Prismatta], 2022).

Nestes fóruns, a discussão geralmente se forma a partir da indagação sobre a legalidade ou não das *lojas/empresas de cogumelo*. Perguntas como “Venda online de cogumelos alucinógenos em grandes quantidades é crime?” ou “Legalidade da venda de *P. Cubensis*?” são prontamente respondidas com alguns argumentos que se repetem em comentário após comentário em fóruns como Reddit. *LightStrict1891* (2022) No geral, existem dois grupos de elementos neste cabo de guerra, que competem pela definição da identidade do cogumelo como droga ou não. Um deles indica que, como nenhuma espécie de *Psilocybe* ou de qualquer outro gênero de *cogumelo mágico* esteja explicitamente mencionado na Portaria 344/98 — que lista apenas seus princípios ativos isolados, a *psilocibina* e a *psilocina* — o cogumelo se enquadra no princípio do direito brasileiro *sine lege nullum crimen* isto é, não há delito sem lei ([Prismatta], 2022). Em outras palavras, baseando-se numa literalidade legal, o cogumelo escaparia do proibicionismo certo por não estar expressamente mencionado na lei, mesmo que esteja inegavelmente relacionado a ela ([eaimankkk], 2020).

Os advogados que formulam estas interpretações, geram uma oposição desse caso com o caso análogo da *Cannabis Sativum* ([Rialz], 2020), cujo status de ilegalidade é muito mais conhecido pelo público geral (basta perguntar para qualquer brasileiro). Neste caso, tanto os princípios ativos da maconha quanto as espécies de onde surgem são explicitadas pela Anvisa (BRASIL, 1998), e para o grupo que identifica a Justiça como *literal* — pensando no caso oposto, da não explicitação — isto exemplificaria a legalidade do cogumelo, mesmo que a partir das condições abertamente controversas deste limite enevado.



Figura 48: Um dos debates sobre a legalidade dos cogumelos no Reddit. Fonte: <[reddit.com](https://www.reddit.com)>.

Além disso, um outro argumento, este defendido paralelamente pelas próprias lojas — que também explicitam que seus produtos não são listados pela Anvisa, num tom que parece querer se munir da maior variedade de argumentos possíveis para defender a legalidade de suas operações — é a de que as substâncias proscritas (proibidas) pela instituição podem circular no país para fins de pesquisa científica e

medicinal (PSILOCULTURA, [s.d.]), desde que sob as devidas Autorizações e regulamentos (BRASIL, 1998). É curioso, entretanto, que a permissão desta circulação não menciona o *comércio* de substâncias como modo de circulação possível. Até o momento, infelizmente não pude verificar se as lojas estão alinhadas ou não com as Autorizações e fiscalizações da Anvisa, uma vez que todas as minhas tentativas de contato com estas empresas foram infrutíferas e não conseguiram, ainda, empreender um diálogo duradouro.

Retornando à analogia da *Cannabis* em relação ao cogumelo, algo interessante é que este mesmo caso é também uma base argumentativa da oposição ao partido até agora defendido (da legalidade do cogumelo). Para este grupo, o caso da maconha aponta, ao contrário, justamente como o cogumelo deve ser enquadrado como droga, já que, mesmo que não esteja explicitado pela Portaria 344/98, deve ser *compreendida* como ilegal pela *Justiça*, já que ela (colidindo com a *Justiça literal do sine lege nullum crimen*) é interpretativa ([LightStrict1891], 2022; [Usuário deletado], 2021). Segundo o posicionamento da própria Anvisa em resposta a uma pergunta endereçada a sua Central de Atendimento em 2006 pelo usuário *Texugo* num fórum no site [Teonanacatl – micologia amadora e enteogenia](#):

[...] informamos que o *Psilocibe cubensis* [*Psilocybe*, na grafia correta] é uma espécie de cogumelo que apresenta em sua composição as substâncias psilocibina e psilocina, ambas proibidas no Brasil por serem classificadas na Lista F2 (Lista de substâncias psicotrópicas proscritas no Brasil) do Anexo I da Portaria SVS/MS nº 344/1998.

A Portaria SVS/MS nº 344/1998 é a norma sanitária que classifica as substâncias entorpecentes, *precursoras*, psicotrópicas e outras sob controle especial. São consideradas substâncias sujeitas a controle especial no Brasil aquelas elencadas no Anexo I da referida Portaria. A atualização do Anexo I é realizada por meio de Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) da ANVISA sempre que necessário. Para acessar a última atualização das listas basta entrar no site da Anvisa, por meio do link: [Lista de substâncias sujeitas a controle especial no Brasil](#).

A normativa proíbe a produção, fabricação, importação, exportação, comércio e uso de substâncias e medicamentos proscritos. Excetuam-se da proibição, apenas as atividades exercidas por Órgãos e Instituições autorizados pela Anvisa com a estrita finalidade de desenvolver pesquisas e trabalhos médicos e científicos.

Em relação ao *Psilocibe cubensis*, o qual dá origem a substâncias proscritas no Brasil, cabe esclarecer que a Lei nº 11.343/2006 define como drogas as substâncias entorpecentes, psicotrópicas, precursoras e outras sob controle especial, da Portaria SVS/MS nº 344/1998.

A referida lei também proíbe em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de *vegetais e substratos* [a categoria *fungo* é descartada] dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas.

Destarte, como a *psilocibina* e *psilocina* (substâncias consideradas drogas, conforme definição acima) são extraídas do *Psilocibe cubensis* [não são extraídas

dele]²⁵, este também é proibido no Brasil, nos termos da Lei nº 11.343/2006. [...] (ANVISA, [s.d.] apud [Texugo], 2019)

Ainda assim, a partir da definição da própria Anvisa e da interpretação de alguns advogados no Reddit, podemos observar no comportamento de seus discursos que esta *Justiça interpretativa* não deixa de admitir a controvérsia do caso do cogumelo, porém propondo que a ambiguidade legal deste objeto se fundamenta, não em sua carência de especificidade, mas nos diversos elementos que configuram os interesses e tendências do proibicionismo.

Aqui, os advogados apontam que não há casos de criminalização ou mesmo julgamentos das lojas de cogumelos, admitindo um estranhamento quando imaginam cenários similares porém protagonizados por outras substâncias. Em uma das respostas do debate *Venda de cogumelos* ([Usuário deletado], 2021), um defensor de sua criminalização comenta sobre um diálogo com um professor e juiz penal, no qual pergunta: já que o cogumelo seria considerado um *precursor*, mesmo que não mencionado diretamente pela Anvisa — uma vez que este contém a *psilocibina* — por que um dono de um pasto de cogumelos não é preso? Em resposta, o professor indica que “não há vontade” e o advogado comentarista prossegue questionando que isto “é totalmente aceitável como verdadeiro”, uma vez que, segundo ele mesmo, a configuração de crime depende da interpretação do juiz; “agora se um pé de maconha nasce no seu quintal, fica mais difícil dizer que não há vontade, rs” (ibidem, abreviação rs no original).

Aqui, fica explícito que a própria *Justiça interpretativa* possui consciência de estar sujeita a sua inserção em toda a rede anti-drogas que destacamos anteriormente na pesquisa. Aqui, a *Justiça* admite não ser ligada tão estritamente ao valor dito inato das substâncias listadas pela ONU, sendo engendrada pela noção de que determinadas drogas sofrem determinadas estigmatizações a partir de relações com diversos elementos específicos, e que estas relações implicam em pesos proibicionistas e esforços de regulamentação muito distintos para cada substância. Um dos principais elementos que pesam na interpretação de uma substância como elemento de penalização (ou não) é seu atrelamento a determinados consumidores-circuladores, que podem (ou não) ser compreendidos como *inimigos públicos*, que devem ser neutralizados, no intuito de conservar as instituições que configuram o Estado, através do encarceramento (EHRlichman, 1994 apud BAUM, 2016). No Brasil atual, tomando o exemplo da maconha, o *inimigo público número um* é a população negra e pobre do país (FERRUGEM, 2020) — bastando fazer breves comparações entre o fluxo de associações midiáticas entre a população negra-violência-drogas (maconha e cocaína, principalmente) e o perfil da população carcerário brasileira (majoritariamente negra) ou do índice de homicídios no país (idem) — enquanto fazendeiros, pesquisadores e usuários pós-*hippies* do cogumelo nem ao menos entram no levantamento de consumo de drogas pela população brasileira (FIOCRUZ, 2017).

²⁵ A molécula de *psilocibina*, embora produzida pelo próprio cogumelo, não é sintetizada pelos laboratórios a partir dele. Este é um processo industrial que independe de um cogumelo e se dá a partir de compostos químicos comercialmente disponíveis (HAKAMATA, W.; SHIROTA, O.; YUKIHIRO, G., 2003; KARGBO et al., 2020). O isolamento desta molécula foi criado justamente no intuito de eliminar o complexo e lento cultivo de um fungo como intermédio para o andamento de pesquisas ou qualquer uso em massa (KARGBO et al., 2020).

Ao mesmo tempo, outros comentários explicam que esta postura é fluida, apontando alguns casos jurídicos que evidenciam a identidade ilícita que a *Justiça interpretativa* projeta sobre o cogumelo, casos nos quais os réus foram, sim, penalizados por tráfico de cogumelos ([Usuário deletado], 2022). Em todos os casos, entretanto, o cogumelo foi tratado quase como um adereço ou uma cereja do bolo, estando lá mais no sentido da composição da dosimetria e como objeto de manobra da defesa dos réus acusados de tráfico do que no sentido de movimentar o cerne das acusações, como ocorre na Ação Penal nº 0024.19.121.939-3, do Tribunal de Justiça de Minas Gerais — este era o papel das *tradicionais drogas mais pesadas*, os elementos centrais do imaginário anti-drogas, que *ferem profundamente* a sociedade e a moral (ONU, 1961).

Dessa forma, novamente, vemos que no âmbito jurídico de controle de sua circulação, o cogumelo é muito definido por sua relação com a identidade de outras substâncias. Não há nenhum caso em que alguém tenha sido acusado meramente por tráfico ou posse de cogumelos sozinhos. O cogumelo só passou a ser considerado droga ilícita quando relacionado ao MDMA, ao LSD, à cocaína, à maconha etc e também a toda prática, técnica e tecnologia por trás da circulação destas últimas, que marca, juntamente com um recorte específico de raça e classe, o indivíduo que agencia uma conexão entre todos estes elementos como um traficante, um *criminoso*. Neste sentido, retomando o comentário do advogado sobre a falta de interesse na perseguição dos fazendeiros do cogumelo, talvez seja justamente a ausência do encontro das *lojas de cogumelo* com as drogas citadas acima e com o todo o aparato que as permite circular que retira a circulação comercial online do *cogumelo mágico* da dimensão tráfico.

Para identificarmos que elementos são estes que estão ausentes nas redes das lojas, podemos analisar uma das jurisprudências encontradas. Na Ação Penal nº 0024.19.121.939-3, uma estudante da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) foi indiciada por tráfico de drogas após ter sido detida em flagrante numa investigação policial. O flagrante foi pautado na observação de seus comportamentos em *ambientes públicos* da universidade, considerados suspeitos a partir de seu uso constante de um *celular* e de uma *mochila* e de seu *encontro frequente com terceiros* que se aproximavam da estudante de forma a realizar algum tipo de *negociação rápida e discreta*, entregando-lhe uma quantia de *dinheiro vivo* em troca de *objetos* que a estudante investigada retirava da mochila e entregava ao transeunte, que *logo ia embora* da localização.

A partir daí, identificaram além de sua residência numa *república*, uma *pensão* que ela mantinha. A seguir, finalmente abordaram-na num estado que os policiais supuseram ser de *efeito de psicotrópico* (ao observar a *incoerência de suas respostas*) e quando submetida a um revistamento, encontraram em sua *mochila* uma quantidade de *LSD, MDMA e maconha*. Prosseguiram então para a investigação de sua pensão, onde encontraram a *ausência de pertences* da estudante, objetos associados a distribuição de drogas como *vidros e plásticos*, além de estoques *das substâncias citadas e de outras*. Dentre elas, cogumelos logo foram identificados como drogas, porém estes diferiam das outras num aspecto interessante. Os cogumelos eram as únicas substâncias cultivadas pela estudante, enquanto todas as outras, conforme descoberto posteriormente, eram obtidas através de um *fornecedor*, que as transportava em especial por *ônibus intermunicipais*. Os cogumelos eram cultivados por um aparato técnico-tecnológico muito bem preparado, com *estufas, adubação, ventilação mecânica e controle de temperatura*. Os investigadores acrescentam, por fim, a interpretação de que o episódio

de sua expulsão de casa e sua própria dependência toxicológica costumavam a motivação por trás de suas operações.

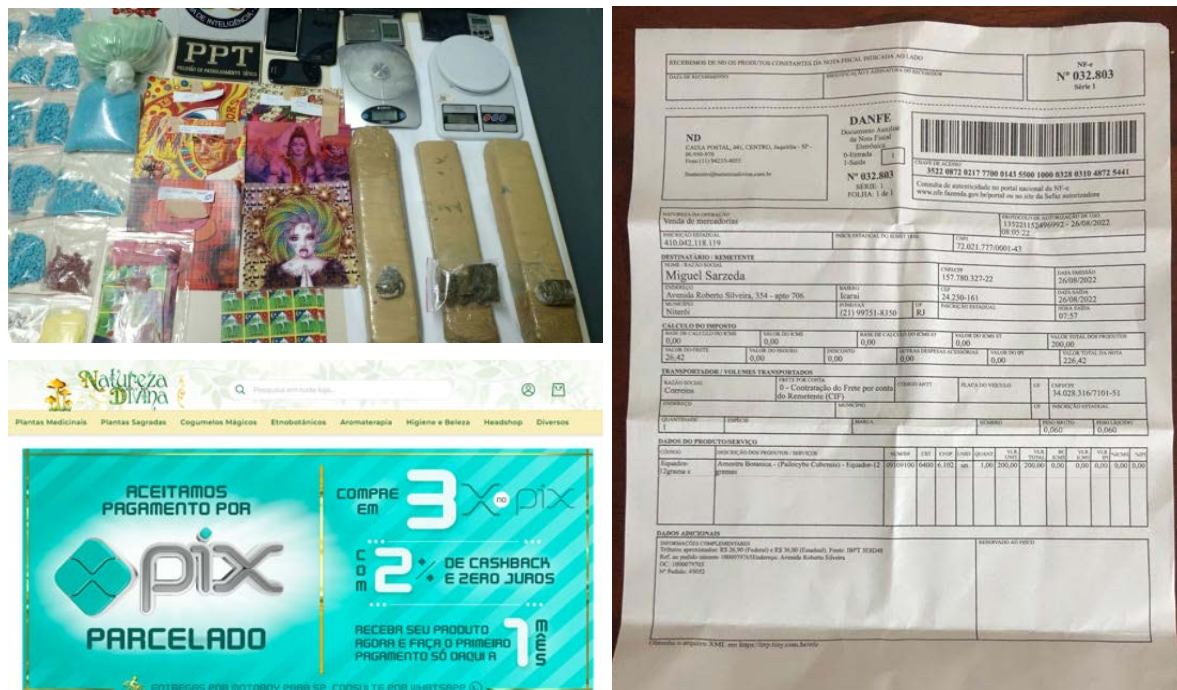


Figura 49: Exemplo ilustrativo de alguns dos elementos mencionados na jurisprudência. Fonte: <ndmais.com.br> Figura 50, 51: Elementos que ligam a circulação do cogumelo à compra e não ao tráfico. Fontes [sentido de leitura]: <naturezadivina.com.br>, fotografia autoral. Vale ressaltar a nota fiscal (Figura 51), que identifica o endereço da empresa e seu CNPJ.

É interessante que mesmo neste caso, no qual o cogumelo foi ligado a *droga-tráfico-rede*, a defesa da estudante ainda tenta usufruir da controvérsia e indefinição ao redor do cogumelo para tentar aliviar sua penalização, alegando que os mesmo, diferentemente das outras substâncias que participaram do processo, eram exclusivamente cultivados para uso pessoal e tratamento psicológico da ré. Entretanto, diante da enxurrada de outras associações que ligavam o cogumelo a uma ilicitude, tal estratégia dissociadora não foi suficiente para recondicionar a percepção do juiz sobre se a substância era ou não uma droga, que desconsiderou a alegação e ao final, condenou a ré a 8 anos de prisão.

A partir de toda esta narrativa, percebemos o elencamento de uma diversidade de elementos-rede que configuram, desde o início, a estigmatização da tal *suspeita*, que significou, posteriormente, a compreensão das atividades da estudante como *tráfico*. Estas atividades de circulação de substâncias, assim como o cogumelo — que, como vimos, assume múltiplas personalidades a partir de cada série de encontros específicos — se configuram como *tráfico* a partir da intermediação simultânea de todos estes elementos específicos grifados nos parágrafos anteriores. Dessa forma, como o cogumelo circula a partir de uma rede muito diferente — com a participação de compras no cartão de crédito, um ambiente de negociação online em vez de um público, o não encontro direto entre o fornecedor e o comprador, uma campanha de marketing, um disclaimer legal etc — podemos compreender que, desde o início, ele não cai sob os radares da fiscalização do tráfico. Assim, embora as práticas em relação a figuras associadas com o tráfico seja uma, as práticas em relação às lojas se mantêm

curiosamente não punitivas, permitindo esta circulação inusitada e tão específica deste objeto tão singular que é o cogumelo.

6. *Experiência-rede.*

Neste último segmento da pesquisa, partiremos do ponto em que o cogumelo se sustenta a partir das *lojas de cogumelo* e de todos os bastidores que traçamos a partir delas. Agora, nossa preocupação será buscar nos conectar com o cogumelo físico, de forma a tentar costurar a rede-cogumelo e seu comportamento através de uma compreensão além da tela, dos textos e das imagens. O cogumelo existe no mundo e meu intuito neste trecho será narrar como finalmente nos esbarramos e geramos, neste encontro, nossa própria rede.

O primeiro passo foi novamente voltar ao início. Nesta revisita às lojas de cogumelo, entretanto, o faço como um consumidor e começo a me diluir mais profundamente nas redes que estudava até então com uma certa distância. Passo por uma série de etapas-elementos para realizar esta ação: conversei com uma amiga sobre dividir o frete da entrega, escolhi a variedade e a quantidade a partir de um planejamento financeiro pessoal, fiz um cadastro na loja (inscrevendo meu email, meu celular, meu nome e assinando termos de compromisso que desassociavam a loja de qualquer *mal* uso), fiz a compra com um cartão de crédito e então recebi uma confirmação de compra e envio tanto por email quanto via *Whatsapp* (o número de celular não se identificava com uma foto de perfil ou nome da loja, apenas informando sua identidade na mensagem enviada), ambos me oferecendo a opção de acompanhar meu pedido, que, a essa altura, já tinha sido registrado e encaminhado num caminhão do Correios, transportando os cogumelos de São Paulo para minha casa. O discreto pacote finalmente foi entregue na portaria do meu prédio, com entrega registrada pela assinatura do porteiro. O documento que registrava os dados de envio do pacote indicavam seu conteúdo: *Psilocybe cubensis* - amostra etnobotânica. Quando o desempacotei fui surpreendido com uma quantidade de elementos além dos próprios cogumelos desidratados e embalados a vácuo por grama num pacotinho metálico. Além deles, recebi um adesivo relativamente grande com a logo da loja, para caso eu escolhesse expressar para o mundo meu orgulho de ser usuário de cogumelo; um adesivo com instruções de conservação e mais disclaimers dissociando a loja de qualquer mal uso; e finalmente um folder educativo, que curiosamente evocava diversos elementos de minha investigação prévia, construindo para mim, um usuário de primeira viagem na loja, uma identidade do cogumelo e do que esperar sobre sua experiência alucinógena. Após isto, bastava combinar uma sessão de uso com meus colegas convidados para a experiência. Naquele momento, a preparação do ambiente de pesquisa foi decisiva para preparar a experiência.



Figura 52, 53, 54, 55, 56: O pequeno kit de iniciação do cogumelo. Fonte: fotografias autorais. O cogumelo chega se apresentando quase numa performance.

Alguns dias após a chegada do produto, numa noite, consumimos o cogumelo. No início do experimento, me preocupei em tomar notas e a ficar atento em relação a tudo que se passava na nossa descontraída sessão. Entretanto, foi só mais ao final do experimento, com o abandono das notas e o protagonismo tomado pelas sensações é que os elementos antes confusos da experiência começaram a se alinhar.

...

Para minha surpresa, o cogumelo-rede não deixou em momento algum de se complexificar, se estender e se transformar no momento em que chegou até mim. Mesmo quando o cogumelo finalmente foi ingerido por mim, ele continua a se transformar a partir dos diversos pequenos elementos chave da minha própria sessão psicodélica, que se tornam, comigo e com o cogumelo, uma interface retroalimentativa e múltipla. Em outras palavras, notei, agora de uma forma mais visceral, que o cogumelo sozinho não provoca nada ao mundo no sentido da psicodelia. Tal qual María

Sabina sugere em suas *veladas*, ele necessita do curandeiro e este necessita do enfermo e este necessita da enfermidade e todos necessitam do cogumelo (SABINA, 1984, p.110). O cogumelo primeiramente necessita de consciências para exercer influência, e por sua vez, as consciências necessitam de infinitos elementos para ancorar e costurar sua experiência sob a influência do cogumelo e mesmo justificar o relacionamento desta consciência com o cogumelo. Entretanto, na minha sessão particular, diferente de Sabina, não utilizei enfermos, ou enfermidades, ou velas, ou canções, ou orações, ou espíritos, ou resina, ou fumaça para chamar os cogumelos e “pedir que me contassem sua verdade”; para isso utilizei outros elementos da minha rede, como meus colegas convidados para o experimento, essa própria pesquisa que vinha fazendo até então, músicas, conversas, um medidor de dosagem, risos, videoclipes, um marcador de página encantador, tabaco, chiclete Trident, um banho, meus olhos com um então descoberto poder de microscopia, fones de ouvido, meus gatos, meu gravador de áudio, as notas que tomava, o prisma cromático que se formou nos meus olhos a partir de uma pequena lágrima pós gargalhada, pão puro e seco, minha casa etc.

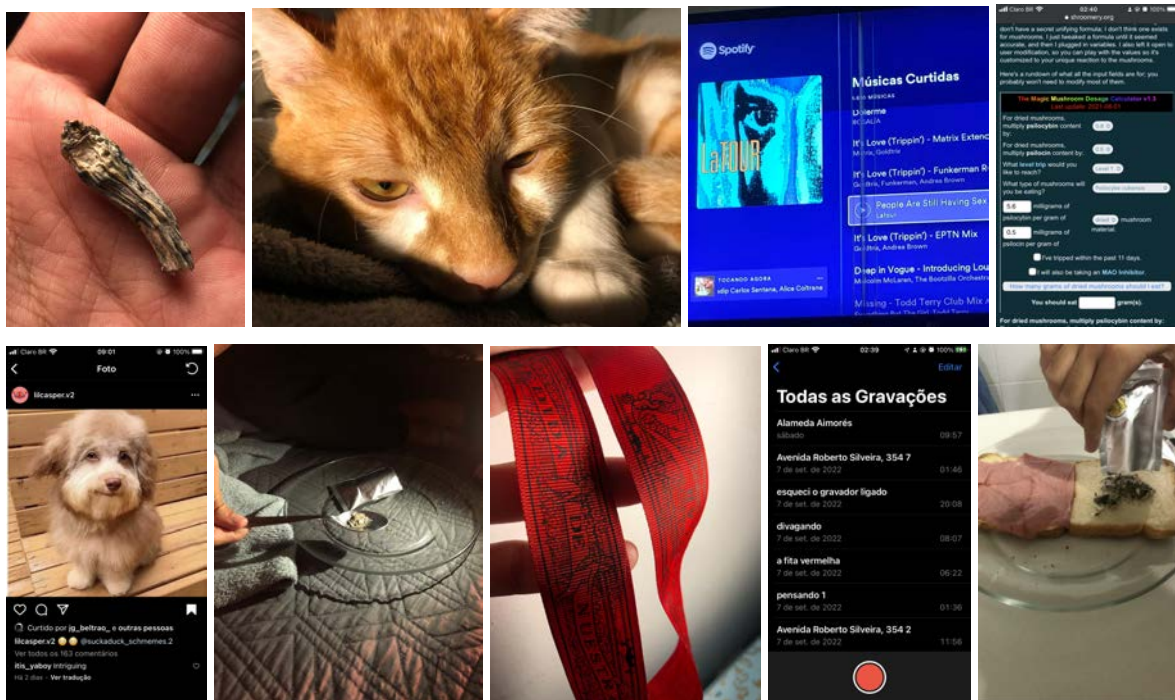


Figura 57, 58, 59, 60, 61: Algumas figuras que costuraram, comigo e o cogumelo, minha sessão. Fonte: fotografias autorais.

Através de todos estes elementos combinados de formas individuais em momentos ao longo da noite que se confundiam entre o específico e o abrangente, entre o pontual e o contínuo, a minha subjetividade (mais um elemento da rede) costurava tudo numa experiência que posso, grosseiramente, resumir no próprio ato de sentir a costura desta pequena trajetória-rede através do pensamento. Após seu consumo, em mim, o cogumelo ganhou esta nova dimensão da sensação, que o confere um novo tipo de materialidade, misturando-se comigo mesmo num nó e nos tornamos, juntos, um emaranhado da grande rede que o sustenta, desde as tecnologias que o cultivam, às práticas que o utilizam, a legislação que o regula, aos seus tecidos e moléculas, ao som

da música que estimulava minha imersão, à minha forma particular de sentir e pensar, à troca com o outro e todo o resto que fez parte da minha experiência.

É interessante notar que mesmo que o cogumelo se costure numa experiência inteira, ele ainda assim, sem perder esta macrosensação, tomava formas pontuais e únicas a partir da minha interação com cada elemento específico, em microsensações (como mencionei no parágrafo anterior, ele transitava entre o específico e o abrangente). A sensação temporal, do tato, da visão, da propriocepção, do pensamento, da emoção e da fala eram muito distintas, por exemplo, entre quando eu estava concentrado, sozinho e no silêncio, e quando estava com os outros, numa conversa descontraída. Havia uma diferença sensória notável entre quando me concentrava no marcador de página que me provocou pequenas alterações visuais e quando eu estava discutindo com meu amigo se a camisa da seleção brasileira de futebol era azul e branca ou azul e amarela; uma diferença notável entre quando me concentrava no pensamento e em seu registro através do gravador de áudio, que me estimulava a refletir sobre o que se passava, e quando me vi preso aos risos com meus colegas por conta de um post de instagram com uma foto de um cachorro inusitadamente expressivo. Novamente, percebi como diferentes interfaces alinham diferentes identidades para o cogumelo.

Estas sensações também foram profundamente diferentes e ao mesmo tempo extremamente similares a experiências pessoais anteriores com o cogumelo, considerando que estas estavam rodeadas de elementos completamente distintos. Por exemplo, a primeira delas foi muito pautada por uma disciplina sobre linguagem e comunicação que cursei na época, pelas cores do céu num mês de seca e pela longa viagem (devido a um ineficiente planejamento urbano carioca) que fiz desde a praia em que havia tomado o cogumelo até minha casa. Foram centenas de estímulos que tornaram a experiência toda um grande exercício contemplativo e introspectivo, ao mesmo tempo que extremamente ligado a esta rede de elementos externos. Como um movimento de respiração, tudo tratou-se da sensação de inspirar o que estava fora de mim e expirar o que, a partir desses encontros particulares mediados pelo cogumelo, formava um significado gerado dentro de mim, para então repetir o processo, numa sensação como transitar constantemente entre o sonhar e o despertar.

Parte II

Projeto Audiovisual

7. Proposta. Contando Cogumelos.

Ao longo da investigação na etapa anterior, pudemos lentamente evidenciar como o cogumelo é projeto de um emaranhado de cruzamentos entre determinados elementos *humanos* e *não-humanos*. Estes cruzamentos, entretanto, não são necessariamente homogeneizantes no sentido da atribuição de uma identidade. Muitas vezes, do contrário, tratam-se de uma colisão de interesses entre esses elementos; de uma disputa que é condicionada pela própria existência do cogumelo e que, em contrapartida, garante sua própria existência, num ciclo de codependência.

Nesta *controvérsia*, por consequência, o cogumelo inevitavelmente se fragmenta numa ampla indefinição, enriquecendo a rede anterior à colisão ou suprimindo-a para que se transforme numa nova rede menos embaralhada com a antiga. Evidenciamos, por exemplo, como os *hongos sagrados*, antes vinculados a uma série de práticas comunitárias e religiosas em Huautla de Jimenez, é deslocado deste contexto para um novo, nos EUA, onde, a partir de uma série de novos cruzamentos entre novos elementos (como a academia, os laboratórios, os pacientes e as doenças psiquiátricas) assume uma nova identidade, a da *psilocibina*. Num outro exemplo, evidenciamos que mesmo no ocidente, o cogumelo permanece em disputa. Neste caso, ao cruzar com outros novos elementos como uma variedade de substâncias alucinógenas, um regime político tradicionalista e uma série de manifestações revolucionárias, acaba sendo carimbado como *substância ilícita* por décadas. Com isso, é destas disputas que se formam em torno deste elemento tão singular em ser múltiplo que surgem os vários *cogumelos* que investigamos.

Dessa forma, concluímos que o interesse deste trabalho não está na busca por uma definição do cogumelo, mas sim na busca por sua *indefinição*. Existe uma riqueza fluida muito intrigante e potente neste exercício de deslocar e realocar este *fatiche* (LATOURE, 2021), de evidenciá-lo numa eterna navegação de agências ambivalentes. Em sua simultaneidade, dinamicidade e infinidade, este *olhar-rede* nos permite redimensionar olhares estigmáticos unidimensionais que limitam a navegação do cogumelo e as potências de sua integração a uma *rede sociotécnica* mais ampla.

I. Oportunidade

Enquanto o cogumelo seguia sendo “indefinizado” e a prática do *olhar-rede* ganhava — para além do papel de uma técnica de pesquisa distante — um protagonismo próprio cada vez maior, uma lacuna conceitual surgiu. A maneira como a *cogumelo-rede* foi sendo organizada e conformada em um texto me parecia cada vez mais distante de uma representação ideal de uma ator-rede. Isto porque a linearidade de um texto — de cima para baixo, da esquerda para a direita e do passado para o futuro —

não dialoga com tanta sintonia com a flexibilidade estrutural que a *Teoria ator-rede* (LATOIR, 2005) propõe. O próprio sentido das orações numa frase, atribuindo um sujeito por vez a um predicado por vez (e a ordem da ação em apenas uma via, deste sujeito em direção ao predicado), limita a simultaneidade dos cruzamentos entre os elementos-rede e mesmo o sentido duplo de sua agência.

Além disso, a esterilidade e objetividade do modelo de expressão acadêmica acaba ofuscando uma participação mais ativa de um elemento articulador crucial deste tema de pesquisa: a subjetividade das experiências alucinógenas. Como concluí a partir do meu experimento no fim da *Parte I*, essa subjetividade permeia e costura toda a trajetória percorrida pelo cogumelo e confere uma profundidade muito particular à Teoria ator-rede. Esta experiência, difícil de descrever em palavras, habita um mundo não categórico, onde o véu entre o científico, o transcendental e o emocional deixa de existir.

Dessa forma, passei a questionar se o modelo textual desenvolvido até então não trazia por si só, antes mesmo do tema trabalhado, uma oportunidade de atuação, num metaprojeto. A Teoria ator-rede pulveriza nosso olhar para o mundo e, portanto, as próprias práticas de pesquisa que se desenvolvem a partir de seus conceitos são frutíferos campos de inovação e reflexão sobre o fazer científico. A oportunidade de projeto estaria, portanto, na própria representação/comunicação da pesquisa realizada.

II. Objetivo

A Teoria ator-rede se concretiza na *cogumelo-rede* mapeada, em cujos alicerces estruturais fundamentais, agora, os holofotes projetuais focam. A partir daqui, o objetivo seria, portanto, des-enrijecer tais limites textuais citados e diluir a *cogumelo-rede* numa experimentação de linguagem e comunicação alternativa, propondo reflexões sobre possibilidades organizacionais deste *fatiche*.

Estas experimentações, por sua vez, nos levariam, invariavelmente, ao desdobramento de um segundo e mais geral objetivo deste trabalho como um todo, que é atuar como um *dispositivo de debate*, não apenas, sobre o cogumelo alucinógeno, mas também sobre o cenário de estigmas que engessa a nossa relação com diversas outras substâncias alteradoras da consciência tidas como ilícitas. Vimos na *Parte I* como essas *drogas* passam, a partir destes estigmas (muitas vezes sem mesmo fundamento científico) a atuar como mantenedores do poder Estatal, que, para tal, perpetua uma série de opressões e violências sobre determinadas comunidades.

O segundo objetivo é consequência do primeiro, pois realizar um trabalho que propõe novas formas de pensar e comunicar não só o tema do cogumelo, mas toda uma forma de organizar o mundo (recusando categorias e estigmas) implica inevitavelmente em *invadir e embaralhar* uma discussão *ultramoralizada* e rígida sobre as drogas, confundindo-a e contribuindo para o surgimento de um ambiente onde seja possível projetar novas reconfigurações da relação *droga-crime-moralidade*.

III. Solução

Com isso, a solução para materializar estes objetivos deveria tomar a forma de um veículo que permitisse uma maleabilidade comunicativa para trabalhar a Teoria ator-rede — ou em outras palavras, uma liberdade estrutural maior que a possível num texto acadêmico — para que, dessa forma, os resultados da pesquisa pudessem invadir o cenário da discussão das drogas de forma mais eficiente e imersiva. Foi então que, a partir destas necessidades, o formato escolhido para o *produto final* deste trabalho foi um *curta metragem*.

O audiovisual, como debateremos mais profundamente no capítulo seguinte, é uma ferramenta extremamente versátil para contar histórias. Suas oportunidades narrativas representam uma resposta dinâmica aos problemas conceituais apontados na seção *Oportunidade* deste capítulo. Em suas infinitas possibilidades expressivas, esta mídia permite que se jogue muito livremente com a estrutura de uma história, de forma potencialmente menos presa a uma cronologia tradicional ou mesmo a uma relação rígida e tradicionalmente expositiva de uma sequência de ideias. Além disso, através do audiovisual como ferramenta artística, seria capaz de articular mais profundamente os resultados da pesquisa com a dimensão subjetiva dos elementos alucinógenos da *cogumelo-rede* a partir da representação da última de forma mais sensória e lírica.

IV. Projeto

Com os objetivos evidenciados e a solução proposta, podemos avançar para as etapas projetuais. Mesmo com o intuito de trabalhar com uma linguagem mais expressiva e desafiadora de estruturas, a organização de um ambiente de trabalho direcionado foi importante justamente para que se garantisse um espaço seguro para experimentar livremente, de forma que não se prejudicasse as principais conclusões da pesquisa e as abordagens conceituais e ganchos narrativos/de linguagem através dos quais o espectador pudesse acompanhar o desenrolar do debate. Além disso, este direcionamento foi essencial para a minha própria navegação enquanto projetista, de forma que minhas decisões e estratégias de desenvolvimento pudessem ser tomadas com mais clareza no panorama de um tema bastante difuso — realidade que, a cada avanço da prática, trazia sempre uma certa dose agri-doce de desafio e inconveniência, apesar de sua promessa criativa dispersa inicialmente convidativa.

O projeto se desenvolveu num processo que pode ser dividido em quatro etapas, que correspondem aos subsequentes capítulos deste trabalho: 1) *Referências Projetuais*, no qual elaboro sobre os fundamentos conceituais e narrativos do curta a partir da análise de uma série de referências audiovisuais; 2) *Roteiro*, no qual o embaralhamento da *cogumelo-rede* é desenvolvido a partir de um exercício modular de reestruturação; 3) *Acervo Audiovisual*, que registra as escolhas das vozes visuais e sonoras e de suas respectivas falas que contarão a história proposta; e 4) *Montagem*, momento de costura entre todas as etapas anteriores, no qual descrevo as estratégias de comunicação e escolhas de linguagem.

8. Referências Projetuais. Desestrutura narrativa.

O audiovisual — como eu viria a descobrir numa viagem por intrigantes obras do gênero e pela minha própria intuição — é uma ferramenta narrativa tão ampla quanto o horizonte da consciência e da expressão, tanto de quem representa uma história, quanto da própria história. No nosso caso, ao menos uma dessas partes já demonstrou uma amplitude expressiva irrevogável, transitando por inúmeras histórias peculiarmente cruzadas: *o cogumelo*. Contar o cogumelo ensaia um desmonte do véu categórico entre o científico, o transcendental e o subjetivo. Dessa forma, foi interessante para mim explorar o audiovisual como um recurso não categórico, ou seja, não ligado formalmente a expectativas narrativas, mas sim tocando nos limites embaralhados do tema. Esse norte conceitual me levou, portanto, a estudar obras que, justamente, brincassem com esse costurar histórias com foco mais na costura que em seus fragmentos; histórias que se montassem no terreno baldio da desestrutura prévia de um não-gênero — tal como a *ator-rede* se monta a partir do vazio das não-suposições.

Neste momento, me encontrei com algumas referências do cinema. A autobiografia de *Agnès Varda*, as elucubrações sobre memória de *Chris Marker*, a construção de uma memória racial brasileira a partir de uma casa-flor num documentário de *Eduardo Coutinho*, e as meditações azuis do limbo atemporal de *Derek Jarman*.

I. **Agnès Varda.** *Les plages D’Agnès*, 2008.

A autobiografia da cineasta se monta como uma espécie de colagem de uma variedade de elementos visuais e narrativos de diferentes linguagens. Um dos cernes da obra é a sinceríssima paixão fundamental de Agnès pelo audiovisual como uma forma irrestrita de contar suas histórias. Seu apreço pela beleza do filme se expressa na sua intenção mais genuína.

Nas praias de Agnès, o teatral se mistura com o documental e o lirismo nunca sai de cena. O intrigante é que, mesmo nesta brincadeira com o limite do que pressupõe um registro biográfico, a história de Agnès nunca parece menos real. Do contrário, ganha dimensões e uma profundidade que uma narrativa pendente apenas para o realismo ou apenas para o ficcional não seriam capazes de provocar. Agnès, tal como o cogumelo, não poderia ser contada sem um mergulho anárquico por sua memorabilia.



Figuras 63, 64, 65, 66, 67, 68: Trechos de *Les plages d'Agnès* (1983). Fonte [sentido de leitura]: (VARDA, A. 2008, 02:06 min; ibidem, 15:11 min; ibidem, 18:13 min; ibidem, 28:56 min; ibidem, 37:10 min; ibidem, 1:41:50 min).

II. Chris Marker. *Sans Soleil*, 1983.

Aqui acompanhamos uma paciente viagem através da memória e do tempo. As cartas de Sandor Krasna, um viajante que perdeu o esquecimento, justapostas com um recorte de imagens e vídeos debatem e engendram o sentido da memória e sua relação com o cinema. Fragmentos desconexos que pouco a pouco constroem provocações e sensações. Apenas aos poucos é que o devaneio toma uma forma. Apenas edificando-se camada sobre camada, cacos sobre cacos, é que as peças de memória vão tomando novas dimensões nesse *travelogue* ficcional feito como que dentro de casa.

Chris Marker costura um compilado de imagens produzidas por outros artistas ao redor de vários países, produzindo uma contemplação sobre a teia da identidade que vai se tecendo a partir do encontro de elementos das cidades, do transporte, das pessoas, dos animais, dos sonhos, do horror, das feiras, dos rituais, das máquinas, das lendas, do tempo, das guerras e das imagens. Toda essa ator-rede surge muito organicamente de maneira pouco ou não contínua, de forma que estes fragmentos contam suas próprias pequenas histórias e ao final contam uma grande massa de ideia.





Figuras 69, 70, 71, 72, 73: Trechos de *Sans Soleil* (1983). Fonte [sentido de leitura]: (MARKER, C. 1983, 52:56 min; ibidem, 55:25 min; ibidem, 52:43 min; ibidem, 58:50; ibidem, 59:26 min).

III. Eduardo Coutinho. *O Fio da Memória*, 1991.

Neste documentário, Eduardo Coutinho e Gabriel Joaquim dos Santos nos convidam a abandonar a macroscopia dos livros de História e percorrer a história da controversa abolição da escravatura no Brasil a partir da microscopia das vidas e laços individuais entre pessoas e famílias negras. As tramas do dia a dia definem acontecimentos políticos e econômicos narrados principalmente pelos diários de *Gabriel Joaquim dos Santos* — um falecido mestre da arquitetura espontânea com inestimáveis contribuições para o estudo e representação da experiência negra no Brasil.

A história contada pelo filme se constrói também a partir dos caquinhos que constituem a Casa Flor de Gabriel. Os cacos e fragmentos da História, cada qual único, constroem “uma grande Casa Flor das memórias pretas nacionais” ([clara], 2019). No lugar das paredes de uma casa, poderiam ser teias, ou uma rede, uma *ator-rede*.





Figuras 74, 75, 76, 77: Trechos de *O Fio da Memória* (1991). Fonte [sentido de leitura]: (COUTINHO, E. 1991, 26:03 min; ibidem, 15:52 min; ibidem, 16:46 min; ibidem 44:42 min).

IV. Derek Jarman. *Blue*, 1993.

Um plano sólido azul e imutável preenche a tela do início ao fim do filme. Em *Blue* (1993), mergulhamos na sensação sem-fronteiras que envolve uma história fora do tempo. Acompanhamos a consciência poética de um homem gay nos anos 1990 vivenciando em recortes, entre o real e o onírico (aqui, nunca valores opostos), a falência gradual de seu corpo em decorrência das complicações da AIDS. Azul se torna tudo que ele vê em todos os seus sentidos. É a cor da sua perda de visão.

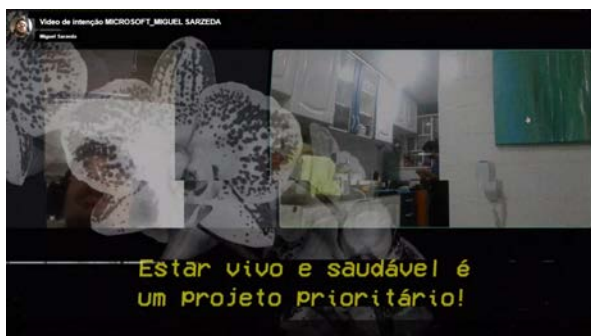
Nessa história fictícia que se mistura com uma autobiografia do próprio Derek Jarman — que faleceria, tal como o personagem, 3 meses após o lançamento de *Blue* (1993) — somos conduzidos por um novelo de memórias, devaneios e sons. É muito interessante pensar como o som atua e sustenta uma história extremamente profunda e imersiva. Ele nos conduz à leveza, ao terror, à nostalgia e à angústia. Mesmo embaralhada, a história é costurada por um túnel sonoro contínuo de transições imperceptíveis, guiado pelo ritmo de tigelas tibetanas. A história é uma longa meditação. A linearidade e a razão, aqui, não são tão importantes quanto a eletricidade das sensações tal qual a experiência alucinógena.

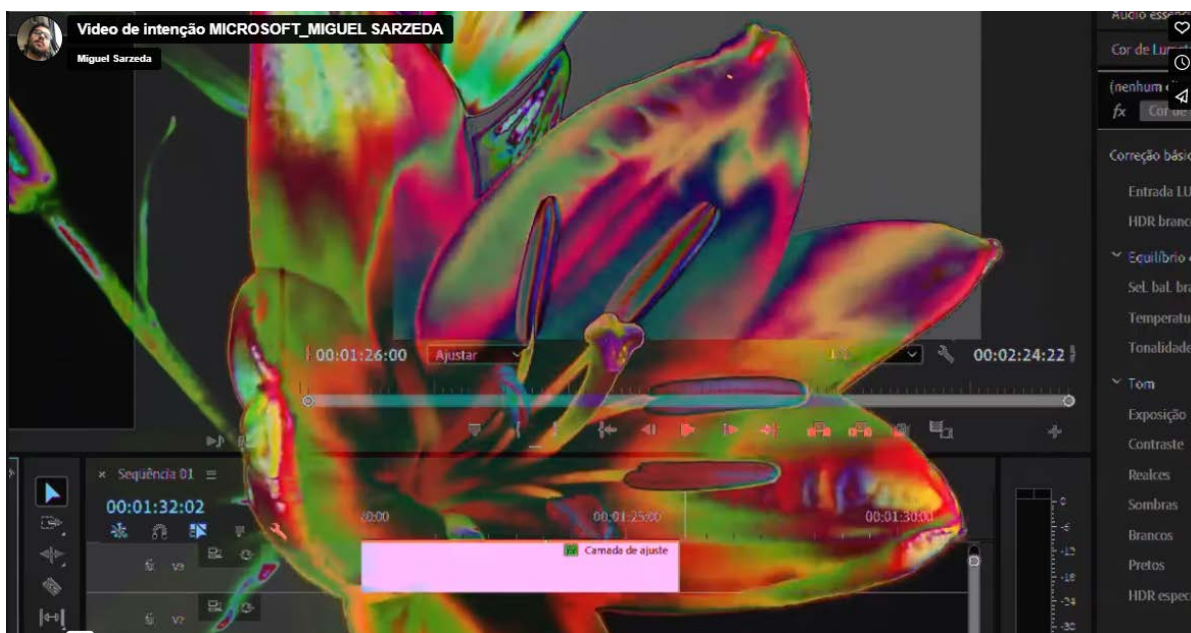
Blue, an open door to soul ...

an infinite possibility
becoming tangible.

[Man] Blue transcends
the solemn geography of human limits.

Figuras 78, 79, 80: Trechos de *Blue* (1993). Tradução no sentido de leitura “Azul, uma porta aberta para a alma...”, “uma possibilidade infinita se tornando tangível”, “O Azul transcende da solene geografia das limitações humanas”. Fonte [sentido de leitura]: (JARMAN, D. (estático recriado por Art Papers) 1993, 24:33 min; ibidem, 24:38; ibidem, 09:18 min).





Figuras 81, 82, 83, 84: Trechos de projetos acadêmicos realizados por mim. Acho sempre interessante partir da ideia de colagem para a elaboração das minhas identidades. Outro elemento importante nestes trabalhos é o uso da música e do ritmo para criação de sensações. Fonte: prints autorais.

V. Outras referências.

Também deixo, ao final desta galeria, trechos de duas músicas — respectivamente, *Blanco* (1996) de Marisa Monte e *Bedtime Story* (1994) de Madonna — que me inspiraram a embarcar nesse projeto há mais de um ano e que agora voltam a ser referências bastante coerentes.

Me vejo no que vejo / Como entrar por meus olhos / Em um olho mais límpido / Me olha o que eu olho / É minha criação / Isto que vejo / Perceber é conceber / Águas de pensamentos / Sou a criatura do que veio. (MONTE, M. 1996)

Today is the last day / That I'm using words / They've gone out, lost their meaning / Don't function anymore // [...] // Leaving logic and reason / (Traveling) to the arms of unconsciousness // [...] // Words are useless / Especially sentences / They don't stand for anything / How could they explain how I feel?²⁶ (MADONNA, 1994)

•••

A partir do estudo dessas referências pude, portanto, elaborar um painel das “diretrizes” conceituais e narrativas que guariam o desenvolvimento do curta:

FILME	NORTE	PROVOCAÇÃO
Les plages d’Agnès (2008) <i>Agnès Varda</i>	<i>Documentário e teatro se misturam na representação da vida. Colagem.</i>	<i>Que texturas, elementos, sons, dramas, vídeos, objetos, etc podem contar o cogumelo?</i>
Sans Soleil (1983) <i>Chris Marker</i>	<i>A lenta costura de planos que se encontram apenas a partir do acúmulo de associações. A presença de uma narrativa elucubradora que sugere, mais do que define, uma história.</i>	<i>Como embaralhar a cogumelo-rede de uma forma ainda compreensível? Apostar na voz da imagem pode ser um caminho para sugestão.</i>
O Fio da Memória (1991) <i>Eduardo Coutinho</i>	<i>O foco nas narrativas individuais e pequenas experiências.</i>	<i>Como elas definem o que entendemos como grandes marcos?</i>
Blue (1993) <i>Derek Jarman</i>	<i>A potência do som e de uma história bem contada na imersão.</i>	<i>Como a poesia pode invadir o documental?</i>

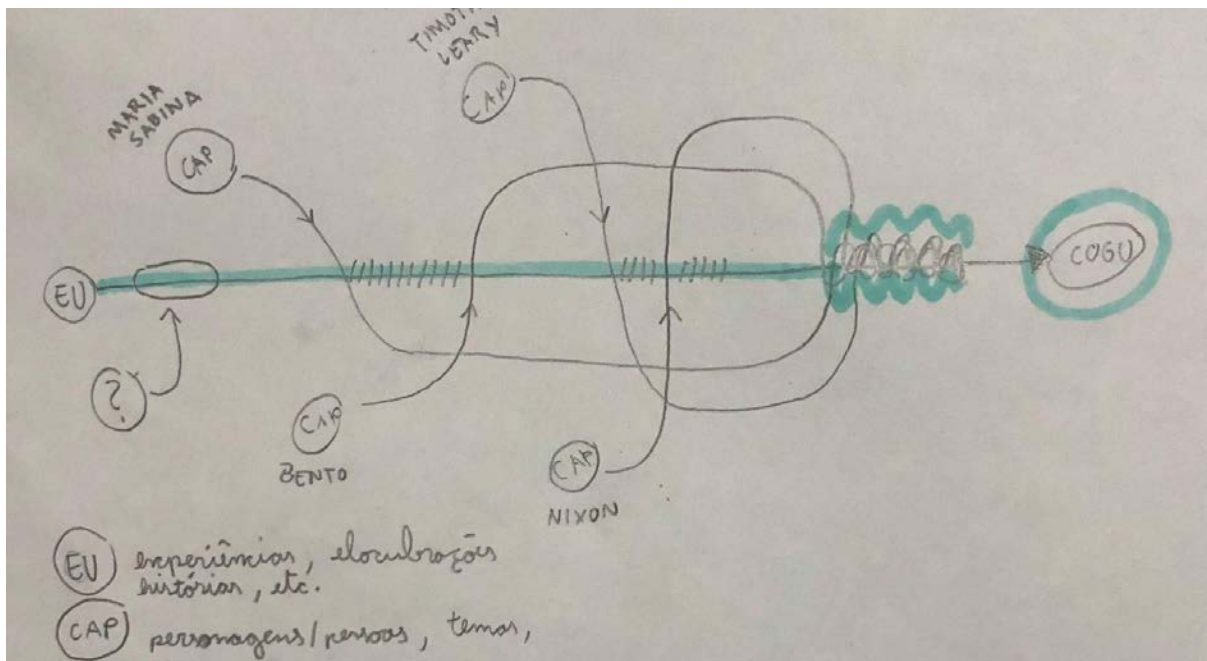
²⁶ Tradução livre: Hoje é o último dia/Em que uso palavras/Elas se foram/Perderam seu significado/Não funcionam mais/ [...] /deixando a lógica e a razão/(Viajando) aos braços da inconsciência/[...] /Palavras são inúteis/Especialmente sentenças/Elas não significam nada/Como elas poderiam explicar como eu me sinto?

9. Roteiro.

O roteiro foi um instrumento potente para a cristalização de uma ideia até então muito difusa e amorfa. Foi nessa etapa em que a tradução dos objetivos em solução começou a ser alinhada. Neste momento de escrita, pude idealizar visuais, ritmos e sons que poderiam se articular com uma linha narrativa mais sólida, a partir da qual podia re-imaginar a investigação que eu pretendia contar de forma relativamente livre — indo e voltando, sem o grande empecilho de um projeto visual já em estado de pós-produção. Dessa forma, o roteiro foi um aliado crucial para a otimização de um tempo escasso e para um trabalho mais certo.

A maleabilidade citada foi possível por conta da minha decisão por modularizar o roteiro. Produzi categorias de capítulos mais ou menos autônomos narrativamente, que pudessem ser embaralhados de forma que eu tivesse certa flexibilidade para entender os limites das relações entre os temas abordados (mais abaixo descrevo a divisão dos temas por capítulo). No fim, mesmo embaralhados, a relação entre todos os capítulos passava pelos *cogumelos*, e a cronologia de um filme jogava a favor da investigação no sentido da acumulação de associações ao longo do assistir, que consequentemente clarearia lentamente o tema e a estratégia narrativa do curta.

Nesse momento de experimentos com estruturas possíveis, para evitar um ruído desestrutural inconveniente, idealizei que um fio condutor permeasse toda a história e concedesse ao espectador âncoras, ou sugestões, que pouco a pouco pudessem dar uma familiaridade maior ao tema. Para tal, elenquei um elemento da ator-rede que, entre os encontros e repulsões da mesma, entra em contato com os outros de forma diferenciada: eu mesmo, enquanto pesquisador. Dessa forma, meu olhar e uma representação da minha voz seriam o fio central (*CAPÍTULOS A#*), que seriam, então, recortados pelos demais capítulos. Além dessa perspectiva em primeira pessoa, minha posição como realizador deste projeto de pesquisa permitiu unir a essa linha de perspectiva pequenos trechos mais conceitualmente expositivos, algo que me permitiria falar mais diretamente sobre a Teoria ator-rede (*CAPÍTULOS C#*). Ainda, por tratar-se de uma espécie de ponto de vista, com esse fio condutor, era possível trabalhar elementos subjetivos e de conexão com o espectador.



Figuras 85: Rascunho de esquema narrativo embrionário. A ideia era demonstrar visualmente os cortes e as conjunções entre os capítulos. Fonte: acervo pessoal.

- CAP. A#: trechos introspectivos, como um espiar sobre os pensamentos de uma consciência psicodélica. É um elemento da cogumelo-rede com um potencial de iniciar e encerrar a narrativa, pois serve de contextualizador e de ponte entre o resto do filme e o espectador (por conta da personalidade deste trecho);
- CAP. B#: a vida de Maria Sabina, um dos pontos mais ramificados da cogumelo-rede. Um ponto de encontro entre o tema A# com a primeira série de pistas sobre os cogumelos do curta — por conta da harmonia entre os relatos psicodélicos anteriores e a intimidade dos depoimentos de Sabina. Nesse trecho da pesquisa, fica muito evidente como os *hongos sagrados* tomam forma a partir de sua relação com a curandeira e como ela própria, o ritual e sua comunidade também são condicionados pelos *hongos*. É um bom exemplo para trabalhar alguns conceitos fundamentais da Teoria ator-rede, e é, portanto, um ponto de início eficiente para tratar deste tema;
- CAP. C#: trechos narrativos expositivos. Aqui, mesmo numa abordagem mais tradicional, onde explicam-se conceitos mais diretamente, há uma oportunidade de satirizar o gênero documental e brincar com o imaginário cinematográfico de um narrador, e portanto subvertê-lo de alguma forma. Ao utilizar uma voz caricata (I.A.), num trecho igualmente caricato, assumo a estranheza dele em contraste com o restante dos trechos. C#, junto à A#, atua como ponte entre os demais capítulos e o espectador, além de ser a coluna espinhal do curta;
- CAP. D#: o choque inicial entre os *hongos sagrados* e o ocidente, onde o primeiro se dissolve em *psilocibina*. Aqui é o ponto onde as

controvérsias se evidenciam mais literalmente, com os *hongos* sendo quebrados em uma unidade identitária básica e microscópica, ou seja, seu princípio ativo. Aqui também abandona-se todas as outras interfaces (os ritos, a coleta, os santos etc) que constituíam, com esses cogumelos, os *hongos* ;

- *CAP. E#*: uma outra reconfiguração dos *hongos* nos EUA: o advento dos *cogumelos mágicos* e dos demais psicodélicos, que são associados à contracultura e à subsequente Guerra às Drogas. Aqui há uma oportunidade de discutir os imaginários, práticas e personagens que se vincularam aos cogumelos nas últimas décadas — vínculos que de certas formas ainda persistem hoje.
- *CAP. F#*: uma investigação sobre o paradeiro atual dos *cogumelos*, em especial no Brasil. Existe aqui uma oportunidade narrativa única para trabalhar as controvérsias e as múltiplas identidades do cogumelo mais ou menos simultaneamente. Devido à rica quantidade de fontes divergentes sobre a *cogumelo-rede* neste cenário, pode produzir uma espécie de diálogo entre forças opostas, em que vozes distintas respondem sempre umas às outras num *ping-pong* argumentativo.

A *decupagem*, também um aspecto importante da elaboração do roteiro, foi um processo em que planejei os desdobramentos visuais, o ritmo das cenas, as estratégias de comunicação etc. Pude, por exemplo, elaborar melhor alguns fundamentos narrativo-visuais (Ex.: *Oposições*: cortes abruptos, inversão da imagem, corte de som, mudança de ritmo. *Interseções*: interpolação, justaposição, soma, crossfade, ruído visual, ruído sonoro) e notar alguns gargalos na pesquisa em relação ao audiovisual (Ex.: Como sinteticamente demonstrar a passagem/associação entre os *cogumelos* e o LSD, ou a passagem dos os *cogumelos* num cenário norte-americano para o Brasil?) questionamentos a partir dos quais poderia planejar soluções prévias.

...

Após algumas versões de ordenação dos capítulos, enfim optei por uma sequência mais direta entre outras mais sinuosas. Isso por conta do escopo de duração do curta e do tempo de produção. Sendo uma equipe de uma pessoa só, com tempo e recursos limitados, previ que uma abordagem mais abstrata significaria um processo muito mais laborioso, de muitas idas e vindas entre a produção do curta e a concepção do roteiro, sendo necessários refinamentos e realinhamentos conceituais muito mais constantes, sempre a partir de resultados eternamente provisórios. A sequência de capítulos final foi a seguinte:

- INTRO > TÍTULO > A#I > B#I > C#I > A#II > B#II > C#II > B#III > D#I > E#I > E#II > C#III > F#I > F#II > A#III > CRÉDITOS FINAIS

O roteiro se encontra na íntegra anexado ao final deste relatório. Lá, meu processo está esmiuçado de forma mais detalhada, com *insights* específicos sobre várias decisões ou pretensões, muitas das quais não chegaram ao corte final por conta de mudanças em outras etapas. De toda forma, optei por anexá-lo em seu estado original.

10. Acervo Audiovisual.

I. Acervos Digitais

O roteiro, entretanto, foi co-dependente da intensiva construção, ou melhor dizendo, *mineração* de um acervo visual-sonoro. Esta pesquisa foi o processo de coleta dos dados, falas e vozes, em suma, dos depoimentos e evidências que seriam a matéria-prima mais enxuta a partir do qual todo resto deveria se desenvolver, inclusive a narrativa. Em outras palavras, só foi possível montar um roteiro, primeiramente, por conta dessa navegação plenamente imersa na vasta trilha de vestígios deixada pelos *cozumelos*. Em contrapartida, só foi possível fazer uma pesquisa de acervo por se ter uma noção narrativa e os temas que seriam trabalhados. Estabeleci esta relação, pois era de suma importância que um projeto sobre a ator-rede desse mais voz para esse (a)sujeito, do que falasse com a própria²⁷.

Neste momento, gerei uma lista de *tópicos úteis* (ver mais adiante) que refletiam sinteticamente os temas de mais destaque desenvolvidos na *Parte I* e que me serviram de referência na busca por “*footage*”. Cada tópico me levava a uma extensa exploração das associações que, em parte, os próprios mecanismos de pesquisa me propunham a partir do tema. Os algoritmos, afinal, estão criando — a partir de pré-suposições humanas sobre seu próprio imaginário — associações entre pontos de interesse numa imensa rede de experiências²⁸. A partir desses encontros colaborativos com as sugestões dos algoritmos, esquematizei o processo de busca por fontes num percurso que geralmente se dava pelos seguintes passos: 1) busca a partir de *tópico útil*; 2) navegação por *recomendações*; 3) retorno ao tópico anterior para *cruzamento de resultados*. Neste simples, porém imersivo processo foi essencial, portanto, um olhar atento e crítico, de filtragem, foi responsável por desvendar diversas novas vozes que viriam a contribuir com a narrativa do curta. Como resultado desta etapa, apenas, construí um amplo acervo que seria o cerne do projeto, a partir do qual elaboraria uma espécie de colagem em movimento.

²⁷ Os próprios trechos expositivos (e mesmo os introspectivos) do roteiro foram em grande parte baseados em citações. Um dos trechos expositivos do curta é uma citação direta já anteriormente mencionada na p.15 deste relatório (VENTURINI, 2010, p.261). Os trechos contemplativos no início e no fim do vídeo foram uma colagem de passagens de um ensaio também já mencionado de Aldous Huxley (2015) com trechos de minha autoria. O livro *As Portas da Percepção*, do autor, foi o meu primeiro contato com o estudo sobre o psicodélico e eventualmente sobre os *cozumelos mágicos*. Assim, uni a personalidade da minha própria experiência — fator narrativo já debatido anteriormente — a um texto por si só muito pessoal, além de muito representativo da psicodelia, para assim, produzir um uníssono da voz de uma evidência com a minha enquanto pesquisador e também evidência.

²⁸ Ex: numa busca por registros dos conflitos que se desenrolam a partir da Guerra às Drogas, diversos casos de jornalismo sádico, com cunhos escancaradamente racistas, e do fazer humor de chacinas, por exemplo, começaram a ser recomendados. Em sequência, minha busca por trechos relacionadas ao cultivo de cogumelos mágicos, ou mesmo falas genéricas sobre o alucinógeno, aparentemente fez com que o algoritmo me indicasse uma série de conteúdos sensacionalistas — como o famigerado comprometimento “do teu DNA” (PRESTES, 2022), ou alguns podcasts à la fundo de garagem.



Figuras 86: Exemplo de associações produzidas pelo algoritmo da plataforma de vídeos Youtube no cruzamento de palavras-chave como “cogumelos mágicos” na sequência de “operações policiais”. Fonte: print autoral.

CHAVES DE PESQUISA: TEMAS>SUBTEMAS²⁹:

- **LOJAS:** cultivo, cultivadores, estufas, umidade, temperatura, entrega, correios, carros, entregadores, porteiros, empacotamento, caixa, nota fiscal, alumínio a vácuo, dinheiro, bancos, transações monetárias;
- **POVOS ORIGINÁRIOS:** códigos coloniais, esculturas, xochipilli, sincretismo, cristianismo, fogo, dança, agricultura, divino, milho, migração, montanhas;
- **MARIA SABINA:** veladas, huautla de jiménez, comunidade, cristianismo, canções, cigarro, tranças, cura;
- **LABORATÓRIOS:** cápsulas, psilocibina, moléculas, cientistas, psiquiatria, contemporâneo, esquecimento, albert hoffman;
- **CONTRACULTURA:** timothy leary, hippies, woodstock, lsd, música;
- **GUERRA ÀS DROGAS:** nixon, reagan, bolsonaro, discursos, publicações, políticas, internacionalização, onu, pobreza, riqueza, família tradicional, comerciais, chacina, polícia pacificadora;
- **MPB:** personalidades, rita lee, música, novos baianos;
- **LEGISLAÇÃO:** fóruns de internet, precedentes, apreensão, tráfico, cocaína, notícias;

II. Produção

Outra etapa do desenvolvimento do acervo foi a produção de vídeos próprios. Por conta da pregnância da dimensão subjetiva-alucinógena nessa pesquisa e projeto audiovisual, era evidente a necessidade de materiais de ponto de vista para a narrativa. Estas gravações, entretanto, ocorreram num momento anterior, tanto ao roteiro,

²⁹ Nem todas as chaves de pesquisa chegaram ao corte final, pois conceitei-me nas mais pregnantes para o resultado final.

quanto à pesquisa em acervos digitais. Durante uma viagem com um grupo de amigos para a capital fluminense dos cogumelos mágicos — e também dos OVNI's e dos gnomos — *Arraial do Sana*, surgiu uma grande oportunidade para este projeto. Um grupo de cerca de 10 pessoas embarcaria, num sábado à noite, numa viagem lisérgica, num ambiente com uma história já antiga com os alucinógenos. Em todo canto da cidadezinha, motivos *mágicos* e cenas caricatas se espalhavam. Diversas pinturas de mandalas, duendes e anões de chapéu de cogumelo, jovens místicos vendendo sua arte e lendo palmas, um forró com uma cenografia fractal neon-psicodélica feita de barbantes e ferros, uma vendinha das maconhas mais raras do mercado disfarçada de carrocinha de *bagel* em frente à Igreja da cidade, porta-isqueiros de crochê em forma de cogumelo sendo vendidos na pracinha etc. A própria natureza, as florestas e as cachoeiras participavam de alguma forma do estado encantado da cidade. Era fácil se perder em meio a tanto. Ficou evidente como existiam objetos, práticas, cores, utensílios, rituais, imagens, performances e cenários muito específicos ligados ao entendimento dos alucinógenos, em especial aos *cogumelos mágicos*, que formavam junto ao Sana-psicodélicos-usuários uma interface identitária múltipla e uma face muito específica da *cogumelo-rede*. Se este projeto requeria gravações, não havia lugar mais apropriado que Sana para realizá-las.



Figuras 87, 88, 89, 90, 91, 92: Fotos da viagem para Arraial do Sana, onde foi produzida parte do acervo audiovisual. Fonte: acervo pessoal.

Naquele momento, entretanto, não havia ainda uma narrativa em mente para o curta, apenas a máxima que vinha tentando seguir até então, desde o início dessa pesquisa, de fazer uma captura das evidências da forma como elas se desenrolassem e se apresentassem. Em outras palavras, também trataria essa produção específica como um registro de evidências, no caso as evidências da experiência psicodélica, que mais tarde viriam a permear todo o curta e servir como pontos de retorno a partir dos quais discorrer sobre os demais temas da pesquisa.

Com a bagagem de anteriores tentativas de gravações psicodélicas, optei por um processo intuitivo de captura das imagens. Em ocasiões anteriores, era o próprio planejamento que acabava frustrando minhas tentativas de representar em vídeo tais experiências. Isto porque, como notei e incorporei ao processo em Sana, notas e planejamentos perderam a importância diante da espontaneidade do que me soava intrigante registrar: a beleza dos trajetos, ou melhor, do *trajetar*, o fogo, as luzes, o escuro, o formigueiro mencionado no início do curta, o tênis da minha colega, a garrafa d'água batizada de Tetê (fiel escudeira do grupo) e todo o resto. Além de serem intrigantes ao meu olhar nu, também era intrigante observar como a câmera traduzia o que eu via, como distorcia a profundidade dos planos e diluía as formas, confundindo-as. As gravações foram o resultado de um abraço ao psicodélico, o que gerou um resultado que não poderia ser outro a não ser o co-autoral, entre eu mesmo, os cogumelos e tudo que circunstanciou a experiência.

A ação não é feita sob o controle absoluto da consciência; antes, a ação deve ser percebida como um nó, uma junta, um conglomerado de muitos conjuntos surpreendentes de agências que precisam ser lentamente desentrelaçados. (LATOIR, 2005, p.44, tradução minha)

Nesse mesmo esquema também gravei alguns trechos de áudio que seriam utilizados no futuro roteiro. Como minha intenção era capturar momentos espontâneos nos quais as evidências tivessem mais valor conceitual do que em contraste com falas planejadas ou entrevistas, deixei o gravador de áudio ligado ao longo de diversos momentos, para que após a experiência e com um roteiro esquematizado, pudesse fazer uma filtragem de conteúdos e falas interessantes.



Figuras 93: Foto da viagem para Arraial do Sana, onde foi produzido parte do acervo audiovisual. Fonte: acervo pessoal.

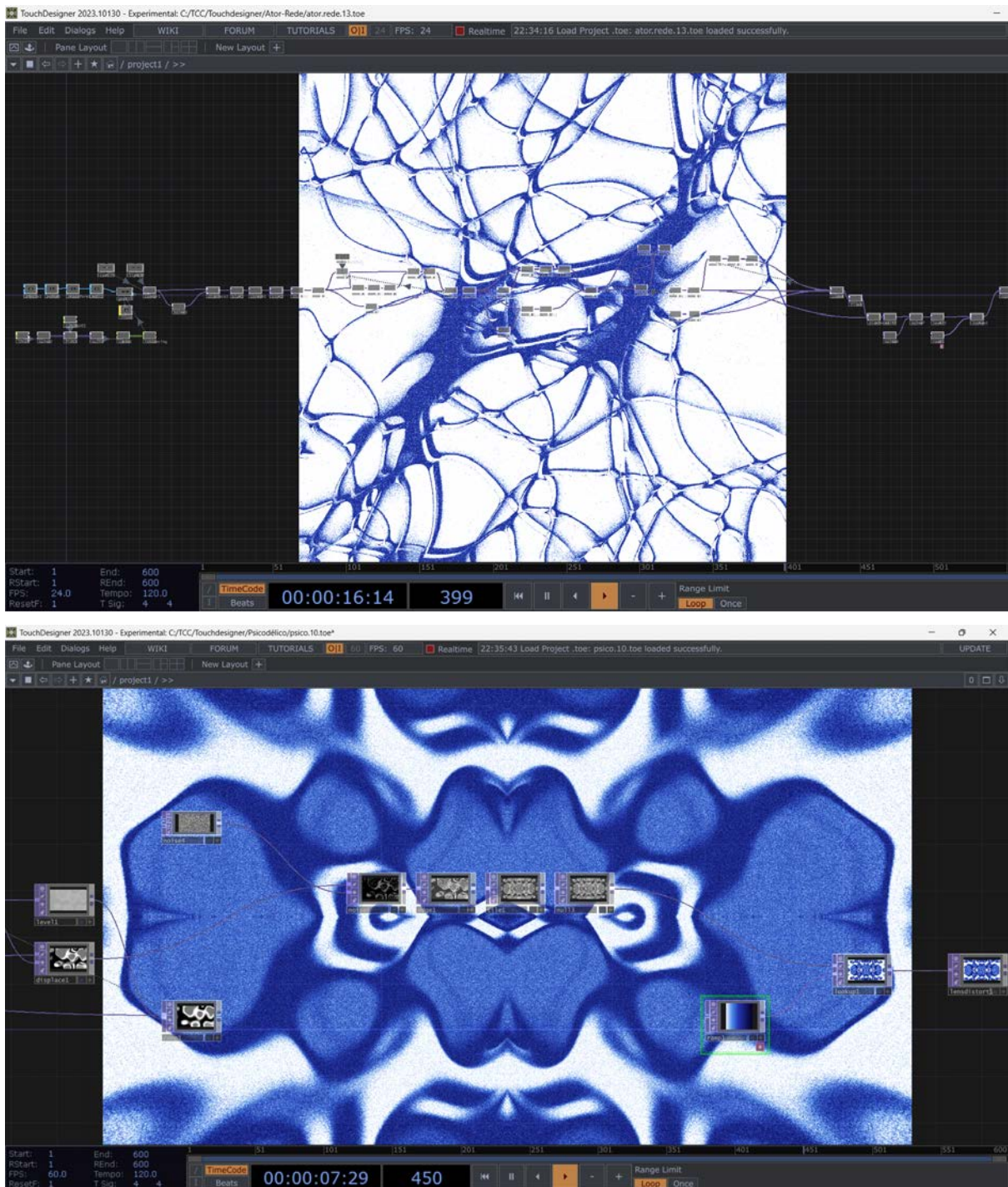
III. Animações

Ainda, uma outra fase da criação do acervo foi a produção de algumas animações, que idealizei na fase de roteiro como aliadas à introdução e encerramento e aos trechos expositivos (CAP. C#). Nestes últimos, se por um lado, através das falas, se puxava o fio narrativo para uma objetividade mais sólida, por outro, a partir das animações, se o puxava para uma subjetividade mais maleável. Por isso, optei por animações com formas entre o abstrato e o figurativo.

A ferramenta utilizada para esta produção foi o *Touchdesigner*. Através dele pude criar *artes generativas* com uma proporção de *autonomia computacional* bem maior do que seria possível com uma animação roteirizada (típica do software *Adobe After Effects*, com uso de *keyframes*, por exemplo). Em outras palavras, esta ferramenta me permitiu gerar animações muito mais inusitadas e intrigantes quanto ao tema da ator-rede; animações que não tinham seu comportamento atrelado (até certo ponto) às minhas determinações — que, por exemplo, contive mais à estética que aos movimentos — conservando uma certa autonomia³⁰, refletindo a autonomia das redes investigadas em relação às suposições.

O resultado deste experimento cooperativo com os códigos foi a criação de uma espécie de sistema de teias fluidas, que, referenciando uma *ator-rede*, seriam associados aos capítulos expositivos, e uma animação totalmente abstrata, com formas sempre mutantes, inusitadas ainda que harmônicas e hipnóticas, que seria associada a um trecho que propunha um transe psicodélico no momento de virada do curta (CAP. B#III para o CAP.D#I).

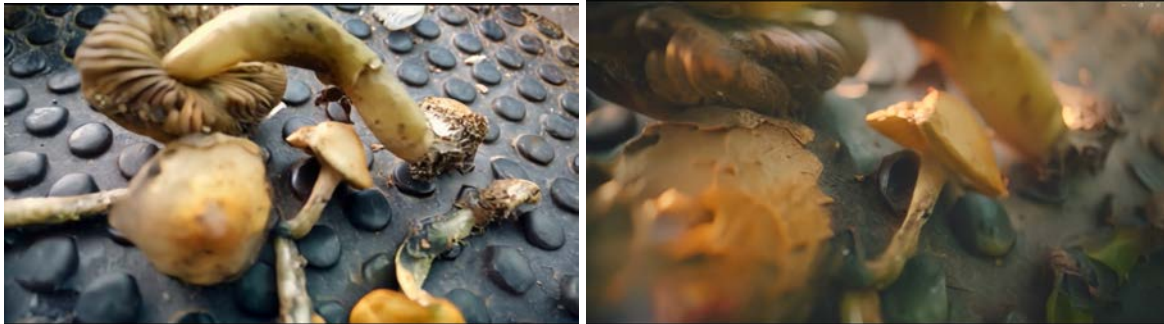
³⁰ Isto foi possível pois *Touchdesigner* é uma linguagem de programação visual baseada em nós (os OPs, ou Operators) que possibilita, em tempo real, uma edição bastante acessível e facilitada de conteúdos multimídia. Dessa forma, foi possível estabelecer uma relação experimental — no sentido literal — bastante frutífera com os resultados. O feedback visual que eu recebia dos códigos era muitas vezes inusitado, e muitos avanços consistiram de “e ses?” intuitivos, cujas respostas passavam pelo filtro do “agrega ou não?” narrativamente falando. Além disso, a experiência com o *Touchdesigner* foi até mesmo uma oportunidade de estudar uma *meta-ator-rede*, já que o programa se desdobra literalmente numa rede de pontos (que representam as operações), que, se removidos ou conectados a outros pontos, produzem resultados sempre únicos e irrepetíveis.



Figuras 94, 95: Prints dos arquivos das duas animações citadas. Na figura superior pode-se ver a extensão da rede de operadores. Na inferior, pode-se ver com mais detalhes algumas das operações do código. Fonte: prints autorais.

Para a introdução e encerramento, produzi uma série de vídeos de cogumelos gerados por *Inteligência Artificial*. Esta linguagem serviria como um argumento chave do curta, fortalecendo o estranhamento gerado pelo discurso inicial, que explicita a inversão de paradigmas fundamental proposta pela Teoria ator-rede através de um desdobramento visual. A IA — uma tecnologia interpretativa que, construída a partir de suposições humanas, tenta simular, a partir de nosso imaginário visual (digital), nossa forma de enxergar o mundo — gerou, neste caso, com a simulação de uma linguagem

fotográfica, imagens que causam uma incerteza quanto a sua procedência: elas são reais ou fabricadas? Conceitualmente, a imagem seria, justamente, ao mesmo tempo “*artificial*” (no sentido da interpretação da máquina) e “*natural*” (pois é baseada em imagens fotográficas).



Figuras 96, 97: Dois frames de um dos vídeos gerados por Inteligência Artificial. Fonte: prints autorais.

IV. Tipografia

Além disso, outro aspecto visual foi definido de antemão, a linguagem tipográfica, um ponto chave da identidade visual do projeto em meio à sequência-colagem. Algumas perguntas que sintetizavam as maiores provocações deste projeto guiaram o início dessa elaboração. *Artificial ou natural? Digital ou orgânico? Estas divisões sequer existem?* A questão era como essas contradições poderiam ser representadas tipograficamente de forma que se criasse justamente uma harmonia a partir desses conflitos de forças a princípio opostas, porém que, como já ficou claro até aqui, não o são.

Com isso em mente, propus uma certa literalização deste debate. Ora, o que eu queria, sinteticamente, era borrar as conformidades da modernidade, propor uma diluição de suas formas categóricas em uma nova forma mais complexa e menos hierárquica. Assim, fiz justamente isso. Trouxe para o projeto uma família tipográfica muito representativa de uma tradição modernista — da *forma e função*, dos *dos e don'ts*, da legibilidade — a *Neue Haas Grotesk* e a diluí, unindo as letras num formato contínuo pouco setorizado. Contextualizando esse borrão à linguagem da imagem em movimento, eu poderia animar essa deformação, diluindo uma palavra em outra numa transmutação (a partir do equilíbrio entre o desfoque e os níveis do canal alpha da imagem).



Figuras 98, 99: Exemplo de aplicação da identidade tipográfica. À direita, ampliação de detalhe. Fonte: prints autorais.

V. Trilha Sonora

Até este ponto, não discorri sobre uma dimensão paralela à imagem e igualmente fundamental: o som — o projeto, afinal, se trata de uma produção *audiovisual*. Nesta fase, segui uma mentalidade e um processo de concepção muito similar aos da identidade tipográfica. Parti da mesma síntese dos questionamentos fundamentais que minha pesquisa propõe, e como resultado, mergulhei numa investigação que me levou a um experimento eletroacústico de Kali Malone, *Living Torch* (2022), que permearia grande parte do curta.

Quando as primeiras notas de *Living Torch* surgem, como se flutuassem sob as torres imponentes de uma catedral, Malone parece estar retomando o fio meditativo do seu épico inovador para órgão de tubos, *The Sacrificial Code*, de 2019. Mas depois de uma dúzia de segundos, o sinal duplica, espalhando-se como uma gota de tinta na água, até retroceder e retornar, subitamente aumentado pela refulgência silenciosa de um trombone suspirante. *Na verdade, não há órgão de tubos em Living Torch*, o que se torna claro o suficiente durante os 33 minutos subsequentes de componentes eletrônicos brilhantes, sibilantes e crepitantes e fanfarras de metais atrofiados. (CURRIN, 2022, tradução e grifos meus)

A confluência conceitual da sonoridade de *Living Torch* com o embaralhamento pretendido entre o *artificial* (eletro) e o *natural* (acústico) pela Teoria ator-rede era bastante certa, afinal, produziu-se justamente um som totalmente ambíguo que gera incerteza sobre a procedência de cada nota ou instrumento. Além de produzir essa percepção sonora limítrofe, o tom contemplativo da música me pareceu muito adequado ao mergulho contínuo numa investigação psicodélica que o roteiro havia proposto³¹. Por *Living Torch I*, primeira das duas faixas do álbum, ter o tom menos sombrio e mais sutil em seus altos e baixos, causando uma abstração mais hipnótica, esta foi a escolhida. Complementando esta trilha, trouxe também para o acervo uma outra música de Malone que se alinha com o mesmo debate conceitual, *Bondage to Formula* (2018).

O segundo LP de Kali Malone, “*Cast of Mind*” [...] investiga o uso da harmonia como uma força de impacto psicológico através do uso exclusivo do sintetizador *Buchla 200* em combinação com instrumentos acústicos de sopro e metais. (CAFE OTO, 2018, tradução e grifos meus)

Além destas trilhas, outras quatro também foram incluídas no acervo. As duas primeiras, já mencionadas anteriormente no capítulo 6 (Análise de Referências, p.65) seriam *Blanco* de *Marisa Monte* (1996), que no contexto do curta é utilizado como uma conversa inicial sobre a ator-rede e *Bedtime Story* de *Madonna* (1994) que encerra o projeto com uma mensagem mais conceitualmente livre e mais associada à experiência psicodélica. O interessante de utilizar a música como catalisador de uma discussão é que essa mídia é capaz de falar para além das palavras, de uma forma mais acessível e sensória, o sentidos e sensações sendo instrumentos perceptivos que se tornaram

³¹ A continuidade e o fluxo ininterrupto é uma dimensão fundamental da experiência psicodélica, conforme mencionado anteriormente neste trabalho em 3.3 Experiência Rede, p.49-50.

importantes ao longo da elaboração da narrativa, principalmente quando falamos sobre as sensações alucinadas.

A terceira, *Disintegration* da banda *The Cure* (1989) foi uma decisão tardia que veio a partir de uma oportunidade de quebra de ritmo que percebi durante a montagem entre o *CAP. B#III* e o *CAP.D#I* (14:57 min). Aqui, essa música rompe — num som de vidro estilhaçando — com a harmonia em transe construída pela sequência anterior, jogando com o conceito de controvérsia explorada no novo capítulo. Além disso, o tom etéreo de *Bondage To Formula* (2018), associada aos rituais de Maria Sabina, é substituída pelo *pop* ocidental de *Disintegration* (1989), tal qual os *hongos* pela *psilocibina*.

Por último, busquei por uma música que sintetizasse a relação entre os movimentos contraculturais no Brasil e a libertação da mente a partir do psicodélico. Nisso, encontrei a *Linguagem do Alunte* (1974), composição dos *Novos Baianos* que em poucas palavras, ou melhor, em poucos neologismos, pôde estabelecer toda uma cena de valores e rompimentos com as tradições brasileiras até então.

Be-o-bó-le-a-la, bola / Te-é-té-le-a-la, tela / A-te-é-té-le-a-la, a te lá /
Te-Lê-a-la-le-e-lê-li, lua / Re-a-rá-rê-e-rê-rê-e-ri, rua // Aí já é alunte /
Semelhante dela ouvir / Porque não temos tempo / Pra esses papos pensados //
Estamos na linguagem do alunte / Palavra nova que dispensa explicação / Pra lá,
muito pra lá de alucinação / Ter quer dizer nada // Ande, teremos / Acompanhe o
dia / Chegue a extrema / Luz solar do meio dia // [...] (NOVOS BAIANOS, 1974)

VI. Narrações

Por fim, outra parte da definição da identidade sonora incluiu idealizar as vozes por trás das narrações nos *CAPs.A#* e *C#*. Para o *A#*, pretendia trazer a dimensão da emoção, da sensação, devido a personalidade deste grupo de *CAPs*. Para tal, escalei e dirigi uma voz íntima, reflexiva e voltada para dentro de si. A ideia era gerar a sensação de flagrar um pensamento ou um devaneio. A narradora destes trechos do curta é minha irmã, Carolina Sarzeda, cuja voz foi manipulada na pós-produção para que se aprofundasse o conceito do flagra através do eco de sua própria voz — como se ela refletisse nas paredes de sua consciência.

Para o *CAP.C#*, conforme mencionado no capítulo anterior (p.69), o fundamento era brincar com o imaginário sobre o gênero documental e referenciar uma voz caricata como a de Sir David Attenborough, narrador de diversos documentários da BBC, incluindo o conhecido *Planet Earth II* (2016). Aqui, portanto, defini o uso de uma voz gerada por uma Inteligência Artificial, baseada justamente no nicho de vozes de locução. Aqui era interessante um nível de sutileza no aspecto robótico da voz — aspecto muitas vezes possível quando falamos em IAs como a Siri da Apple. Isto porque uma vantagem narrativa de se utilizar uma voz gerada por uma máquina é provocar uma dúvida, um mistério, um borrão da linha entre o artificial e o natural muito típico dos produtos dessa tecnologia, algo que conversa diretamente com os valores propostos pela Teoria ator-rede.

11. Montagem.

Seguindo a relação íntima e de sobreposições entre todas as etapas, a fase de montagem do curta foi o último ato de uma *decupagem* multi-etapas (BURCH, 1969), na qual se produziria o corte final mais refinado da história em desenvolvimento. Aqui, foi possível trazer a um plano comum *narrativo-audiovisual* as ideias do *roteiro* e a produção do *acervo*, que já se permeavam retroalimentativamente.

Aqui já não se trata de tal ou tal [estágio] da escrita prévia de um filme, de tal ou tal operação técnica: trata-se [exatamente] da [feitura] mais íntima da obra acabada. Do ponto de vista formal, um filme é uma sucessão de *fatias de tempo* e de *fatias de espaço*. A planificação é portanto a resultante, a convergência de uma planificação no espaço [...] realizada no momento da filmagem, e de uma planificação no tempo, prevista em parte [no roteiro e] na filmagem e culminada na montagem. É através dessa noção [...] que se pode definir [...] o devir essencial [do filme]. (BURCH, 1969, grifos meus)

I. Razão de Quadro

Em mais uma etapa da pré-produção, pude definir alguns conceitos visuais que dariam uma unidade à narrativa e à imagem do vídeo. Em primeiro lugar, era necessário abraçar o aspecto de colagem, afinal, tinha em mãos materiais com diversas linguagens, cores, tons etc que eram bem-vindos até certo ponto, o da forma de expressão particular de cada evidência. Entretanto, ainda assim era interessante alguma padronização para, ao menos, reduzir ruídos indesejados, como contrastes entre dimensões, tamanhos, certas disparidades sonoras etc — em resumo, questões mais técnicas de uma produção audiovisual.

Assim, em meio a essa diversidade, pude identificar dois principais blocos de comunicação a partir dos quais poderia produzir alguma diferenciação visual e dentro dos quais poderia criar constâncias. Estes eram: os *trechos reflexivos* e mais introspectivos (*CAPs.A#* e *CAPs.C#*) e os *trechos de “pesquisa de campo”*, mais integralmente relacionados às vozes das evidências (os demais *CAPs.*).

A distinção se daria na macro-conformação destes conteúdos. De um lado, da “pesquisa de campo”, haveria uma razão de quadro média entre as *fontes-evidência*, que englobasse as razões originais sem deformá-las demais. Como grande parte das fontes correspondiam a produções de décadas atrás, optei por usar uma razão mais tradicional de 4:3 para este bloco, preferindo conformar fontes mais atuais, digitais e maiores (16:9, 1080px) a este formato, uma vez que isso não acarretaria numa perda de qualidade da imagem, o que aconteceria caso fizesse o caminho contrário.

Do outro lado, o das reflexões, achei interessante o uso de um formato *widescreen* 5:3, mais contemporâneo. Assim, essa horizontalização da razão atuaria como o cerrar dos olhos quando queremos ver algo com mais foco.

II. Códigos Narrativos

Aqui tornaram-se mais claras as relações entre os trechos propostos através da oportunidade da materialização dos princípios narrativos (oposições e harmonias) que antes eram abstratos. A reunião de imagens e sons permitiu uma avaliação dessas relações a partir do sensível e do sensório. Foi possível costurar, por exemplo o tom de sequências como o *CAP.E#II* (sobre a Guerra às Drogas), a partir da sobreposição da música — cujo valor subliminar da comunicação foi debatido no capítulo anterior — com imagens e falas, que produziu o tom sarcástico na relação comparativa entre os valores das instituições que promovem a Guerra, e suas práticas, numa colisão quase literalmente inversa (paz e preservação x violência e morte).

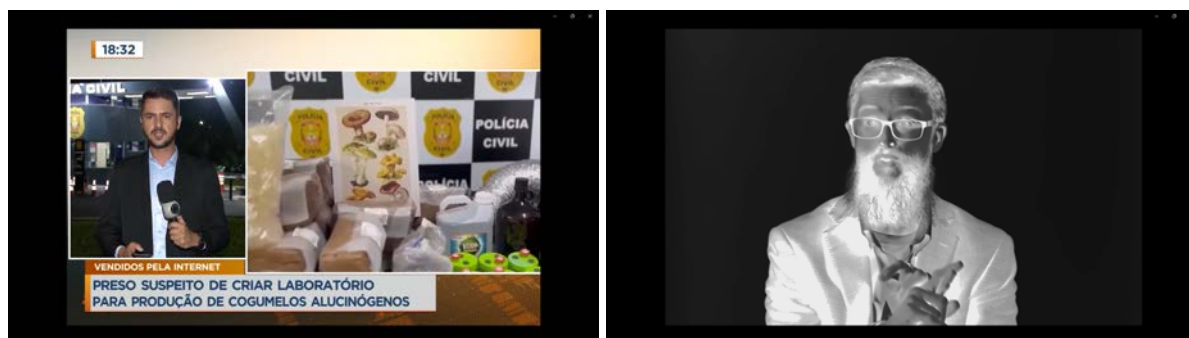
Também foi possível criar sequências antes intencionalmente não roteirizadas por dependerem bem mais dessa sensibilidade permitida exclusivamente, neste caso, pela montagem. É o caso do *CAP.B#III*, no qual utilizo da noção de transe e continuidade da psicodelia para tratar de uma trajetória de associações harmonizantes de evidências em que uma controvérsia se estabiliza e “[...] os atores arranjam uma maneira de desenvolver um compromisso sólido de viver juntos” (VENTURINI, 2010).



Figura 100: Trecho do *CAP.B#III*. Fonte: print autoral.

Ainda no tema das controvérsias, foi possível estabelecer uma linguagem visual para indicar as mesmas. Nesses momentos, foi importante aliar sequências de falas indicativas de *atores-rede em desacordo* (na dimensão sonora), a algum marcador-reforço conceitual na dimensão da imagem. No caso, seguindo a linha das literalizações dos conceitos (tipografia e trilhas) a inversão cromática das imagens que representavam o desacordo viria a calhar, como foi o caso de um trecho do *CAP.F#I*. Nele, a declaração do repórter da TV Record Brasília, Manoel de Oliveira (RECORD TV,

2023) de que os cogumelos são substâncias altamente viciantes é seguida por uma “réplica” imediatamente oposta do professor de psiquiatria da Johns Hopkins University, Dr. Matthew Johnson (BIG THINK, 2022), na qual este defende justamente o contrário, que essa substância não causa vício. Nisso, se no trecho de Manoel de Oliveira a imagem era positiva, no de Matthew Johnson, era negativa dada tamanha disparidade.



Figuras 101, 102: À esquerda, Manoel de Oliveira. À direita, em oposição, Matthew Johnson. Fontes: prints autorais.

Num outro exemplo de linguagem, em contrapartida, havia também trechos que exigiam uma abordagem oposta à supracitada, nos quais o valor das relações entre os atores-rede era de *acordo*, e portanto harmonia, composição, soma. Dessa forma, a abordagem definida seria a da compilação de imagens lado a lado formando um quadro total.

É o caso do *CAP.E#I* no qual foi necessário estabelecer uma relação entre o cogumelo mágico e seu par sintético na cena psicodélica dos anos 1960–70s, o LSD, para que num contexto futuro de políticas antidroga no *CAP.E#II*, fosse justificada a inclusão dos cogumelos na lista de substâncias proibidas. Isto porque ao contrário dos cogumelos, o LSD, na época, circulava de maneira muito mais pregnante entre os expoentes da contracultura por conta de todo um aparato tecnológico que permitia sua distribuição em massa, ocasionando a associação das práticas psicodélicas mais ao ácido lisérgico por parte do Estado norte-americano. Esta ponte na qual os *cogumelos mágicos* passam a ter sua percepção pública sempre associadas a uma conjuntura geral de drogas — aqui uma licença para vulgaridade: como “farinha do mesmo saco” — é debatido com maior profundidade na p.23 do capítulo 3.2 (*Cogumelo Mágico*) e na p.44 do capítulo 3.3 (*Psicotrópico*) deste trabalho.

Entretanto, em contraste com os outros trechos investigativos que se desenrolam inteiramente a partir de evidências, esta passagem *cogumelo>LSD* é uma *conclusão teórica minha* tomada a partir da pesquisa. Dessa forma, não havia propriamente evidências diretas sobre esta relação. Portanto, é a partir dessa série de fatores que, para representar este complexo contexto que tomaria muito do tempo reduzido do curta, determinei que a relação seria feita de forma mais subliminar que alguma fala ou passagem sobre o tema; seria feita na forma da composição espelhada citada, lado a lado, associando cenas da ingestão de um cogumelo e do ácido.



Figura 103: Composição sobre associação entre os cogumelos mágicos e o LSD. Fonte: print autoral.

III. Refinamentos

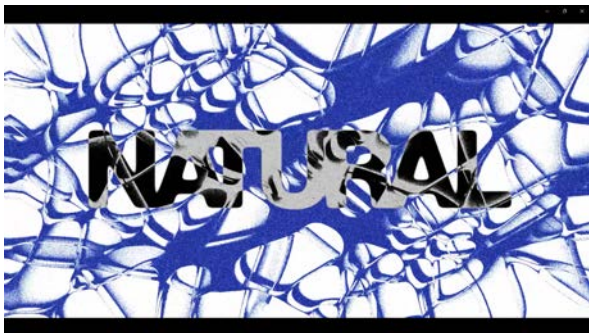
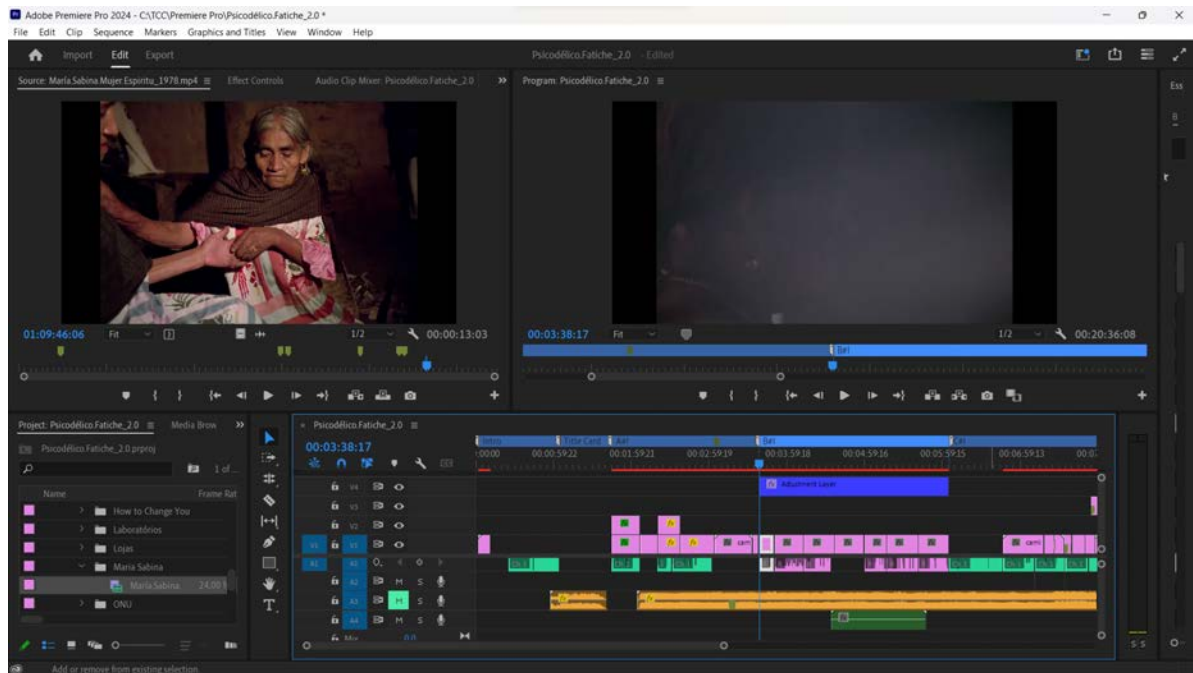
Com a montagem estruturada e a narrativa bem estabelecida, passei, finalmente, para uma etapa de ajustes finos, mais técnicos. Guardei determinados tratamentos, como a do áudio, para este momento final, no qual não pretendia mais revisar a ordem dos clipes, de forma a evitar refações.

Além disso, também tratei as imagens, principalmente em termos de equilíbrios de branco e preto e iluminação. Não fiz tantas correções cromáticas (a não ser, principalmente, nos vídeos de minha própria autoria) pois a linguagem visual de cada trecho-evidência era única e quis dar espaço para o aspecto de colagem e de não manipulação das evidências do curta. Fí-lo apenas quando necessário reduzir ruídos muito gritantes nas imagens.

...

O processo de montagem foi, em síntese, uma ferramenta de visualização e de tomada de decisões única para o projeto. Não a chamo de a mais crucial, pois um processo não existiria sem o outro nesta produção, portanto, não há sentido em hierarquizar-las, ou mesmo dividi-las dessa forma. Ainda assim, como cada processo e ferramenta contribuiu de maneira única para o todo, a montagem me permitiu um enlaçamento de todas as outras etapas num produto singular.

Com isso, finalmente tinha o média-metragem *Psicodélico Fatiche* em mãos³². A criação deste novo título em relação ao título do projeto de pesquisa, *Psilybe Projectus*, se mostrou interessante, uma vez que o último faz uma referência mais direcionada ao *fazer projetual* — a partir do encontro entre a teoria ator-rede e o cogumelo mágico — enquanto o curta é mais voltado a uma reflexão sintética dos *resultados* desta pesquisa. *Psicodélico Fatiche* foi, portanto, elaborado pensando em algo curto, provocativo, enigmático e impactante, que gerasse uma curiosidade no espectador, em especial o que não saiba sobre o que este projeto trata.



Figuras 104, 105, 106: Acima, print do arquivo de edição em processo. Abaixo, frames do resultado final. Fontes: prints autorais.

³² Uma causalidade importante que influenciou o resultado final do curta foi que, após mais de um mês de pós-produção, com muitas idas e vindas e calmas reflexões sobre o desenrolar da decupagem, perdi o arquivo de edição do vídeo e muito do acervo audiovisual. Como estava a uma semana do prazo de entrega combinado com meu orientador, tive que muito rapidamente reelaborar um plano de ação para que, numa janela de cinco dias, fosse capaz de, não só reconstruir o curta ao ponto em que se encontrava antes da perda, como finalizá-lo e realizar uma quantidade significativa de refinamentos. Nisso, fui obrigado a tomar uma postura muito mais objetiva e criteriosa em relação às decisões que estavam ainda em aberto. No fim dos cinco dias fui capaz de contar com minha memória, que por sorte não havia sido deletada junto dos outros arquivos, e concluir esta missão impossível a tempo.

12. Psicodélico Fatiche. Análise e conclusão do projeto.

Por fim, chegamos ao final deste projeto. Como resultado desta longa imersão na intrincada e fascinante *cogumelo-rede* produzi um curta que tem sucesso em flexibilizar a leitura da reorganização de mundo proposta pela teoria ator-rede. Em outras palavras, através do curta pudemos experimentar uma navegação um tanto menos linear pelos elementos que simultaneamente influenciam e são influenciados pelos cogumelos alucinógenos.

Isto foi possível por conta de uma estrutura narrativa de idas e vindas, na qual a primeira instância desta investigação, o contato direto com o cogumelo — junto a experiência e os significados gerados a partir deste encontro — é cruzada por peculiaridades de diversos atores-redes, cada vez mais marginais ao centro da rede e que ora encontram-se em harmonia e ora em contraste e desacordo entre si. Todas esses encontros únicos geram, através dos minutos, uma acumulação de camadas sobre camadas de associações, que são responsáveis por nos apresentar a identidade múltipla e simultânea dos cogumelos alucinógenos (*os hongos sagrados, a psilocibina, o cogumelo mágico, a droga*).

Essas identidades são fruto das relações entre as evidências, ou atores-rede, mais que das mesmas sozinhas. É apenas no contraste ou confluência destes elementos que podemos compreender o cabo de guerra que define o que distingue uma identidade da outra, aproximando-as ou afastando-as. O curta trabalha a elasticidade destas relações, representando-as no contraste entre seus múltiplos ritmos e tons. Ele é o registro destas associações, que ao longo dos eventos apresentados e dos conflitos evidenciados, vai se adaptando em fragmentações cada vez mais perceptíveis até culminar na fragmentação absoluta na cena final, que simultaneamente conclui a mesma fragmentação como um grande conjunto, um corpo inteiro.

O resultado do curta, tal qual das definições dos próprios *cogumelos*, portanto, é imediatamente fruto do literal coral das vozes dos atores-rede em sua atuação conjunta e embaralhada. Nesse sentido, respondendo a uma auto-provocação que trago desde desde as conclusões da fase de pesquisa, foi crítico assumir um papel mais co-autoral neste cenário, como um condutor sutil e mais uma voz neste coral — que se estende inclusive às ferramentas por trás da criação deste veículo de comunicação *Psicodélico Fatiche*. Como bem evidenciado, a *cogumelo-rede* não é unicamente fruto da minha relação pessoal com ele. O curta, afinal, faz questão de dar uma proporção de espaço muito maior a essas demais vozes em seu estado original, dado que a minha própria voz já tenha sua prevalência inerente à minha posição de engajador da reunião destes atores e realizador do filme.

Ao fim, o *Psicodélico Fatiche* evidencia o cogumelo em sua indefinição categórica, ou melhor, *não categórica*. Evidencia-o como um fruto imediato e eternamente mutante de sua relação com tudo com o que interage, ao invés de defini-lo a partir de suposições

prévias. No fim, os cogumelos puderam, através desta pesquisa e deste curta, serem expressados e compreendidos como um *fatiché* que habita um limite inexistente entre o artificial e o natural, sendo *em si* e *construído*, o que significa ser nem um nem outro. O cogumelo é dinâmico, não estático, como um olhar breve e insuspeito pode sugerir.

Esta fragmentação e instabilização do cogumelo gera um redimensionamento muito significativo de seu lugar no mundo, não apenas uma constatação que encerra-se em si mesma. Este resultado, bem como o de toda trajetória de pesquisa, nos evidencia que uma das maiores contribuições que a Teoria ator-rede nos concede é a possibilidade de revisitar de maneira inovadora objetos de estudo há muito cristalizados em identidades tidas como fixas. Os cogumelos, neste caso, puderam ser descongelados de uma série de estigmas e suposições que o impediram por décadas de se integrar mais profundamente a diversas outras redes sociotécnicas, humanas e não humanas, de maneira cooperativa. Como vimos, por exemplo, a introdução dos cogumelos em diversos cenários, principalmente os da saúde pública e individual, podem trazer grandes benefícios para a qualidade de vida de grandes grupos.

Não obstante, a re-imaginação dos cogumelos, assim como de outras substâncias-alvo de estigmas semelhantes, significa também uma re-imaginação de diversos paradigmas políticos da violência no mundo hoje. Significa a re-imaginação de um debate parado no tempo há décadas e que, em sua perpetuação caduca e infundada — se não em interesses de poucos — continua a fazer vítima após vítima num processo de manutenção de velhos poderes de uma tradição cristã-capitalista ocidental.

Por fim, espero que a breve análise proposta por este *Psilocybe Projectus* e que seu desdobramento no dispositivo de diálogo *Psicodélico Fatiché* possa contribuir como mais uma voz no coro de virada que vem tomando forma desde o renascimento psicodélico.

13. Referências.

AHO MISTIC. *Encapsuladora Manual AHO Mistic (microdosagem psilocibina)*. Youtube, 29 de out. de 2021. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

ANDERSON, B. et al. *Psilocybin-assisted group therapy for demoralized older long-term AIDS survivor men: An open-label safety and feasibility pilot study*. *The Lancet*, v.27, 01 out. 2020. Disponível em: <[thelancet.com](https://www.thelancet.com)>. Acesso em: 05 de set. de 2022.

ANVISA, [s.d.], [Resposta sobre legalidade do Psilocybe] [mensagem pessoal] apud [Texugo], 07 dez. 2019. *Resposta da ANVISA sobre a legalidade do psilocybe*. Mantida por Teonanacatl – micologia amadora e enteogenia. Disponível em: <teonanacatl.org>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

AZULQUIMISTA COGUMELOS. *Timelapse de Crescimento dos Cogumelos – Cultivo Azulquimista (4K)*. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

BAUM, D. *Legalize It All: How to win the war on drugs*. Harper's Magazine, 2016. Disponível em: <[harpers.org](https://www.harpers.org)>. Acesso em: 09 de set. de 2022.

BIG THINK. *The real risks of psychedelics, explained by an expert | Dr. Matthew Johnson*. Youtube, 2 de dez. de 2022. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

Blue. Direção: Derek Jarman. Produção: James Mackay; Takashi Asai. Reino Unido: Artificial Eye; Zeitgeist Films (Estados Unidos; Canadá), 1993. 79 min. son., cor. Disponível em: <[youtube.com.br](https://www.youtube.com.br)>. Acesso em: 22 mai. 2023.

BRAGA, L. [Registros de manifestação em protesto à chacina de 2021 no Jacarezinho]. 2021. Vídeo.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Brasília, 1998. Aprova o Regulamento Técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial. Disponível em: <bvsms.saude.gov.br>. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

BRASIL. Presidente (2019–2022: Jair Bolsonaro). *Jair Bolsonaro reforça o discurso dos costumes, contra as drogas e contra a ideologia de gênero*. Osasco, SP: 21 de out. de 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

BURCH, N. *Praxis do Cinema*. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

CAPÍTULO 2: Psilocibina. In: *Como mudar sua mente*. Produção: Alison Ellwood, Lucy Walker. Roteiro: Alex Gibney. Estados Unidos: Netflix, 2022. 53 min, son., color. Temporada 1, episódio 2. Acesso em: 19 de jul. de 2022.

CARVALHO, J. *A América Latina e a criminalização das drogas entre 1960–1970: prenúncios de outra guerra por outra América*. Revista UNIFESO – Humanas e Sociais, v. 2, n. 2, 2015, p. 78–98.

CERVO, A. *Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

CHEN, S. *Reconstructing the Chinese American Experience in Lowell, Massachusetts, 1870s–1970s*. Boston: Institute for Asian American Studies, 2003.

CHEN, Y.; STORR, C.; ANTHONY, J. *Early-onset drug use and risk for drug dependence problems*. Addictive Behaviors, v.36, n.3, 2009.

[clara], 24 set. 2019. The Memory Thread. Mantida pelo Letterboxd, Estados Unidos. Disponível em: <letterboxd.com>. Acesso em: 21 mai. 2023.

Cogumelos mágicos. Brasil: CNN Brasil Soft; Entre Mundos, 7 de ago. de 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

[Comercial Mr. Clean]. Direção: Thomas Scott Cadden. Produção: Thomas Scott Cadden. EUA: Mr. Clean, [1960]. Disponível em: <[youtu.be](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

CORAÇÃO CAMPEIRO. *Gado manso pastando | Coração Campeiro*. Youtube, 8 de nov. de 2018. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

CORREIOS OFICIAL. *Correios 360. Brasil em todos os ângulos*. Youtube, 25 de jan. de 2023. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

CORTÉS-PÉREZ, A. et al. *Type studies in five species of Psilocybe (Agaricales, Basidiomycota)*. Nova Hedwigia, v.112, p. 197–221, nov, 2020.

CURRIN, G. H. *Living Torch. Kali Malone. The Stockholm-based composer is best known for her pipe-organ compositions, but here, she uses trombone, bass clarinet, and ARP 2500 to explore the strange radiance of just intonation*. Pitchfork, 12 de jul. de 2022. Disponível em: <pitchfork.com>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

DALLOS, R. *Dr. Leary Starts New 'Religion' With 'Sacramental' Use of LSD*. Nova Iorque, New York Times, 20 de set. de 1966, p.33.

DAWSON, A. *The Peyote Effect: From the Inquisition to the War on Drugs*. Oakland: University of California Press, 2018.

DEA. United States Drug Enforcement Administration, 2018. *Drug Scheduling*. Disponível em: <dea.gov>. Acesso em: 31 de ago. de 2022.

DELMANTO, J. *História social do LSD no Brasil: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão*. 295f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Departamento de História. São Paulo: 2018.

DEL OLMO, R. *A Face Oculta da Droga*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1990.

DIEGO VAGOS. *Guia de Coleta e Identificação*. Youtube, 31 de out. de 2022. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

DISCOVERY BRASIL. *Apreensão de 100 kg de drogas em carro | Operação Fronteira: América do Sul | Discovery Brasil*. Youtube, 18 de fev. de 2021. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

DOUGLAS, M. *Rosemary Woodruff, 66, Wife And Fellow Fugitive of Leary*. The New York Times: 2002. Disponível em: <nytimes.com>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

DREAMY Drug, The. *St. Louis Globe-Democract*, Missouri, 8 de abr. de 1880. Disponível em: <newspapers.com>. Acesso em: 08 de set. de 2022.

[eaimankkk], 2 ago. 2020. *Venda online de cogumelos alucinógenos em grandes quantidades é crime?* Mantida pelo Reddit, Brasil. Disponível em: <reddit.com>. Acesso em: 13 de set. de 2022.

ERMAKOVA, Anya. *Psychoactive Mushrooms in Mexico: Overview of Ecology and Ethnomycology*. Chacrana, 2021. Disponível em: <chacrana.net>. Acesso em: 13 de ago. de 2022.

ESCOHOTADO, A. *Historia General de las Drogas*. 7. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

ESTADÃO. *Jacarezinho, um ano depois da operação policial mais letal da história do Rio de Janeiro*. Youtube, 7 de mai. de 2022. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

ESTRADA, A; SABINA, M. *María Sabina: Selected Works*. Berkeley: University of California Press, 2003.

EUA. Presidente (1969–1974: Richard Nixon). *President Nixon Declares Drug Abuse "Public Enemy Number One"*. Washington, D.C: 17 de jun. de 1971. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 09 de set. de 2022.

EUA. Presidente (1981–1989: Ronald Reagan). *President Reagan's Address to the Nation on the Campaign Against Drug Abuse*. Washington, D.C: 14 de set. de 1986. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

EURONEWS EM PORTUGUÊS. *Massacre em favela do Rio de Janeiro gera revolta*. Youtube, 7 de mai. de 2021. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

FERRUGEM, D. *Guerra às drogas?* Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: v.18, n.44, 2020.

FIOCRUZ. *III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017. Disponível em: <arca.fiocruz.br>. Acesso em: 05 de set. de 2022.

Fio da Memória, O. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Lauro Scorel; Eduardo Scorel. Brasil: Sagres Cinema Televisão e Vídeo; CineFilmes; Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro (FUNARJ), 1991. 120 min. son., cor. Disponível em: <[youtube.com.br](https://www.youtube.com.br)>. Acesso em: 21 mai. 2023.

FUNGI ACADEMY. *Time Lapse of Mushrooms Growing*. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

FUNGOS Fantásticos. Direção: Louie Schwartzberg. Roteiro: Mark Monroe. EUA: Moving Art, 2019. 90 min. son., color. Disponível em: <[netflix.com/br/](https://www.netflix.com/br/)>. Acesso em: 12 de ago. de 2022.

GOMES, G. *Os alucinógenos e o direito: LSD*. São Paulo: Juriscredi, 1972.

HAKAMATA, W.; SHIROTA, O.; YUKIHIRO, G. *Concise Large-Scale Synthesis of Psilocin and Psilocybin, Principal Hallucinogenic Constituents of "Magic Mushroom"*. Journal of Natural Products: v.66, n.6, p.885-887, 2003.

HUXLEY, A. *As portas da percepção e Céu e inferno*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

INSTITUTO Phaneros. Instituto Phaneros, 2021. *Início*. Disponível em: <[institutophaneros.org.br](https://www.institutophaneros.org.br)>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

Introduction to clinical neurology, An. Direção: J.D. Reichard. EUA: Psychological Cinema Register of the Pennsylvania State College, [1938]. 47 min, p&b. Disponível em: <collections.nlm.nih.gov>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

JORNAL O GLOBO. *Jacarezinho: Veja a derrubada do memorial em homenagem aos 28 mortos em ação policial*. Youtube, 12 de mai. de 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

_____. *Massacre no Jacarezinho: 'A cama da criança estava encharcada de sangue', diz defensora*. Youtube, 7 de mai. de 2021. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

JORNAL DA RECORD. *Operação em comunidade do Rio de Janeiro deixa 25 mortos*. Youtube, 6 de mai. de 2021. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

KALI Malone + *Left Hand Cuts Off The Right*. Cafe Oto, 13 de mai. de 2018. Disponível em: <[cafeoto.co.uk](https://www.cafeoto.co.uk)>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

KARGBO, R. et al. *Direct Phosphorylation of Psilocin Enables Optimized cGMP Kilogram-Scale Manufacture of Psilocybin*. National Library of Medicine, 2020. Disponível em: <[ncbi.nlm.nih.gov](https://www.ncbi.nlm.nih.gov)>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

KING ROSE ARCHIVES. *Spore To Flush – Mid Century Home life -- The 50s*. Youtube, 27 de abr. de 2015. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

KOETER, M. et al. *Ranking the Harm of Alcohol, Tobacco and Illicit Drugs for the Individual and the Population*. European Addiction Research, v.16, n.4, p.202-207, 2010. Disponível em: <[jstor.org](https://www.jstor.org)>. Acesso em: 05 de set. de 2022.

LATTIN, D. *The Harvard Psychedelic Club: how Timothy Leary, Ram Dass, Huston Smith, and Andrew Weil killed the fifties and ushered in a new age for America*. Nova York: HarperOne, 2010.

LATOUR, B. *Cogitamus: Seis Cartas sobre as humanidades científicas*. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005.

_____. *Sobre o culto moderno dos deuses fáticos: seguido de Iconoclash*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

LEARY, T. *High Priest*. Nova Iorque: New American Library, 1968 apud POLLAN, M. *How to Change Your Mind*. Nova Iorque: Penguin Press, 2018.

LEARY, Timothy. Timothy Leary: depoimento [197-]. EUA: Extra, [197-]. Entrevista concedida ao Extra. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

LEE, Rita. Rita Lee: depoimento 03 mai. 2017. Entrevistador: Pedro Bial. Brasil: Rede Globo, 2017. Entrevista concedida ao *Conversa com Bial*. Disponível em: <[globoplay.globo.com](https://www.globoplay.globo.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

Les plages d’Agnès. Direção: Agnès Varda. Produção: Ciné-tamaris; ARTE France cinéma. França: Les Films du Losange; Roissy Films; The Cinema Guild, 2003. 110 min. son., cor. Disponível em: <[mubi.com](https://www.mubi.com)>. Acesso em: 16 mai. 2023.

[LightStrict1891] 14. jan 2022. *Legalidade da venda de P. Cubensis?* Mantida pelo Reddit, Brasil. Disponível em: <[reddit.com](https://www.reddit.com)>. Acesso em: 13 de set. de 2022.

LOC. Library of Congress, 2020. *Marihuana: Topics in Chronicling America*. Disponível em: <guides.loc.gov>. Acesso em: 09 de set. de 2022.

LOJAS Americanas. Lojas Americanas, [s.d.]. *Cogumelo (550mg) 100 cápsulas - Chamed*. Disponível em: <americanas.com.br>. Acesso em: 15 de set. de 2022.

LÓPEZ-MUÑOZ, F. et al. *História de la Psicofarmacología*. Madrid: EDITORIAL MÉDICA PANAMERICANA, S.A., 2007.

LOPEZ, G. *The DEA is threatening doctors linked to medical marijuana*. Vox, 2014. Disponível em: <[vox.com](https://www.vox.com)>. Acesso em: 31 de ago. de 2022.

LSD: The Spring Grove Experiment. Direção: Allen Mack. Produção: Reuben Chodosh; Patti Hassler; Greg Kandra. EUA: CBS; CBS Reports, 5 de jul. de 1966. 37 min, son., p&b. Disponível em: <[vimeo.com](https://www.vimeo.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

MACHADO, L. *Brasileiros estudam drogas psicodélicas para tratar depressão e dependência química*. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <[bbc.com](https://www.bbc.com)>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

MADONNA. *Bedtime Story*. Los Angeles: Sire; Maverick; Warner Bros., 1994. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

MALONE, K. *Living Torch I*. Paris: GRM Portraits, 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

_____. *Bondage to Formula*. Lucerne: Hallow Ground, 2018. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 25 de nov. de 2023.

MARÍA Sabina, *Mujer Espiritu*. Direção: Nicolás Echevarría. Produção: Bosco Arochi; Jaime Kuri; Luis López Antunez. México: Centro de Producción de Cortometraje, 1978. 81 min. son., color. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 18 de ago. de 2022.

MINAS GERAIS. Tribunal de Justiça de Minas Gerais. *Ação Penal nº 0024.19.121.939-3*, da 3ª Vara de Tóxicos do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, 30 set. 2020. Disponível em: <tj-mg.jusbrasil.com.br>. Acessado em: 12 de ago. 2022.

Mission: Mind Control. Direção: Richard Roy. Produção: Paul Altmeyer. EUA: ABC News, 1979. 60 min, son., color. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

MONTE, M. *Blanco*. Nova York; Recife; Rio de Janeiro: Phonomotor Records; EMI, 1996. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

Mushroom Growing Made Easy. EUA: Colourmind, 2003. 60 min. son., color.

NATUREZA Divina. *Natureza Divina*, [s.d.]. *Cogumelos Mágicos – (Psilocybe Cubensis) – Equador*. Disponível em: <naturezadivina.com.br>. Acesso em: 09 de set. de 2022.

Narcotics, why not. Direção: Charles Cahill. EUA: C. Cahill and Associates, [1966]. 14 min, son., color. Disponível em: <collections.nlm.nih.gov>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

New Understanding: the Science of Psilocybin, A. Direção: Roslyn Dauber. Produção: Roslyn Dauber; Robert J. Barnhart; Brady Dial. EUA: Red Phoenix Productions, 2017. 54 min. son., color. Disponível em: <www.amazon.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

NIXON, R. *What Has Happened to America?* EUA, Reader's Digest, out. 1967. apud PERLSTEIN, R. *Richard Nixon: Speeches, Writings, Documents*. Nova Jersey, Princeton University Press: 2008.

NOVOS BAIANOS. *Linguagem do Alunte*. São Paulo: Continental, 1974. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

Novos Baianos participa do MPB Especial. Produção: Fernando Faro. Brasil: Programa Ensaio; TV Cultura, 1973. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

NUTT, D. J. et al. *Development of a rational scale to assess the harm of drugs of potential misuse*. *The Lancet*, v.369, 24 mar. 2007. Disponível em: <thelancet.com>. Acesso em: 05 de set. de 2022.

_____. *Drug harms in the UK: a multicriteria decision analysis*. *The Lancet*, v.369, 24 mar. 2007. Disponível em: <thelancet.com>. Acesso em: 05 de set. de 2022.

OAK AND SPORE MUSHROOM FARM. *How to Build Homemade Humidifier Ducting – Humidifying a Mushroom Fruiting Chamber*. Youtube, 5 de ago. de 2019. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

ONU. *Convención Única de 1961 sobre Estupefacientes*. Nova Iorque: 1961. Disponível em: <unodc.org>. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

ONU. *Convention of Psychotropic Substances, 1971*. Vienna: 1971. Disponível em: <unodc.org>. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

OSMUTANTESTHEMOVIE. *Os Mutantes "Dois Mil E Um" ("2001") – FIC 1968*. Youtube, 14 de nov. de 2012. Brasil: TV Record; IV Festival da Música Popular Brasileira, 9 de dez. 1968. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

Overdose. Direção: Robert A.; Van Tyn. EUA: The Organization, [1977]. 17 min, son., color. Disponível em: <collections.nlm.nih.gov>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

PASSIE, T. et al. *The pharmacology of psilocybin*. *Addiction Biology*: v.7, p.357–364, 2002.

Paulicéia Amedrontada. Produção: Celso Hatori. São Paulo: EMPLASA; TV Cultura, 1979. 28 min. son., color. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

PERLSTEIN, R. *Richard Nixon: Speeches, Writings, Documents*. Nova Jersey, Princeton University Press: 2008.

PIETSCHMANN, T.; TULLIS, M.; LEGGETT, T. *A Century of International Drug Control*. Viena: UNODC, 2008.

Planet Earth II. Produção: Vanessa Berlowitz; Mike Gunton; James Brickell; Tom Hugh-Jones. Roteiro: Elizabeth White. Reino Unido: BBC One, 2022. 6 episódios, son., color. Disponível em: <[primevideo.com](https://www.primevideo.com)> Acesso em: 26 de nov. de 2023.

Polícia prende homem suspeito de criar laboratório para produção de cogumelos alucinógenos no DF. Brasília: Record TV Brasília; Cidade Alerta, 2023. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

POLLAN, M. *How to Change Your Mind*. Nova Iorque: Penguin Press, 2018.

[Prismatta], 14 jan. 2022. *Legalidade da venda de P. Cubensis? Mantida pelo Reddit, Brasil*. Disponível em: <[reddit.com](https://www.reddit.com)>. Acesso em: 13 de set. de 2022.

PRESTES, Alice. Alice Prestes: depoimento [dez. 2022]. Entrevistador: Diego Souza. Brasil: Youtube, 2022. Entrevista concedida ao podcast *Mente Expandida*. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

PROERD TOCANTINS. *Música do PROERD*. Youtube, 11 de set. de 2017. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

PROJETO AZUL – COGUMELOS. *Cogumelo Mágico é crime no Brasil? – Corte @IstoNaoEPodCast*. Youtube, 24 de jan. de 2023. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

_____. *Passo a passo montagem Monotube - 04*. Youtube, 31 de mar. de 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

PSILOCULTURA. Psilocultura, [s.d.]. *Termos e Condições*. Disponível em: <<https://www.psilocultura.com.br>>. Acesso em: 28 de ago. de 2022.

PSICODELIX. PsicoDelix, 2022. *Quem Somos*. Disponível em: <loja.psicoDelix.com>. Acesso em: 12 de ago. de 2022.

RABIN, C. *Sites brasileiros vendem drogas 'legais'*. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <folha.uol.com.br>. Acesso em: 13 de set. de 2022.

REUNION. *Hairy Pouter*. Reunion, 2022. Disponível em: <reunion.xyz>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

[Rialz], 2 ago. 2020. *Venda online de cogumelos alucinógenos em grandes quantidades é crime?* Mantida pelo Reddit, Brasil. Disponível em: <reddit.com>. Acesso em: 13 de set. de 2022.

ROOKIE MYCOLOGIST, THE. *Spore To Flush - All In One Mushroom Bag | Complete Beginner's Guide To Growing Mushrooms*. Youtube, 31 de mar. de 2022. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

SABINA, María. *A vida de María Sabina, a Sábia dos Cogumelos*. [197-]. Entrevistador: A. Estrada. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Autobiografia de María Sabina traduzida por Álvaro Estrada a partir de série de entrevistas.

SAHAGÚN, B. *Florentine Codex: General History of Things in New Spain - Book 9: The Merchants*. Santa Fe: The School of American Research, 1959.

San Francisco 1945. Produção: United Films. EUA: US Information Agency, 1945. 16 min, son., p&b. Disponível em: <unmultimedia.org>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

SANDOVAL-CERVANTES, Iván. *WHAT FUTURE FOR MAGIC MUSHROOMS?* Public Books, 2019. Disponível em: <publicbooks.org>. Acesso em: 14 de ago. de 2022.

Sans Soleil. Direção: Chris Marker. França: Argos Films, 1983. 110 min. son., cor. Disponível em: <youtube.com.br>. Acesso em: 21 de mai. de 2023.

SBT NEWS. *Câmera de PM registra tiroteio e perseguição na zona leste de SP | Primeiro Impacto (30/12/21)*. Youtube, 30 de dez. de 2021. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

SLOTKIN, J.; MaCALLESTER, D. *Menomini Peyotism, a Study of Individual Variation in a Primary Group with a Homogeneous Culture*, Transactions of the American Philosophical Society: v.42, n.4, p.565-700, 1952 apud HUXLEY, A. As portas da percepção e Céu e inferno. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

Smoking and you. Direção: Derrick Knight. Produção: Derrick Knight and Partners Ltd. Reino Unido: [British Information Services], [1963]. 14 min, son., color. Disponível em: <collections.nlm.nih.gov>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

SPORE N' SPROUT. *How to Build a Humidity System for Growing Mushrooms*. Youtube, 17 de abr. de 2021. Disponível em: <youtube.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

STAMETS, P. *Psilocybin mushrooms of the world*. Berkeley: Ten Speed Press, 1996.

STANLEY, A. *Statue of Xochipilli (From the National Museum of Anthropology, Mexico City)*. 2007. Fotografia. Disponível em: <[flickr.com](https://www.flickr.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2022.

Substance: Albert Hoffman's LSD, The. Direção: Martin Witz. Produção: Elda Guidinetti; Peter Luisi; Andres Pfäffli; Carl-Ludwig Rettinger. Suíça: Gaia, 2011. 90 min, son., color. Disponível em: <[amazon.com](https://www.amazon.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

Substâncias alucinógenas são aposta da ciência contra depressão e estresse pós-traumático. Brasil: Rede Globo; Fantástico, 03 de jan. de 2021. Disponível em: <globoplay.globo.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

THINKING MUSHROOMS. *Albino Mushroom Timelapse*. Youtube, 27 de mar. de 2023. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. 2023.

_____. *Minitub Timelapse*. Youtube, 23 de ago. de 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

_____. *Mushroom Timelapse - Straw Log*. Youtube, 24 de jul. de 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

TEVRON SAMPSON. *Turn on, tune in, drop out*. Youtube, 1 de dez. de 2012 Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

THE CURE. *Disintegration (Remastered)*. Oxfordshire: Fiction, 1989. Disponível: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

Tripping. Direção: Vikram Jayanti. Produção: Vikram Jayanti; Michael Shevloff; Alison Taupier. EUA: Channel 4, 1999. 55 min. son., color. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

ULISSES ROCHA - O REPÓRTER. *Maconha, cocaína e Crack, no caminho da Rota*. Youtube, 3 de set. de 2021. Brasil: Rede Manchete; Na Rota do Crime, [1966]. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

UNODC. ONU, *Drogas: Marco Legal*, c2022. Disponível em:<[unodc.org](https://www.unodc.org)>. Acesso em: 22 de ago. de 2022.

[Usuário deletado], 26 maio 2021. *Venda de cogumelos*. Mantida pelo Reddit, Brasil. Disponível em:<[reddit.com](https://www.reddit.com)>. Acesso em: 13 de set. de 2022.

[Usuário deletado], 12 jan. 2022. *Legalidade da venda de P. Cubensis?* Mantida pelo Reddit, Brasil. Disponível em:<[reddit.com](https://www.reddit.com)>. Acesso em: 13 de set. de 2022.

VARELLA, A. *Substâncias da idolatria; as medicinas que embriagam os índios do México e Peru em histórias dos séculos XVI e XVII*. 389 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Departamento de História. São Paulo: 2008.

VENTURINI, T. *Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory*. *Public Understanding of Science*, v.19, n.3, p. 258–273, maio, 2010.

VOZ DAS COMUNIDADES. *AO VIVO: Movimentos inauguram um memorial pelas vítimas da Chacina no Jacarezinho que completa 1...*. Youtube, 6 de mai. de 2022. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

WASSON, G. *Seeking the magic mushroom*. *Life*, v.49, n.19, p. 100–102, 109–120, [mai. de 1957].

Woodstock Music & Art Fair, 1969. Direção: Alejandro Mos Riera. EUA: Vimeo, 2019. 224 min. son., color. Disponível em: <vimeo.com>. Acesso em: 21 de nov. de 2023.

World Tomorrow Special: LSD. EUA: ITV Granada; World Tomorrow, [1967]. Disponível em: <[youtube.com](https://www.youtube.com)>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

SEQUÊNCIA/ÍNDICE

INTRO > TÍTULO > A#I > B#I > C#I > A#II > B#II > C#II > B#III > D#I > E#I > E#II > C#III > F#I > F#II > A#III > CRÉDITOS

1. INTRODUÇÃO

[Poema de La Fontaine sobre tela preta. Em seguida, Cogumelo em Inteligência Artificial muda de fundo e estrutura artificialmente.]

MONTAGEM: Tela escura com sutilíssimo gradiente de tons de cinza (sombas) com linhas do poema aparecendo aos poucos. Corte seco para vídeo contínuo. Estimular contemplação e atenção à fala. Gerar estranhamento entre o que parece natural e claramente artificial ao mesmo tempo.

TRILHA: Som ambiente.

TEXTO: "Um bloco de mármore era tão bonito
Que um escultor o comprou
'Que faremos com ele, cinzel?', diz ele
'Deus, mesa ou cuba?'
Será deus: e quero mesmo
Que tenha um relâmpago na mão.
Tremei humanos! Fazei as vossas preces:
Aqui está o senhor da terra."
(LA FONTAINE, O ESCULTOR E A ESTÁTUA DE JÚPITER)

NAR. AI [V.O.]

À primeira vista, nada é tão natural quanto assumir a natureza em sua inerente naturalidade. Seria absolutamente incoerente, nesta lógica, imaginar, mesmo que por um segundo, que o que tomamos como natural – um cogumelo, por exemplo – seja de alguma maneira construído. Mas e se houvesse um meio do caminho, onde um cogumelo fosse justamente uma *construção natural*? E se houvesse um meio do caminho onde ele fosse *criador e criatura*? Seriam o artificial e o natural as faces indistinguíveis de uma moeda de uma dimensão só?

2. TITLE CARD

[Título por cima da cena anterior. por Miguel Sarzeda. Orientação: Barbara Szaniecki, Daniel Portugal. ESDI, 2023.]

MONTAGEM: Música começa com fim da fala na cena anterior. Quando letra da música começa, título aparece subitamente com Modo de Opacidade Invertido sobre vídeo anterior ainda rodando.

TRILHA: Blanco, Marisa Monte, 1996

TEXTO: por Miguel Sarzeda / orientação Barbara Szaniecki, Daniel Portugal / ESDI, 2023

3. A#I

[Formigueiro na árvore de Sana em plena atividade. Em seguida, trechos contemplativos da mesma viagem: observação da luz da barraca e fogueira.]

MONTAGEM: Vídeos se desenrolam naturalmente, calmos, acompanhando o ritmo das elucubrações. Cortes secos entre pausas da fala. Efeito sutil de imagem dupla dessincronizada em transparência.

TRILHA: Living Torch I, Kali Malone, 2022.

NAR. POETA [V.O.]

"Passei alguns minutos – ou terão sido séculos? – não só contemplando aquele formigueiro, mas sendo-o – ou antes, sendo eu mesmo nele;".

"A experiência era a de uma duração indefinida ou, alternativamente, de um presente composto de um eterno apocalipse em contínua mutação."

"notava-se somente o fluxo reiterado de uma beleza pra outra ainda mais intensa, de um significado profundo pra outros cada vez mais profundos."

"jamais pude perceber que aquilo que o formigueiro significava de modo tão intenso não era nada mais, nada menos que o que ele era – uma transitoriedade que era, não obstante, eterna; um perpétuo perecer que era, ao mesmo tempo, puro Ser; um feixe de particularidades minúsculas e irrepetíveis em que, por um paradoxo inefável, ainda que autoevidente, era possível vislumbrar a fonte de toda a existência."

(HUXLEY,2015, p.17, 19, 20)

5. B#I

[Mudança de CAPÍTULO e pequena pausa para associação do anterior. Maria Sabina conta trechos de sua história. Vídeos da sua rotina, dos elementos que a cercam, da floresta etc]

MONTAGEM: O foco é em demonstrar como o alinhamento de diversos elementos e encontros específicos produz determinadas identidades para um ator-rede. Foco no equilíbrio.

TRILHA: Living Torch I, Kali Malone, 2022.

NAR. MARÍA SABINA (1978)

"Eu sou a mulher que cura,
Eu sou a mulher que senta correto,
Eu sou a mulher das ervas,
Eu sou a mulher sábia em linguagem,

Porque,
Eu sou a mulher sábia em medicina.”

NAR. MARÍA SABINA (1978)

Eu levei os cogumelos à minha boca e os mastiguei. Seu gosto não era agradável. Do contrário, eram amargos... com gosto de raízes, de terra.

Eu senti que tudo que me rodeava era Deus. Sentia que eu falava muito e que minhas palavras eram lindas. Muito depois, eu aprendi que os cogumelos davam sabedoria, que eles curavam doenças, que eles tinham poder e que eles eram o Sangue de Cristo. Por esse motivo nosso povo os tem comido por muitos anos.

Os *Niños Santos* devem ser respeitados. As pessoas que recorrem aos *Niños Santos* devem ser puras em corpo e espírito. Elas não devem ter relações sexuais e não devem ter ido a velórios, para não se contaminar do ar impuro dos mortos.

6. C#I

[Pausa contemplativa-teórica. O foco volta para o cogumelo. Vídeos de micélio crescendo em transparência sobre elementos da rede em questão. Vídeo do cogumelo artificial da INTRODUÇÃO é reprisado. Vídeos de reação em cadeia em fungos.]

MONTAGEM: Voltar

TRILHA: Living Torch I, Kali Malone, 2022.

NAR. AI [V.O.]

*Fatich*e: o encontro entre o natural e o artificial, entre o fato e o feito. O fatich e não se encontra numa natureza dada, “em si”, ou numa cultura arbitrária, “construída”. Ele habita o meio do caminho de um mundo onde essa distinção não existe. Ele é um artefato projetado por certas relações e é também projetista dessas mesmas relações. Ele é uma identidade humana e não-humana. Ele é uma rede espelhada onde toda a ação de todo personagem ricocheteia igualmente um sobre o outro e de volta em si mesmo. É uma ator-rede.

4. A#II

[Vídeos da viagem (IN)SANA e de fotos do EXPERIMENTO I. Na conclusão da cena, cenas, fotos e capturas de tela sobre a compra do cogumelo e o sistema de mercado que o sustenta.]

MONTAGEM: Vídeos aqui sofrem cortes mais rápidos. Se aproveitar de trechos escuros/pretos dos vídeos (IN)SANOS para fazer cortes invisíveis e dar ideia

de um plano sequência quando possível. Foco em exemplificar uma diversidade de elementos-rede. NARRADOR 3 sutilmente sobrepõe NARRADOR 2 (principal).

NARRAÇÃO: NARRADOR 3 em entonação diferente do NARRADOR 2.

TRILHA: (?)

MIGUEL [O.S.] [MIGUEL_elucubrações_1: 00:14 - 00:22]

Mas o que eu ia falar fofo pra vocês... É que, tipo assim, cara... Não sei explicar.

JÚLIA [O.S.] [MIGUEL_elucubrações_1: 00:22 - 00:24]

Hahaha, essencial.

MIGUEL [O.S.] [MIGUEL_elucubrações_1: 00:50 - 01:12]

Não, mas é tipo, cara... eu não tô mais entendendo os limites da minha experiência cronológica, visual, sensória, do tato, da audição, da fala... entendeu? É a sensação de que eu me misturo com tudo que eu tô experimentando.

CAMILA [O.S.] [GABI_depoimento_1: 01:54 - 02:05]

Amigo, mas é exatamente isso. É como se você realmente percebesse que você é um só com o todo. E que você não é mais diferente do outro. [...] É um negócio meio que assim, sabe?

MIGUEL [GABI_depoimento_1: 02:05 - 02:06]

Entendi.

CAMILA [GABI_depoimento_1: 02:07 - 02:12 / 02:32 - 02:42]

Então é uma conexão... não é nem uma conexão, é uma realização de que você é o outro e que o outro é você.

É tipo assim... não é nem estar com o outro, é isso também, mas é assim, você ser o que você é, mas ao mesmo tempo você ser o que o outro é.

5. B#II

[Falas de Wasson [youtube.com](https://www.youtube.com) intercaladas com falas de Maria Sabina para demonstrar as identidades conflitantes que começam a surgir e dividir o cogumelo. Imagens referentes às circunstâncias de cada identidade começam a aparecer.]

MONTAGEM: O foco começa a se tornar a controvérsia. Brincar com valores de oposição é importante. Se antes o objetivo era demonstrar o equilíbrio e o magnetismo entre certos atores-rede que compõe uma identidade, agora o objetivo é denunciar que certos encontros são retrativos e competitivos.

TRILHA: (?)

R. G. WASSON

E estávamos tendo visões incríveis. Elas iam devagar ou elas iam rápido, conforme eu as ordenava. Todos os seus sentidos são aguçados. Nós dizemos que você tem visões, você tem alucinações. Mas isso não diz muito sobre esta história. As alucinações são apenas parte! Você ouve sons, você sente o cheiro de coisas.

A noite foi emocionante.

NAR. ENTREVISTA WASSON

Numa busca sem fim pela arma milagrosa, agentes da CIA procuraram aqui, na remota região montanhosa do Sul do México, pelo que, até então, era considerado um mito: *cogumelos mágicos*.

Eles usaram este homem, um químico de meio período para a CIA, para ludibriar este homem, o vice-presidente de um banco e um micólogo amador, ou expert em cogumelos, para tentar chegar aos cogumelos mágicos e transformá-los numa droga. Mas seria o amador R. Gordon Wasson e seus colegas que venceriam a corrida e desenvolveriam a droga psilocibina a partir do cogumelo mágico.

R. G. WASSON

Nós fomos para a região Mazateca, longe das rodovias, longe da Cidade do México. Lá encontramos aquele bagaço podre, se chama bagaço, coberto de cogumelos – esses cogumelos que eu não conhecia, que nunca... nunca tinha visto – eram os cogumelos sagrados.

NAR. ENTREVISTA WASSON

Wasson também “DESCOBRIRIA” e registraria os antigos e místicos ritos dos cogumelos de uma xamã local, ou sacerdotisa mágica, Maria Sabina.

NAR. MARÍA SABINA (1978)

Muitos estrangeiros me visitam. E tomam minha imagem e minha voz com seus instrumentos. Alguns dizem ser estudiosos, outros dizem que são pessoas importantes na cidade. Escritores também vêm e me fazem perguntas sobre minha vida. Houve muitos estrangeiros buscando Deus. Jovens foram desrespeitosos. Eles comem os Niños não importa quando ou onde. Eles não o fazem durante a noite, nem sob a orientação dos sábios, nem as usam para curar doenças.

É difícil para mim explicar para eles que os rituais não são apenas para sentir os efeitos dos cogumelos, pois eles podem ficar loucos. Uma velada é feita com o único propósito de curar as doenças sofridas pelo nosso povo.

TIMOTHY LEARY [O.S.]

"Turn on, tune in, and drop out!"

6. C#II

[Pausa contemplativa-teórica. Cenas de fios cogumelísticos opostos são pano de fundo para definição e discussão sobre controvérsias. Cena de cabo de guerra, de corda tensionando.]

MONTAGEM:

TRILHA: (?)

NAR. AI [V.O.] (VENTURINI, 2010, p.261, tradução minha)

Controvérsias: Controvérsias "se iniciam quando os atores descobrem que não podem ignorar um ao outro e controvérsias terminam quando os atores arranjam uma maneira de desenvolver um compromisso sólido de viver juntos."

7. B#III

[No escuro, María Sabina canta a velada. Luzes (leves padrões) visuais vistos detrás da retina. Intercalam com a canção: Vídeos IN(SANOS), trecho de lojas de cogu (CAP. A#II), imagens sagradas católicas, cultivo, Timothy Leary, repetição de trechos do (cap.2), vacas, cogumelos germinando, etc.]

MONTAGEM: A voz ecoa e se sintetiza até se tornar um som amorfo. Imagens vão ganhando contraste até se tornarem amorfas. O ruído vai para o preto e no preto aparecem sutis padrões visuais. A canção para e alguns segundos de silêncio.

TRILHA: (?)

8. D#I

[Laboratórios, produção, a psilocibina se despede do cogumelo. Cogumelo Invertido. Sons de Pílulas, moléculas. Trechos de pesquisadores e corpo da saúde trabalhando.]

MONTAGEM: Num corte abrupto, (ICONOCLASMO), som de estilhaços. Longe dos rituais, os hongos sagrados são, aqui, psilocibina, portanto usar uma identidade visual/sonora diferente em relação ao momento passado.

TRILHA: (?)

ROLAND GRIFFITHS (2022)

Às vezes, me perguntam o que acho dos psicodélicos. A minha resposta é simples: acredito nos dados. Sou formado em

Psicofarmacologia, que é a convergência de tentar entender drogas psicoativas e comportamento.

BILL RICHARDS (2022) [O.S.]

Logo atrás do dormitório onde eu morava, havia uma clínica psiquiátrica onde estavam experimentando com uma droga que eu não conhecia, chamada "psilocibina". Então, eu me voluntariei...

PSIQUIATRA X [O.S.]

Fique calmo. Estamos aqui para cuidar de você. Não resista.

BILL RICHARDS (2022) [O.S.]

E um estado de consciência muito bonito e significativo se abriu na minha mente. E, de muitas formas, o resto da minha vida se tornou notas de rodapé disso.

Eu me mudei para Baltimore, para o Hospital Estadual Spring Grove, de muitas formas a Meca da pesquisa psicodélica, que dava psilocibina a pacientes com câncer. Uma das coisas mais incríveis que pacientes com câncer alegam após essas experiências transcendentais é que eles perdem o medo da morte. Há uma profunda sensação de que o universo está em boas mãos, e eles lidam com a morte com mais curiosidade. Sem pressa, eles vão valorizar todos os dias que puderem, mas eles não têm aquela ansiedade, o medo do desconhecido, que tinham antes.

9. E#I

[Timothy Leary introduz o cogumelo, ou melhor, o *psicodélico*, como um instrumento político disruptivo fundamental. Imagens de contracultura nos EUA, então imagens de fungos crescendo se espalhando, e então imagens da contracultura no Brasil.]

MONTAGEM: A associação entre cogumelos e LSD deve ser feita aqui, porém não precisa ser falada: mostrar pessoa comendo cogumelo e em seguida pessoa tomando LSD no momento em que Leary descreve seu primeiro uso do cogumelo, mais especificamente, no último parágrafo da fala. Nesse momento, usar também o jogo de som X silêncio como instrumento de associação. No momento em que a sequência de cenas ocorre, a música para. Logo em seguida, outra mais acelerada começa para indicar que o LSD de certa forma dá uma continuidade acelerada à expansão do cogumelo e da psicodelia pela juventude. Ao longo de tudo, mostrar vídeo de micélio crescendo, como se a cogumelo-rede estivesse se expandindo.

TRILHA: (?)

LEARY (1966)

[...] então eu fui ao México e um amigo meu que era antropólogo me contou sobre um método que foi usado por indígenas no

México.. A medicina e o sacerdote, antes da chegada do homem branco.

Eles usavam cogumelos.. são chamados cogumelos sagrados. Ele me disse que eles ainda cresciam nas montanhas próximas à Cidade do México.

Então, numa tarde de sábado ensolarada, 6 anos atrás, ele trouxe uma sacola com esses cogumelos e eu comi 7 deles. E eu aprendi mais sobre psicologia, sobre a mente humana, sobre a situação humana nas 5h depois de ter comido estes cogumelos..

ENTREVISTADOR (1966)

Eles tinham um efeito de 5h?

LEARY (1966)

Um efeito de 5h. Sim.

Eu aprendi mais nessas 5h do que eu havia aprendido estudando, pesquisando em psicologia, do que tratando pessoas como um psicoterapeuta.

LEARY (?)

Nós dizemos aos jovens de hoje que caíam fora da escola, pois hoje, a educação das escolas é a pior droga narcótica de todas. Não se meta com política, não vote, esses são jogos de homens velhos. De velhos impotentes e senis que querem te por em seus velhos jogos de xadrez da guerra e do poder. Caia fora, sintonize com coisas naturais, tire seus sapatos, sintonize com a harmonia de Deus. Cerque-se de beleza e de objetos sagrados. Ele não pode ser pego na conformante rota passo a passo que chamamos de sociedade americana.

NAR. GRANADA TELEVISION DOC [2:55 -

Esta é a famosa experiência psicodélica.

Dr. Timothy Leary, o alto sacerdote do LSD na América e seu fervoroso e público defensor, descreve-a como ligar a mente, sintonizar com o infinito e cair fora do aqui e agora.

BABY CONSUELO / NOVOS BAIANOS (1973)

Be-o-bó-le-a-la, bola
Te-é-té-le-a-la, tela
A-te-é-té-le-a-la, a te lá
Te-Lê-a-la-le-e-lê-li, lua
Re-a-rá-rê-e-ré-rê-e-ri, rua

RITA LEE (?)

PEDRO BIAL (?)

BABY CONSUELO / NOVOS BAIANOS (1973)

Aí já é alunte
Semelhante dela ouvir
Porque não temos tempo
Pra esses papos pensados
Estamos na linguagem do alunte
Palavra nova que dispensa explicação
Pra lá, muito pra lá de alucinação
Ter quer dizer nada

Ande, teremos
Acompanhe o dia
Chegue a extrema
Luz solar do meio dia

10. E#II

[Nixon introduz o cogumelo, ou melhor, a *droga*, como o "inimigo número 1 da América" e do mundo. No início do vídeo, o próprio Nixon. Depois, vídeos dos esquemas de combate ao tráfico no Brasil e recortes de manchetes de jornais acerca do ópio e marijuana nos EUA, trechos de bolsas de valores, famílias tradicionais em contraste com famílias não tradicionais. Ao longo de tudo, mostrar vídeo de micélio de trás pra frente, como se a cogumelo-rede estivesse se retraindo. Em seguida, trecho da palestra de Leary sobre o estabelecimento ser o inimigo número 1. Recortes das entrevistas.]

MONTAGEM: Neste trecho, demonstrar os fundamentos (por vezes, violentos) que sustentam e são sustentados pelo alcance de falas como essas. Montagem mais rápida, contrastes aparecem como trovões, rápidos.

TRILHA: PROERD

KILO ALI (1990)

A América, América, América tem um problema. Cocaine.

NIXON

Senhoras e Senhores, eu gostaria de sintetizar para vocês o encontro que acabo de ter com os líderes bipartidários, que começou às 8h e foi concluída 2h depois.

Eu iniciei a reunião fazendo a seguinte declaração que eu acho que deve ser feita para a nação. O inimigo público nº 1 da América, nos Estados Unidos, é o abuso de drogas.

LEARY

Richard Nixon? Você se pergunta por que me botaram na cadeia? Hahahaha. A razão foi, é claro, o fato de a Administração de Nixon ter dito ao povo americano que a influência corruptora nº1 que ameaçava o modo de vida americano eram as drogas.

E ele estava absolutamente certo!

NIXON

No intuito de combater e derrotar este inimigo é necessário travar uma nova ofensiva total. Eu pedi ao Congresso para providenciar a autoridade legislativa e os fundos para alimentar este tipo de ofensiva. Esta será uma ofensiva mundial que lida com os problemas de fontes e suprimentos assim como os americanos que podem estar baseados internacionalmente, onde quer que possam estar no mundo.

Ela se dará em todo o governo, unindo as nove diferentes áreas fragmentadas dentro do governo no qual, agora, este problema está sendo endereçado. E se dará em toda a nação, em termos de um novo programa educacional, que acreditamos que será um resultado da discussão que tivemos.

LEARY

Queridos robôs, esta é a grande mentira. O real processo narcótico viciante neste país é o estabelecimento.

REAGAN

As drogas estão ameaçando nossa sociedade. Elas estão ameaçando nossos valores e enfraquecendo nossas instituições. Elas estão matando nossas crianças.

BOLSONARO

A família é sagrada para nós, o outro lado, o tempo todo atacando os valores familiares. Se você tem dúvida nisso, dá um Google aí: PNDH3. Veja a barbaridade contra a família brasileira. Entre outras ações do PNDH3, a desconstrução da heteronormatividade. Nós também não aceitamos a legalização das drogas, como Lula já falou que quer. O PT quer a legalização das drogas. Só quem tem o filho no mundo das drogas sabe o sofrimento que é uma mãe, um pai, um filho nessa situação. A questão da ideologia de gênero. Não podemos ensinar coisas erradas para nossas crianças em sala de aula. A sala de aula instrui, quem dá a educação, o pai e a mãe. E eu tenho certeza que você mãe, que tem uma filha de 6, 7, 8 anos, não quer que ela vá no banheiro no intervalo da sala de aula e encontre um marmanjão de 10, 15, 14 anos lá dentro. Você não quer isso! A sua filha, o seu filho é o SEU PATRIMÔNIO. Nós respeitamos a família, primamos pela liberdade e em especial pela liberdade religiosa.

11. C#III

[Pausa contemplativa-teórica. Ao longo deste trecho, usar repetição da comunicação que foi estabelecida no último capítulo. Comparar o movimento de expansão ou retração da cogumelo-rede considerando determinados elementos.]

MONTAGEM:

TRILHA: (?)

NAR. AI [V.O.]

Não estamos buscando uma definição para o cogumelo, mas sim sua indefinição. O cogumelo – ou melhor, as Crianças Sagradas, a psilocibina, o psicodélico, a droga – não é uma identidade dada, mas algo disposto sobre uma malha mutante de tudo com o que interage. Ele é desenhado por uma trilha de pistas deixadas pelos contracenantes que atuam consigo nessa rede de rastros, ao mesmo tempo em que também a desenha.

Essa recusa em se definir pode até mesmo provocar a retração da sua crescente influência sobre essa trilha, como é o caso do perigo disruptivo que seu contato com uma comunidade tradicional cristã dispõe aos fundamentos que a mantém de pé. Ao mesmo tempo, essa indefinição pode permitir uma expansão da sua influência sobre uma trilha alternativa, onde seu contato e impacto é abraçado como uma libertação da mente.

Em meio a controvérsias e disputas sobre sua identidade, os cogumelos vão se manter em navegação e em eterna mutabilidade, sempre cabendo nos gargalos de uma disputa que é condicionada pela sua própria existência e que, em contrapartida, garante sua própria existência.

MIGUEL [O.S.] [MIGUEL_elucubrações_2: 03:34 - 03:43]

É porque o significado dele tá entranhado nessa relação entre eu e ele, entendeu?

MARCOS [O.S.] [MIGUEL_elucubrações_2: 03:43 - 03:44]

Quem é ele?

MIGUEL [O.S.] [MIGUEL_elucubrações_2: 03:45 - 03:46]

O cogumelo.

12. F#I

[A cogumelo-rede segue em novos hábitos e conexões. Ela sobrevive nas redes digitais, nas legislações (ou ausência delas), na mídia, nos laboratórios, nos retiros, nas fritações, no tráfico, no esterco, em Palmtown. Brecha legal, instagram e novo interesse.]

MONTAGEM: A partir deste trecho, a ideia é priorizar a sensação de continuidade. A cogumelo-rede avança ou contorna, mas sempre segue. "Falem mal mas falem de mim". Esse CAP começa antes que o anterior se encerre, no último parágrafo. Além disso, demonstrar os debates, as contrapartidas, a instabilidade, as controvérsias.

TRILHA: (?)

HENRIQUE CHAVES (2023) [00:00 - 00:05 / 01:51 - 02:02]

Operação Cogumelo Mágico. Homem que montou laboratório clandestino é preso.

A polícia apreendeu um monte de coisa, né? Tem uns cogumelos jogadinhos ali também, outras *cositas* mais. É... muita apreensão, não é isso?

MANOEL DE OLIVEIRA (2023) [02:07 - 02:42 / 02:49 - 03:18]

Exatamente Henrique, muita coisa foi apreendida. Todo esse material, né, que era usado para a produção desse cogumelo alucinógeno foi apreendido. A polícia conseguiu apreender também cápsulas e litros de produtos ilícitos, extratos vegetais, e vários quilos do cogumelo *in natura*, né, que é chamado, aí no mercado, pelos traficantes. Esse homem, ele realmente morava sozinho, Henrique, e, de acordo com a polícia, há suspeita de mais envolvidos neste crime.

PROJETO AZUL [00:08 - 01:22]

Se eu falar pra você que cogumelo é proibido... eu vou tá mentindo. Cogumelo não é proibido, porque pra algo ser proibido isso tem que estar explícito na Lei. Então teria que tá lá *Psilocybe Cubensis*, assim como a *Cannabis* tá lá na lista F2 da vida.

Mas na lista F2 da ANVISA consta a Psilocibina e a Psilocina, que são substâncias que o cogumelo *Psilocybe Cubensis* tem no seu interior. Então existe uma questão de interpretação do juiz.

Então assim, eu não conheço, tá? em todo esse tempo em que eu trabalho, ninguém que foi preso por cogumelo. Eu conheço um caso de uma pessoa, que esse processo está rolando desde 2020, que ele vendeu o cogumelo, é... o pessoal do Correios acionou a Polícia Civil, a Polícia Civil chamou a Polícia Federal, levaram fizeram análise, constou psilocibina e ele tá... esse processo tá tramitando, mas ele não foi preso.

E a maioria das pessoas que são presas com cogumelo, tá associado a uma outra droga. Teve um caso em Minas Gerais há um tempo atrás, o cara que foi preso com cogumelo, falaram cogumelo na reportagem, mas o cara tinha MDMA, cocaína, maconha, LSD.

Então não é só uma, né...? São os agravantes. Teve um caso no Sul, o cara foi pego com cogumelo, mas tinha dois revólveres calibre 38. Então assim...

MANOEL DE OLIVEIRA (2023) [02:49 - 03:18]

Lembrando que esse produto, ele vendia dizendo que era um produto legal na internet, mas que prejudicava sim a saúde de quem comprava. As pessoas, como era tudo muito bem embalado por ele, muito bem *industrializado* dentro desse laboratório, Henrique, ele conseguia fazer com que as pessoas *comprasse* e,

então, ele mandava aqui para o Distrito Federal e também para todo o Brasil, Henrique.

DELEGADO (2023) [05:07 - 05:26]

O que chama atenção da Coordenação de Repressão às Drogas, neste caso, e que serve de um alerta para toda a população do DF, é que ele se utilizava de *fake news* nos sites e nas redes sociais dizendo que esses cogumelos eram naturais e, por isso, tinham seu uso liberado em território nacional.

HENRIQUE CHAVES (2023) [07:40 - 07:48]

Quer dizer, não é Manoel, o cara tinha uma indústria clandestina dentro de casa e dá pra gente imaginar, realmente, que ele não fazia tudo isso sozinho.

HENRIQUE CHAVES (2023) [06:52 - 07:02]

E é bom a gente lembrar, não é Manoel? que esse tipo de cogumelo aí que ele tava produzindo aí, isso faz mal pra saúde, não é isso?

MANOEL DE OLIVEIRA (2023) [07:05 - 07:39]

Faz sim, Henrique, porque esses cogumelos, eles possuem uma substância altamente viciante que causa problemas mentais e também problemas físicos. Esses produtos, eles eram vendidos tanto na forma *in natura*, entre aspas, quanto processados, envasados em comprimidos e também em tintura, que eram para ser utilizados como florais, então, um produto altamente viciante e proibido aqui no Brasil.

NARRADOR 04 [O.S]

TELA AZUL: Impossível localizar fundamentos e pesquisas.

DR. MATTHEW JOHNSON (2022) [02:01 - 02:15 / 01:44 - 01:56 / 00:17 - 00:25 / 00:33 - 01:40]

Uma das coisas incríveis sobre os psicodélicos clássicos, como psilocibina e LSD, é que elas não são viciantes. Elas podem ser usadas de forma abusiva, ou seja, que elas podem ser usadas de uma forma perigosa para a pessoa, mas elas não são viciantes. Ninguém fica sedento pela próxima onda de cogu.

Em relação a outras substâncias psicoativas, os psicodélicos são assustadoramente, fisicamente seguros. Para a maioria das pessoas não há uma dose letal de overdose de psilocibina ou LSD.

Sendo claro: Toda intervenção médica e todo composto psicoativo apresenta riscos.

Na perspectiva geral, os danos que se veem em psicodélicos, ainda que sejam reais e que saibamos o que são... a prevalência destes perigos se empalidecem em comparação a outras

substâncias psicoativas, legais e ilegais. Numerosas investigações científicas com especialistas ranquearam os danos ao usuário e à sociedade em geral relativos a uma grande variedade de compostos, legais e ilegais. E o que aconteceu vez após vez, quando pessoas trouxeram dados objetivos a essas questões, é que você vê que o topo da lista realmente traz pouca ou nenhuma relação com status de legalidade. Então no topo dessa lista de perigo você verá compostos como o tabaco e o álcool. Consistentemente, no espectro oposto desta lista, estão os cogumelos *Psilocybe*, ranqueado como o mais baixo entre todos os maiores compostos psicoativos em termos de danos a si mesmo e aos outros.

ALICE PRESTES (2022) [00:20 - 00:42]

A gente tá aí tendo nesse verão, é um alerta bem grande aí pro pessoal, consumo do cogumelo seco como se fosse um salgadinho [...] Isso é muito grave, isso pode comprometer o teu DNA, isso pode tornar improdutivo, como numa única tomada, você pode nunca mais voltar, num grau de esquizofrenia extremamente sério.

POLIANA ABRITTA (2022) [00:01 - 00:14]

No primeiro domingo do novo ano, a ciência também olha pra além da Covid. Na reportagem especial do Ernesto Paglia, você vai ver como drogas psicodélicas voltaram a ser uma aposta na evolução da psicoterapia.

ERNESTO PAGLIA (2022) [02:17 - 02:36]

Desde o ano 2000, universidades de várias partes do mundo foram autorizadas a retomar as pesquisas e se juntar num movimento chamado por elas mesmas de Renascença Psicodélica. Aqui no Brasil nossos pesquisadores estavam logo no primeiro pelotão deste resgate científico.

ERNESTO PAGLIA (2022) [03:04 - 03:09]

A ideia, afinal, é substituir o terapeuta, a terapia?

ERNESTO PAGLIA (2022) [03:10 -

Pelo contrário. A ideia é entender como os psicodélicos podem se somar ao processo psicoterapêutico.

STEVENS REHEN (2022) [04:50 - 05:09]

Serotonina, ele é um neurotransmissor que ajuda os neurônios a se comunicarem. A partir do momento em que você ativa o receptor de serotonina com psicodélicos, você aumenta a maleabilidade do tecido cerebral a ponto que você pode, eventualmente, com a ajuda da psicoterapia buscar outros caminhos para enxergar aquele problema, talvez, com uma outra perspectiva.

ERNESTO PAGLIA (2022) [06:10 - 06:22]

O psiquiatra Allan Davis, da mais antiga universidade de pesquisa americana, a Johns Hopkins, publicou em novembro, o resultado de um estudo sobre o uso da psilocibina nos casos graves de depressão.

ALLAN DAVIS (2022) [06:22 - 06:40]

O método tem que ser supervisionado por terapeutas e médicos. Os pacientes passam por cerca de 11h de terapia preparatória só para o uso da droga e outras tantas falando sobre a experiência nas sessões seguintes. Não é como receber uma receita e levar um remédio pra casa.

13. F#II

[Stop-motion ou captura de tela com processo de compra e cultivo.]

MONTAGEM: A partir deste trecho, a ideia é priorizar a sensação de continuidade. Conclusão: A cogumelo-rede avança ou contorna, mas sempre segue sobre controvérsias e garante sua existências. Que depoimento mais conveniente que ele – mesmo após todos esses bem-me-quer, mal-me-quer – chegue até minha mão?

TRILHA:

CAMILA [O.S.] [GABI_depoimento_1: 02:48 - 02:55]

Foi incrível amigo, tanto que eu pedi pro meu amigo comprar de novo e ele já comprou e vai mandar entregar na minha casa.

MIGUEL [O.S.] [GABI_depoimento_1: 02:55 - 02:56]

Tudo! Ele comprou em site assim?

CAMILA [O.S.] [GABI_depoimento_1: 02:57 - 03:07]

Comprou em site. Ele compra num site que faz pesquisa e daí eles mandam o cogumelo na tua casa e você come.

14. A#III

[Cogumelo-rede retorna ao início da trajetória. Ela se encontra comigo. Algum trecho de alguma gravação (IN)SANA ou áudio de EXPERIMENTO I. Cenas minhas começam a se misturar com outras cenas utilizadas anteriormente, lentamente permeando umas sobre as outras até se tornar uma massa disforme. Corte seco e retorno ao vídeo do formigueiro do CAP A#I.]

MONTAGEM: Vídeos e fotos em transparências.

TRILHA:

NAR. POETA [V.O.]

São centenas de estímulos que tornaram a experiência toda um grande exercício contemplativo e introspectivo, ao mesmo tempo que extremamente ligado a uma rede de elementos externos.

NAR.POV [V.O.]

meus amigos, música, o som do pife, minha sensibilidade, conversas, um medidor de dosagem, risos, videoclipes, o escuro, Palmtown, cães, um marcador de página encantador, tabaco, Trident, um banho, a microscopia dos meus olhos, fones de ouvido, meus gatos, meu gravador de áudio, a câmera, o prisma cromático que se formou nos meus olhos a partir de uma pequena lágrima pós gargalhada, pão puro e seco...

NAR. POETA [V.O.]

Como um movimento de respiração, tudo tratou-se da sensação de inspirar o que estava fora de mim e expirar o que, a partir desses encontros particulares mediados pelo cogumelo, formava um significado particular gerado por mim, pelo cogumelo e por todos esses elementos – para então repetir o processo, como transitar constantemente entre o sonhar e o despertar.

NAR. POV [V.O.]

Era como ser a ponta visceral de sensações de um iceberg fúngico que se estende até as profundezas dos tecidos, moléculas, sons, toques, cheiros, tecnologias de cultivo, umidade, tradições de uso... que se estende da música que estimulava minha imersão, à minha forma particular de sentir e pensar, à troca com o outro e todo o resto que fez parte da minha experiência para formar o que chamamos *cogumelo mágico*.

MIGUEL [O.S.] [5...: 00:01 - 00:02]

Amiga, nesse ponto eu só tô existindo.

BRUNA [O.S.] [5...: 00:03 - 00:04]

Para, para, para.

MIGUEL [O.S.] [5...: 00:05 - 00:06]

Tô gravando.

NAR. POETA [O.S.][HUXLEY,2015, p.17, 19, 20]

“Passei alguns minutos – ou terão sido séculos – não só contemplando aquele [formigueiro, mas sendo-o] – ou antes, sendo eu mesmo [nele]; [...]”

“[...] jamais [pude] perceber que aquilo que [o formigueiro] significava de modo tão intenso não era nada mais, nada menos que o que [ele era] – uma transitoriedade que era, não obstante, [...] eterna;”

MIGUEL [8...: 00:08 - 00:13]

Cara, eu só fui. Não sei, pra mim só fazia sentido.

FIM